LIVRO

DOS

QUINTANISTAS

DE

FARMÁCIA

1952
IMPRENSA MODERNA, LTD.
Rua da Restauração, 317-2.º—Porto

LIVRO

DOS

QUINTANISTAS

DE

FARMÁCIA

1952

FACULDADE DE FARMÁCIA
PORTO

AOS NOSSOS MESTRES

AOS NOSSOS PAIS

ÀS NOSSAS NOIVAS

AOS NOSSOS NOIVOS

AOS NOSSOS AMIGOS

P R Ó L O G O

Eu vi o rio na serra
A brotar na rocha dura...

...E a procurar a vida
Correu, a cantarolar...

Eu vi gargantas estreitas
Que teve de serpear...

...E o rio lutou, sofreu,
Sempre a caminho do mar.

Era um fio de água, assim
Que a princípio mal se via.
Mas foi crescendo, crescendo,
Que agora já é do mar
E rescende a maresia...

Eu era assim como o rio
Que foi p'ró mar a correr.
Mas o mar é grande, é grande
E nas águas que se perdem
Receio vir-me a perder!

Mas o rio nasceu, cresceu
E não temeu
O ir correndo p'ró mar.

RUI BASTOS

Adalberto Vieira de Castro

Lá na Ilha do Pico, Junto ao Céu,
O Adalberto Castro foi nascido.
Mas o loiro rapaz quando nasceu
Era da cor dum camarão cozido.

Depois foi para a escola; e ao ler na História
Os feitos dos antigos Portugueses,
Eivados de heroísmo e tanta glória,
Sonhava em ser assim, bastantes vezes.

E um dia abalou p'rá Capital,
E como era pessoa muito fina,
Trabalhou duma forma bestial,
Pois sonhava formar-se em Medicina.

Mas cedo se fartando de sonhar,
Resolveu dar um ar da sua graça;
E apreciando a vida militar
O Adalberto, um dia, sentou praça.

«Assentou praça», não! Foi apurado!
E após fazer o Curso d'Oficiais,
P'ra Cabo Verde foi mobilizado,
A defender as terras coloniais.

Quando embarcou, prestara bom serviço
Já em Vila Viçosa, como alferes.
A terra era pequena e, só por isso,
Ele não tinha muitos afazeres...

A pensar em futura promoção,
Foi que o Castro partiu, todo contente.
E atirou-se, de alma e coração,
À conquista do posto de tenente.

Porém não se encontrava satisfeito;
Alguma coisa lhe faltava ainda...
E um dia resolveu, de peito feito,
Correr também uma aventura linda.

E o Pico viu um dia um calmeirão,
De cabeleira loira esvoaçante,
Que tinha certos fumos d'ambição
Transformar-se, de chofre, em navegante.

Enjoou como um homem que se preza,
Livideceu-lhe o rosto cor de rosa.
Porém tudo sofreu, pela certeza
De ir aportar à India misteriosa.

Ele era nesse tempo um rapaz novo
Que não tinha, como hoje, à luz do dia,
Umas melenas cor de gema d'ovo
A emoldurar-lhe a calva luzidia.

Mergulhou nos costumes desse povo,
Chegando a tentar ser faquir completo;
Mas ele era gordinho como um ovo
E um bom faquir é magro como um espeto!...

Como não tinha nada que fazer,
A não ser ver passar o calendário,
Começou a estudar p'ra se entreter...
...E um belo dia achou-se boticário!

Sob a tórrida luz do sol indiano
Que lhe tostava a pele e mais o pêlo
O Adalberto Castro, ao fim dum ano,
Desabituou-se até de usar cabelo!

E como nessa terra de mistério
O que havia a fazer não era nada,
Pediu no respectivo Ministério
P'ra repetir o Curso, de empreitada.

E foi estudar então p'rá capital,
Dedicando o seu tempo todo ao estudo
Tão só p'ra concluir que, afinal,
Não lhe chegava ainda esse «canudo!»

E veio para o Porto, finalmente!
Porém, como quisesse emagrecer,
Tentou comprar a cinta competente
De lhe fazer as banhas abater.

Porém já não me dá satisfação
A compra, que eu julgava um bom prenúncio,
Porque este impenitente solteirão
Já disse que só casa por anúncio!

De tudo que na Índia o Castro viu,
Para «driblar» os mestres exigentes
Uma coisa, decerto, lhe serviu:
Ter aprendido a encantar serpentes!...

*

* *

Perdoa, oh das melenas cor de malva,
Ter descoberto a tua rósea calva
E não te zangues, pois, de eu te «queimar!»

Vai-te casar depressa e sê feliz!
E se um dia fores pai d'algum petiz
Põe-lhe o meu nome — que ele há-de gostar!

FLÁVIO SERZEDELLO DE OLIVEIRA

Alberto Dias de Sousa Rio

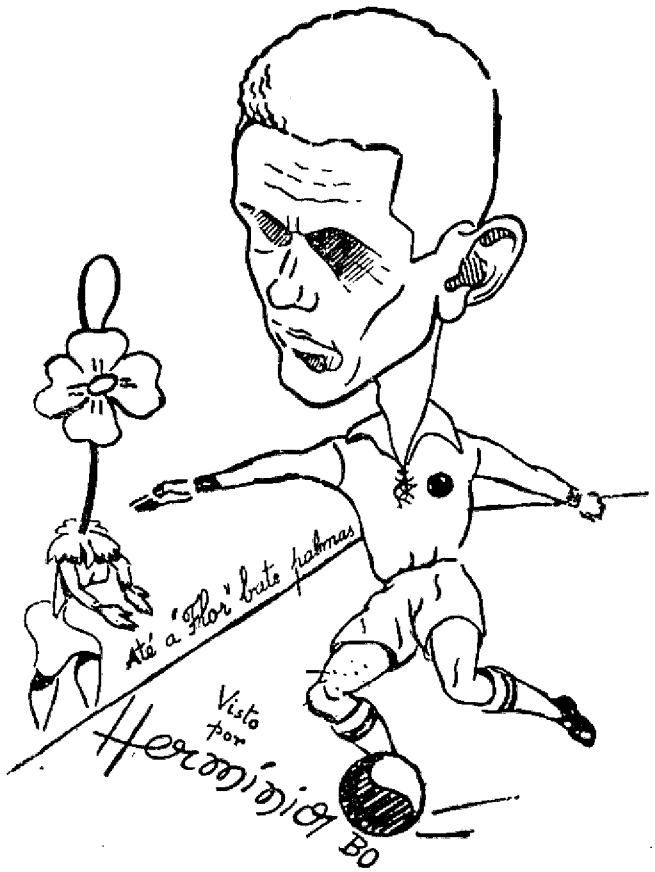
Alto, seco de carnes, algo feio,
Um rosto muito ossudo, tendo ao meio
Saliente nariz,
As faces muito brancas, descoradas
E as orelhas enormes, despegadas,
Dão-lhe um ar infeliz.
Abaixo e atrás da sobrancelha hirsuta
Olhos em cova, de pupila astuta
E dura como o aço;
E pela pequenina cabecinha
Espraia-se uma reles carapinha,
Desde a testa ao cachaço.
Campeão dos traficantes de ilusões,
Incendiário ladrão de corações
De loiras e morenas,
O amor é para ele um mero acaso;
E depois de estar farto, não faz caso
Das pobres das pequenas!
Quando alguma pretende conquistar,
Ele é capaz, até, de versejar!
E barafusta e grita
Para ver se ela vai no aranzel!
Mas ao cabo fez sempre um bom papel
De «cínico da fita!»
Por isso, as fitas deste quintanista
São muito grandes, a perder de vista;
São fitas especiais
Que servem p'ra apontar este parceiro
Como o maior e o melhor «fiteiro»
Dos tempos actuais!
Das diversas manias do seu rol
A pior é a de jogar o futebol
E de fazer ginástica;
Para quê, não consigo perceber,
A menos que pretenda assim manter
A esquelética plástica!

Tem a mania da filosofia
E faz uns arremedos de poesia,
Que andam p'ra aí dispersos...
E como director dum tal «Micróbio»,
Tentou lançar na lama e no opróbrio
O autor destes versos!
Do «Còramina» é sócio permanente,
Sócio de mérito e correspondente
E sócio fundador,
Não sei lá bem por quê; o Albertinho
Mui raramente bebe qualquer vinho,
Nem mesmo um bom licor!
Só bebe leite, em pó ou condensado
E anda a Nestogeno alimentado,
Farinha «33»,
Nestlé, Ovomaltine e mais farinhas,
Gastando disto tudo umas latinhas
Trinta dias por mês!
Ele usa ainda na alimentação
Muita manteiga e muito pouco pão
E um fogareiro fino
Quando há chá de limão para fazer,
Fogareiro que serve p'ra aquecer
Os pés do Constantino!...
Porém das coisas mais extraordinárias,
São umas quadrasitas ordinárias
Que, na Restauração,
Na folhinha vulgar da sanidade
Provam que ele não tem, na realidade,
Nenhuma inspiração!...
É dos alunos mais inteligentes
E nas provas, dos mais proeminentes
Entre outros estudantes;
Até já inventou que p'ra ser «urso»
Basta ler a matéria do seu Curso
Uns quinze dias antes!...

Alberto Rio: desculpa a queimadela à-toa
Que te aplicou um amigo velho de Lisboa,
Desde o tempo em que andámos ambos no «Moderno!»

Que Deus te dê ainda muitos mais amores
E te encha a vida sempre de bonitas flores,
São os votos leais do teu amigo eterno!

FLÁVIO SERZEDELLO DE OLIVEIRA


Até a "Flor" brote palmas
Visto por
Hermínio Bo

Alfredo Alves Bentes

No livro dos Boticários
Que já saíu há dois anos
O Bentes foi retratado
Quase desde pequenino.

Era alguém desempenado
Impecável, barbeado
P'ra quem a vida era o Fado
E o Fado era um Hino.

O Bentes era assim...
Era o tal madrugador
De fato bem escovado
Colarinho d'alva cor.

Já «boticairo», doutor
Pretendeu ele vir a ser.
E o Bentes, prosseguindo
A ser aquilo que foi
Sê-lo-á até morrer.

O quarto está arrumado
O quinto está a arrumar.
Mas do quarto e do quinto
Pouca coisa há a contar.

Afinal não há cadeiras
Que se não possam fazer.
Com noitadas e canseiras
Mais conversas «patileiras»
O monstro Licenciatura
Acaba por perecer.

Já finalista, o Tenente
Foi eleito secretário
Da nossa Associação...
E portou-se como gente
Pois vendia rebuçados
Nos jarros punha flores
E ouçam, caros leitores,
Chegava a varrer o chão!

As mesas de pingue-pongue
Sempre as tratou com carinho.
Com os «bons» ele suava
Mas o pacence afirmava
Quando com o Nélio jogava
Que ele vinha de «carrinho».

Mas o «doutor bioquímico»
Ou o «doutor patileiro»,
A jogar como um padeiro
E risinho sempre cínico,
Discutia com o parceiro
A falsa supremacia.

Agora ganha o Bentes
Logo ganha o Patileiro.
E se a negra jogavam
Aos vinte-vinte... empatavam,
E por vezes lá ficavam
A suar o dia inteiro...

Se perdia de manhã
Apressava-se a afirmar:
— Tenho os óculos embaciados
E vós já estais informados
Que de manhã não sei jogar.

E quadradas com os «Fixes»
Ou então lutando só?
Uma vez com uma Armanda
Empregou-se com afã
E a brincar... deixou-a a *ó!*

Nas funções de director
Ele valia por seis.
Conseguiu um «olho mágico»
E empreendeu uma excursão
Ao museu... Soares dos Reis.

Até parece chalaça
Esta que vos vou contar:
No dia do «Copo de Água»
Eu não sei que carga de água
Ou então quais os conselhos
Que o fizeram trocar
Quer o vinho, quer champanhe
Por Água... de Carvalhelhos!

Afinal não foi por graça
Que ele assim procedeu.
Qu'ria manter a «linhaça»
E por isso não bebeu.

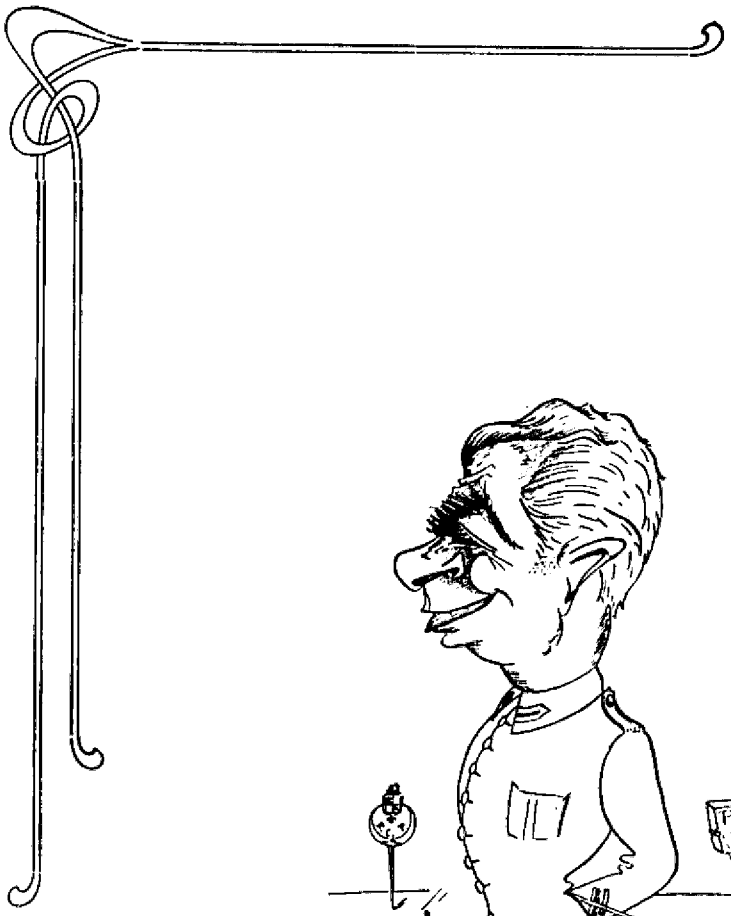
Se há de facto um ano inteiro
P'ra Marília ou «Zé de Braga»
Ou outras casas que tais,
O cortejo dos doutores
É um dia p'ra amadores
E não p'ros... profissionais!

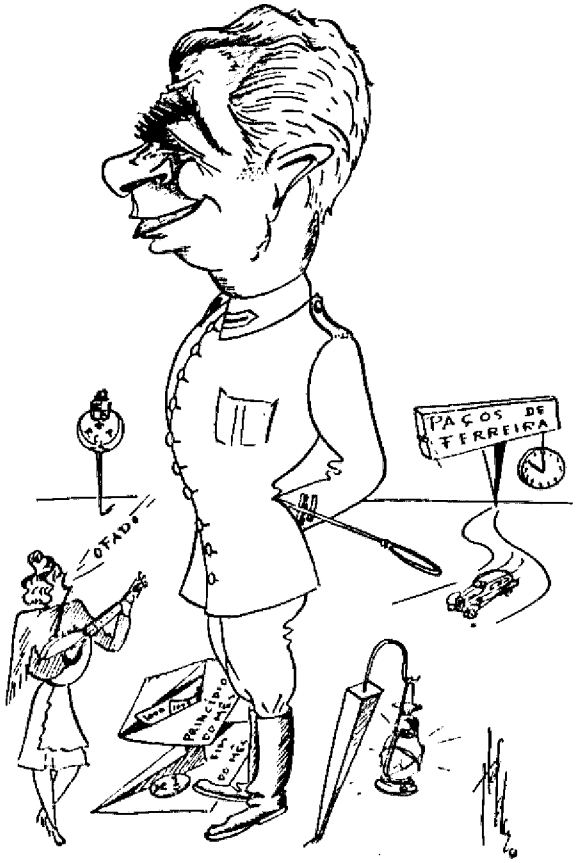
O coração já tem dono,
Assinaram-lhe a «tal» fita!
Por isso eu aconselho
A que fuja a bom fugir
Qualquer amor... parasita!

Por tanto gostar do Fado
Da Nélita e mais da Zélia.
Ele arranjou p'ro futuro,
Alguém que, cantando o Fado
Não é Amália... é Amélia.

do «Poeta Boémio»

RUI BASTOS




PAÇOS DE FERREIRA
OFADO

António de Almeida Pires Rodrigues

A Licenciatura quis tirar,
Ouviu-se um dia dizer.
E sem para trás ficar.
Lá partiu ele a correr.

A Lisboa vai passar,
As férias alegremente.
Mas tendo de regressar,
Muda radicalmente.

Bom rapaz e sabedor,
Lições em dia tem sempre.
Estuda com muito ardor;
Pois tudo encontrou diferente.

Agora que pouco falta,
Só mezinhos apenas;
Vai dizendo adeus à «malta»
P'ra que não fique com pena...s.

Isto seria pouco,
Poi está «preso» afinal,
Fica entre colegas
Para as bandas da capital.

Felicidades de

H. A.

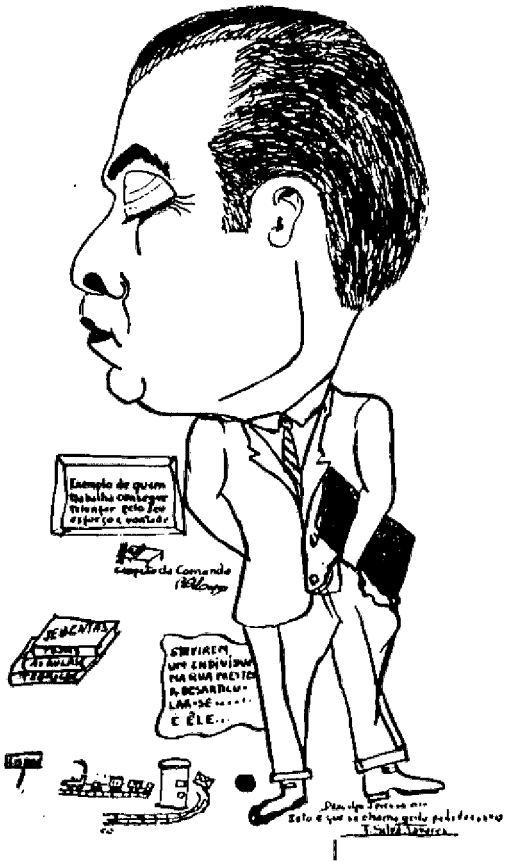
Oh! Colega, faz-me uns versos,
Ouviu-o um dia pedir,
Mesmo que sejam perversos.
Vão servindo para rir.

Continua estudioso
Pontual e aplicado.
Já sabem que é brioso,
Não quere ficar atrasado.

De Lisboa não se esquece.
As férias cá vem passar.
Chega e desaparece.
É dos últimos a regressar.

Felicidades da

M. TERESA


E ÊLE...

António dos Santos Vieira de Carvalho

É da terra dos «futricas»
Este doutor tão «peludo».
Ao Porto, terra das tripas
Vai conquistar o canudo.

Só a Briosa o consola
Quando ganha, ou joga bem
Mas se perde... ai que cachola
Nem diz adeus a ninguém!

Na Lusa Atenas muita japonesa
Dirá ao ver passar este doutor
Que aprumo, que donaire e gentileza
Ai quem dera que fosse ele o meu senhor.

Sem fazer inconfidência
Eu previno vocelência
Que este doutor aprumado
é casado

Com força sobre-humana
Bateu-se por sua dama
Uma linda alentejana
cuidado!...

Sebentas, Foot-Baal e livros
São a causa do seu viver,
Mas, quando as sebentas deixar
A Académica terá então o primeiro lugar.

— Académica, então grande jogatana?
— Não jogasse o velho Nana.
Oh! Domingo não se fala...
— Mas a viagem de automóvel?
— Isso tenho que cravá-la.

Leitora, não retenhas o meigo olhar,
Este doutor há bastante tempo
Pensou em casar.
E hoje, feliz quer viver sempre
Com a que fez sua esposa
No seu há muito sonhado lar

Agora, amigo Vieira
Uma coisa fique a saber
É que lá na Alta-Beira
Tem um amigo a valer

Um abraço do tio amigo

PINTO DA SILVA

Abraça-o o amigo já de Coimbra

CARLOS AUGUSTO BORGES

Vieira, aqui me tem a improvisar
Versos sem possibilidade ter,
Mas do amigo, da amizade, da Académica
Alguma coisa quero dizer...

Este doutor, Coimbra o viu partir,
Para o curso no Porto completar,
Pois, a Lusa Atenas não tinha
O canudo roxo, supremo, p'ra analisar.

V. S. F.

PORTO
COIMBRA
ACADEMICA

Aurora da Silva Nogueira da Costa

Nas terras de Trás-os-Montes,
Mesmo juntinho da fronteira,
Chaves lhe serviu de berço,
Onde viu a luz primeira.

Mas Vila Real sorriu-lhe
E, desde então até agora,
Tem sido sempre o seu lar,
Como se o fora d'outrora.

No Liceu, já crescidinha,
Colheu e deixou saudades,
Marcou a sua presença
Pelo saber de verdade!

Um dia, não muito longe,
Ao Porto também sorriu,
As portas da Faculdade,
Com muito gosto, lhe abriu.

Sempre boa camarada,
Um bocadinho teimosa,
Come aos quilos de bombons,
Diz: «não sou nada gulosa!»

No Pingue-Pongue é um ás,
Jogando-o com tal prazer,
Que, mesmo comendo bolos,
Conseguiu emagrecer.

Vai ao cinema, à tardinha,
S'algum professor faltar,
Sempre bem acompanhada
Não se esquece de lanchar.

Ao domingo, ao dar meio dia,
Ei-la a caminho da Missa.
Já se sabe: não vai só...
Cedofeita, está à vista.

E no seu gosto aprecia
As romarias do Minho,
Mondim de Basto seria,
Algum dia, o seu cantinho.

No enxoval vai pensando,
Devagar, que se faz perto,
As luvas vão-se acabando,
No seu trabalho desperto.

Na escola de Esculápio
O seu saber se adivinha,
Pois sempre andou a Farmácia
Aliada à Medicina.

Mas o curso está a findar
E entre tanta saudade,
No meu desejo sincero,
Para ti: felicidade!

MARIA AUGUSTINA

Meus Senhores, Minhas Senhoras,
Caros colegas, amigos,
Quero-vos apresentar,
Sem muito vos maçar,
Esta colega gentil:

Aurora é o seu nome ao começar
Mas Maria ela afirma também ser
E quase nos quer obrigar
A ela todos nós obedecer,
Sob pena de não mais nos responder.

Estudiosa como poucas é
Mas por assim ser não julgueis vós
Que não gosta de ir à matiné
Ou no verão passear até à Foz,
Como afinal acontece a todos nós.

Pela Medicina há muito ela tem
Entranhada e fiel adoração
E espera que no futuro, também
Um médico lhe trate o coração
Com muita arte e persuasão.

E agora, querida Rorita,
Nada mais resta senão acabar,
E como poeta nunca fui
Espero que saibas desculpar
A minha pouca arte em versejar.

E por isso aí vão os meus desejos
Sinceros de te ver muito feliz
Num lar onde reine a alegria
E também o sorriso dum petiz.

Com os desejos da maior ventura da amiga

MARIA HELENA

CEDOFEITA
MATOLOGIA
RIA
TRICOTS
BIOQUIMICAS
TOXICOLOGIA
SAZ

Boaventura Paulo Lopes

Eis o «bonne chance»,
Também conhecido por Boaventura!
É um tipo de envergadura
Apesar da pouca estatura.

O Boaventura não é como os demais:
Não usa eléctricos, nem frequenta «nimas»,
Ou outros inventos infernais.
P'ra êle o estudo é como o ar:
Para viver tem que estudar,
E estuda a matar.

A fisionomia é estranha,
Tem um olhar oriental
(Do próximo Oriente,
P'ras bandas do Sardoal).
A face é de forma rara —
— Espécie de tetraedro esférico!

Feitio:
Alegre, um pouco histérico;
Por natureza expansivo,
Mesmo «bexiguêro»,
É por vezes brègeiro
Nos madrigais
Que diz às colegas...
...E às demais!

O Boaventura é de antes da guerra;
Como ele já não se fabricam mais.

Nascido,
Criado e amadurecido
Nos ares da serra,
Não tem vícios, não está inquinado,
A não ser uma fermentação
Que se desenvolveu no coração
E que o faz andar,
Atarefado,
Todos os dias,
De casa à Estação...

O Boaventura faz lembrar
A «Tendinha» do fado;
Não por ser velhinha,
Rasca ou banal.
Mas por ser um padrão imortal
Nesta vida d'agora.

E sempre, a toda a hora,
O Boaventura Paulo Lopes
O «200 à hora»,
Será recordado por nós ou pelos colegas,
Do fundo ou fundilhos do coração
Como exemplar perfeito
Do perfeito «marrão».

FERNANDO TEIXEIRA

À vista estão estas
mas lá dentro só
Ele sabe o que vai...
SARGAL
BOLSA DE
ESTUDO
PRÉMIO
MONETÁRIO
etc.
PEDRA DURA
AGUA
MOLE
com um abraço sincero do
J. Silva Tavares

Carlos Alberto Alvão Serra

Alto, magrinho, uns olhos encovados
E um lauto nariz proeminente.
Uns loiros caracóis empoleirados
No alto duma testa inteligente.

A perna, muito fina mas harmónica,
Sustenta-lhe o esqueleto como um espeque;
Sem uma voz bastante radiofónica.
Eis aqui o «Serrinha da Orsec».

Naquele posto supra-mencionado,
Nas suas costumadas emissões,
A voz do Serra tem já provocado
Ás ouvintes bastantes comoções.

Há quem diga que a voz serviu de meio
Para o Serra atingir um certo fim,
Pois com meia de treta e de paleio,
Conseguiu arrancar um terno «sim»!...

Mal transformada em realidade a esperança,
Logo o seu coração desprende e «aboa»;
Por isso é que perdeu a confiança
De todos que vieram de Lisboa.

Da nossa Associação é presidente
E pouca confiança nos concede
Mandando até, autoritàriamente,
Arrancar o «Micróbio» da parede.

Tomou resoluções, como chefão,
Que lá na «tasca» toda a gente admira.
Até adquiriu p'ra a Associação
Uma caixa de música bem gira.

Após os seus deveres dum dia inteiro,
Pode encontrar-se o Serra em qualquer toca:
Na «Rainha das Sandes», «Carvoeiro»,
No «Zé de Braga», «Gelo» ou «Rapioca».

Mas quem quiser ainda procurá-lo,
Deve fazê-lo em sítios de «bom-tom»:
P'lo «Luso», na «sueca», a arejá-lo,
Ou então a cantar no orféon.

Adoeceu. Passou bem maus bocados.
Mas foi o pior de todos os tormentos
A ideia duns amores assassinados,
Amores que tinham dado bons momentos.

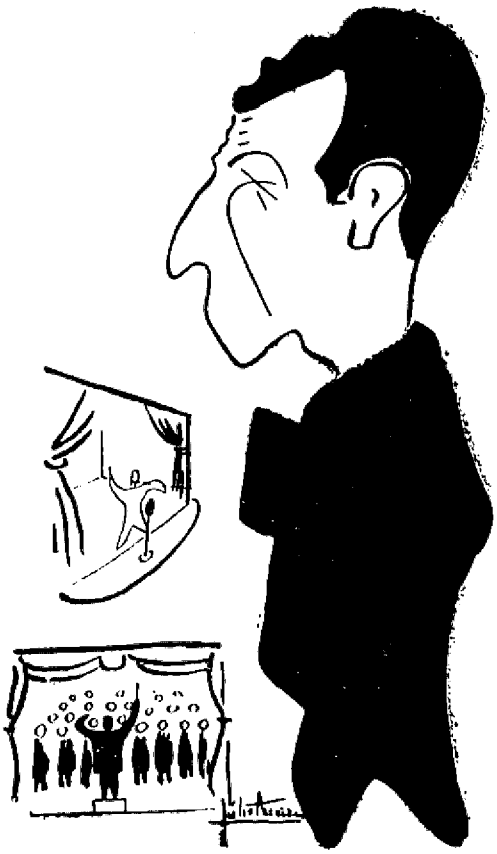
Como estudante, é bom; é inteligente
E consciencioso a trabalhar.
Terá por isso o prémio brevemente,
Quando no fim do ano se formar.

*

* *

Perdoa, amigo Serra, alguma «piada»
Que acaso te pareça muito forte
E aceita mil abraços de enfiada
Do teu sincero amigo até à morte.

FLÁVIO SERZEDELLO DE OLIVEIRA



Carlos Alfredo Moreira Bordado

É bom chegar ao fim,
Ao fim duma jornada
Que foi cansada,
Mas ganha com Saber,
E ter em si,
Não a canção do nada
Mas a razão,
A Ciência de um querer.

Quanta luz na escuridão da noite
Quantas folhas passadas,
Lidas e tornadas a ler,
E como o cérebro escapa às vezes,
A imposição de um Dever.

Lá fora a vida chama,
Através da janela que escoa a luz da Lua,
Há poesias nas estrelas,
E na rua que se funde,
Num longe indefinido...

Mas para que a alma viva,
É preciso ter vivido,
Não em vão, mas nalguma coisa
Que não fuja, a completa confusão...

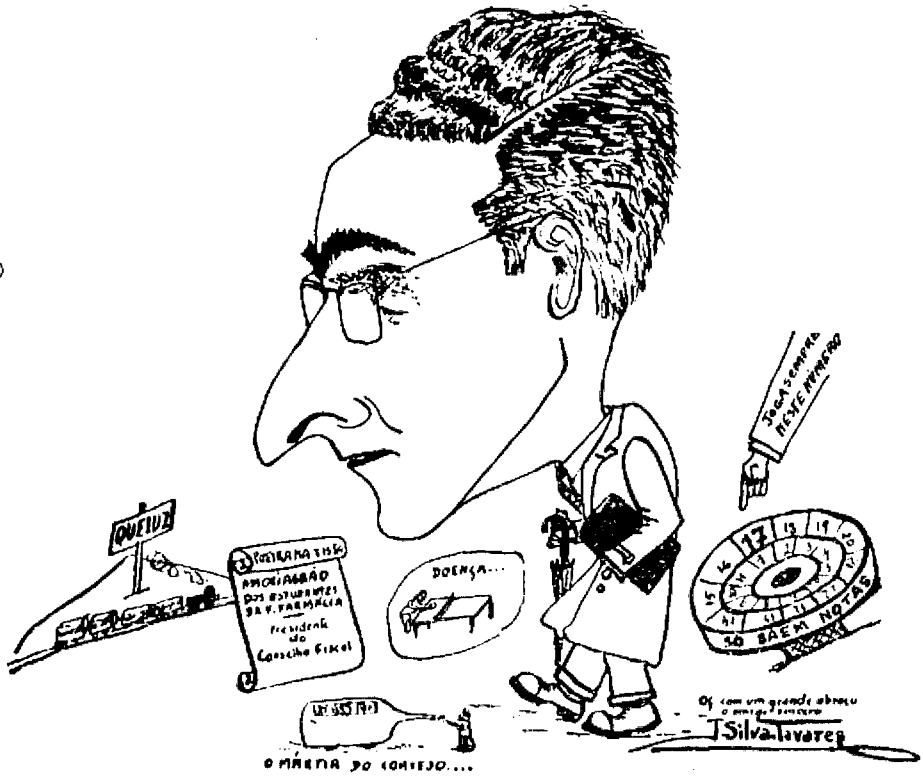
É bom chegar ao fim,
Ao fim duma jornada,
E ter como contraste,
Aberta por si e para si,
Uma comprida estrada.

É de admirar os que lutam,
Os que sabem vencer,
Os que vão contra tudo,
O que é possível,
Tirando à morte,
Parcelas de viver...

Saber o que é ser Homem,
Hoje como amanhã,
No princípio ou no fim,

Da longa caminhada,
É bom chegar ao fim,
Ao fim duma jornada...

MARIA GRAZIELA FREIRE


QUEIUZ
DOENÇA...
SÃO SAEM NOTAS
Silva Tavares
O MÁRTIR DO CONSEJO....

Elisa Pedride Simões

Alta, magra,
Muito apressada
Ei-la a correr,
Pois vai atrasada...

Não admira,
É sempre assim!
Quando chega às aulas
Estão quase no fim...

Pobre Quintela
Também lh'acontece
Já passar da hora
Quando ela aparece...

Seus discursos afamados
Quem não há-de conhecê-los?
Não precisam de palavras
P'ra ficar-se a percebê-los!...

Num gesto largo e profundo
E caretas variadas,
Consegue atrair as gentes
Deixá-las embasbacadas...

Elegante cem por cento,
Veste bem, sempre a rigor...
É o modelo da casa,
Tudo lhe fica um primor!...

Nos momentos que tem livres
Sua vida d'estudante,
Lê bons livros... «O Mosquito»
E o «Cavaleiro Andante...»

Os seus armários estão cheios
De manjares bons e picantes...
Produtos americanos,
Algo tanto extravagantes!...

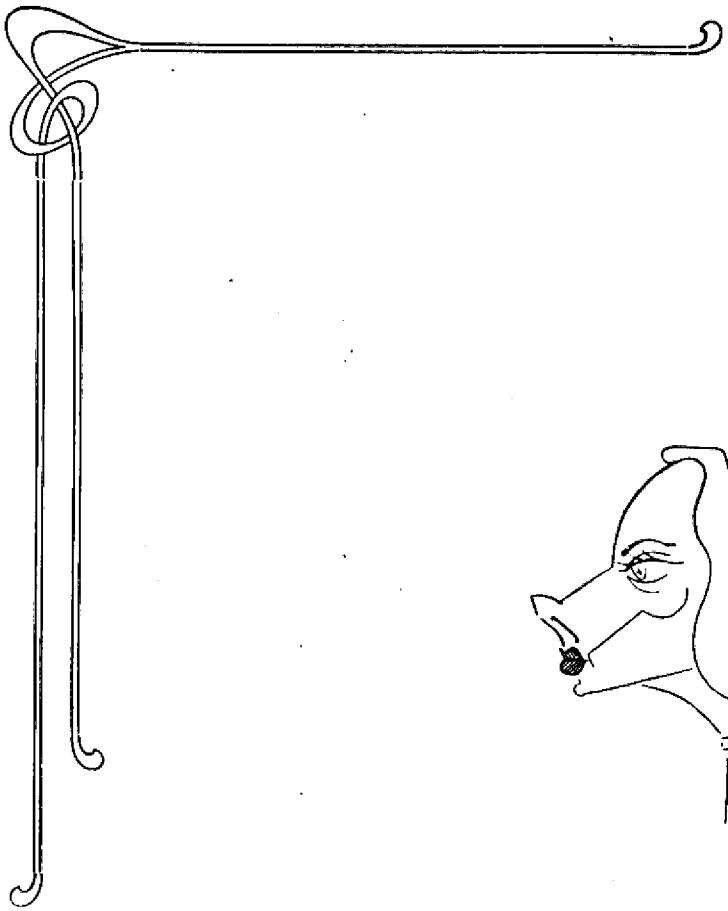
Se uma rã lhe cai nas mãos
Já sabe a sorte, a mortal...
É cortada, é retalhada,
A sua morte é fatal...

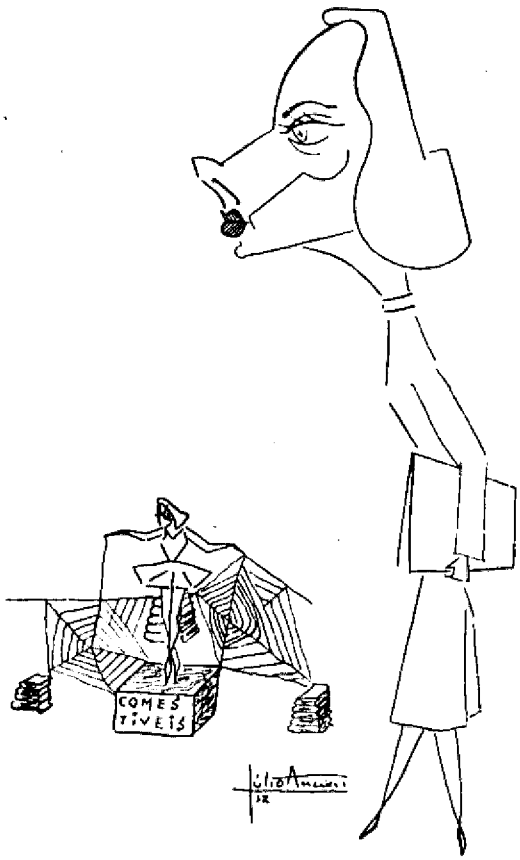
Não é p'ra meias medidas
E não 'xceptua ninguém!...
Se não concorda, diz logo
«Eu cá não acho isso bem...»

Desculpe, querida amiguinha,
Os versos de pé quebrado...
Cada um dá o que tem,
Não é a mais obrigado.

Do coração lhe desejo
Anos muitos e felizes
Num lar alegre e risonho
Rodeada de petizes.

F. H. P.




COMES
TIVETS

Elisa dos Santos Pinto

Entre tantos predicados
Ai Jesus! Os meus cuidados!
Que defeitos apontar?
Não há mentira ao dizer
Desta colega o parecer
Sem o fim de a louvar.

Dona de casa afamada
E por ser muito poupada
Mil ofícios faz então!
Electricista, pintora,
Nem um prego deita fora,
Espalhados pelo chão.

No seu trabalho é briosa,
Mas sempre é bem teimosa!
Quando quer vencer a sua,
Bate o pèzinho no chão!
E se alguém for rezingão
Vai ter ao meio da rua.

Mas aqui muito em segredo
Que dela ouvir tenho medo,
Não possa ela ralhar...
Santa Luzia distante,
Pensa nela a cada instante
Mesmo sem 'star a sonhar.

Gasta até um dinheirão,
Que não é dum só tostão,
Mas aos dez de cada vez!
Selos e selos aos molhos
Cartinhas que dos seus olhos
Levam suspiros talvez...

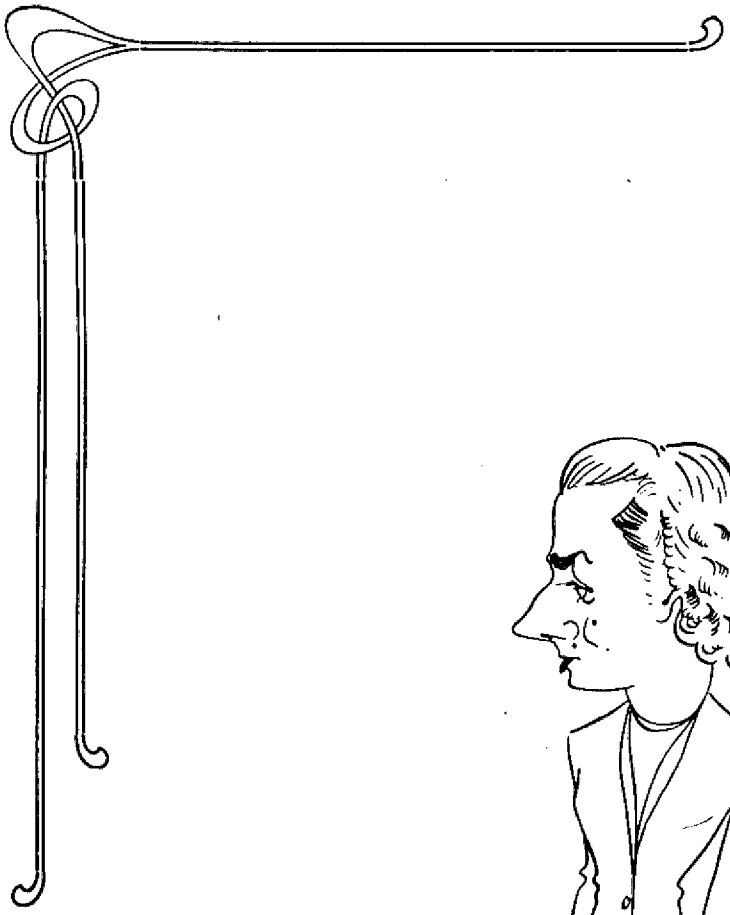
Até já na Faculdade,
Trabalho tem de verdade
A tocar a campainha;
A chamar os atrasados
No Ping-Pong afamados,
P'ra aula que s'aproxima.

As escadas sobe e desce,
E nisto não se aborrece,
Para os colegas chamar.
Nas aulas é um primor,
Contente no seu labor,
Pois o curso est'a acabar...

E, no íntimo, vai pensando
Ao futuro reservando
Feliz dia no porvir!
Ao fundar o lar ditoso,
Num jardinzinho formoso
Santa Luzia a sorrir...

Com um abraço da colega amiga

MARIA AUGUSTINA



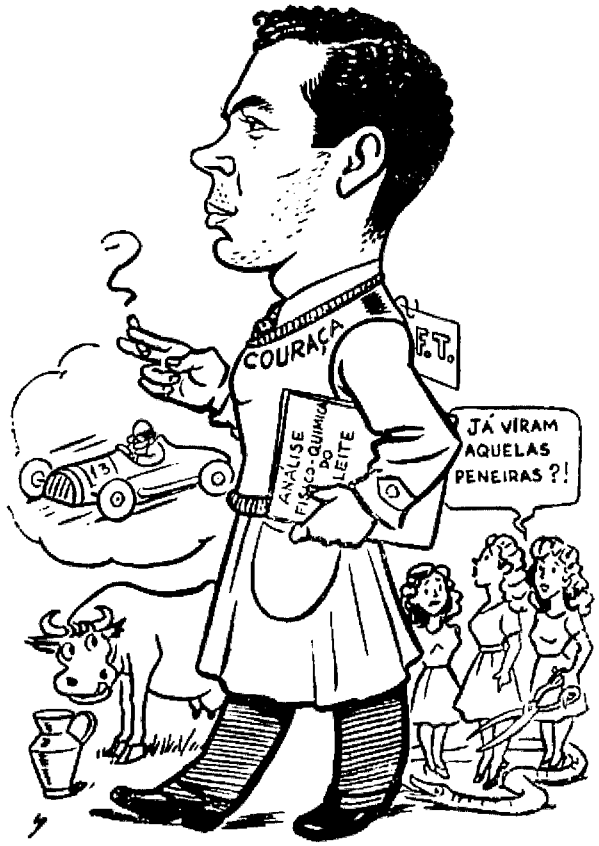
Para as habilidades
caseiras
TINTA
JANA
O
MEU

Fernando da Costa Marques Reis Teixeira

Se vires o Teixeira, muito empertigado,
Com um incrível pull-over, verde e alaranjado,
Se o ouvires dizer, com ar «trés raffiné»
Que é «bera» tudo quanto vê;
Se da Julliette Greco te falar
Com um ardor que te fará pasmar,
E te disser que não lhe custou nada
Dar 2.000 francos por uma limonada!
(Consta que tem bastante «massa»
Pois é o rei da pasta Couraça);
Se te contarem que num certo baile
Pôs o sinal de «reservado»
P'rás moças o deixarem sossegado...
Se eu te disser, que, em Paris, rosolveu fotografar
Um parzinho que se estava a beijar,
(estou absolutamente convencida
que a foto ficou tremida);
Se o vires com a bata original
Que tem nas costas um monograma tal,
Que há quem ache
Parecer o roupão dum jogador de catch;
Se o ouvires «cravar-nos» com insolência
Pedindo dinheiro p'rá conferência
Que ideia farás
Deste rapaz?
Quê? Não digas asneiras!
O que ali vês,
Não são peneiras,
É pura... timidez!!!

P. S. — Por os versos estarem maus, que ninguém me condene,
foram feitos numa aula de Higiene!...

MARIA DA GLÓRIA


COURAÇA
F.T.
ANÁLISE FÍSICO-QUÍMICA DO LEITE
JÁ VIRAM AQUELAS PENEIRAS ?!

Fernando Pires Viegas Tavares

Se tiveres a dita
De ouvires um homem
Que fala na «guita»,
Com um dedo no ar,
Espetado,
A apoiar um pensamento
Que tem no cérebro, formado
E que sai geralmente engatado;

Se esse homem tiver a cabeleira
Avaramente semeada
Mas encrespada,
Encaracolada...

—E, alternadamente, de quinze em quinze dias,—
Exageradamente cortada
Ou demasiadamente comprida,
Mas sempre bem tratada
Com numerosas soluções
De que faz muitas e muitas aplicações...
(... Em vão);

Se, ao ouvir-lhe um relato,
Tiveres de pensar ao fim dum minuto
«Que xato»:
— Ou
«Que mal teri'eu feito a este bruto»:

Se te agradar o olhar franco
(Em especial ao sexo feminino,
Porque é atiradiço, este menino):
Se te agradar o olhar franco
Deste mistério que, a andar,
É um todo nada manco;

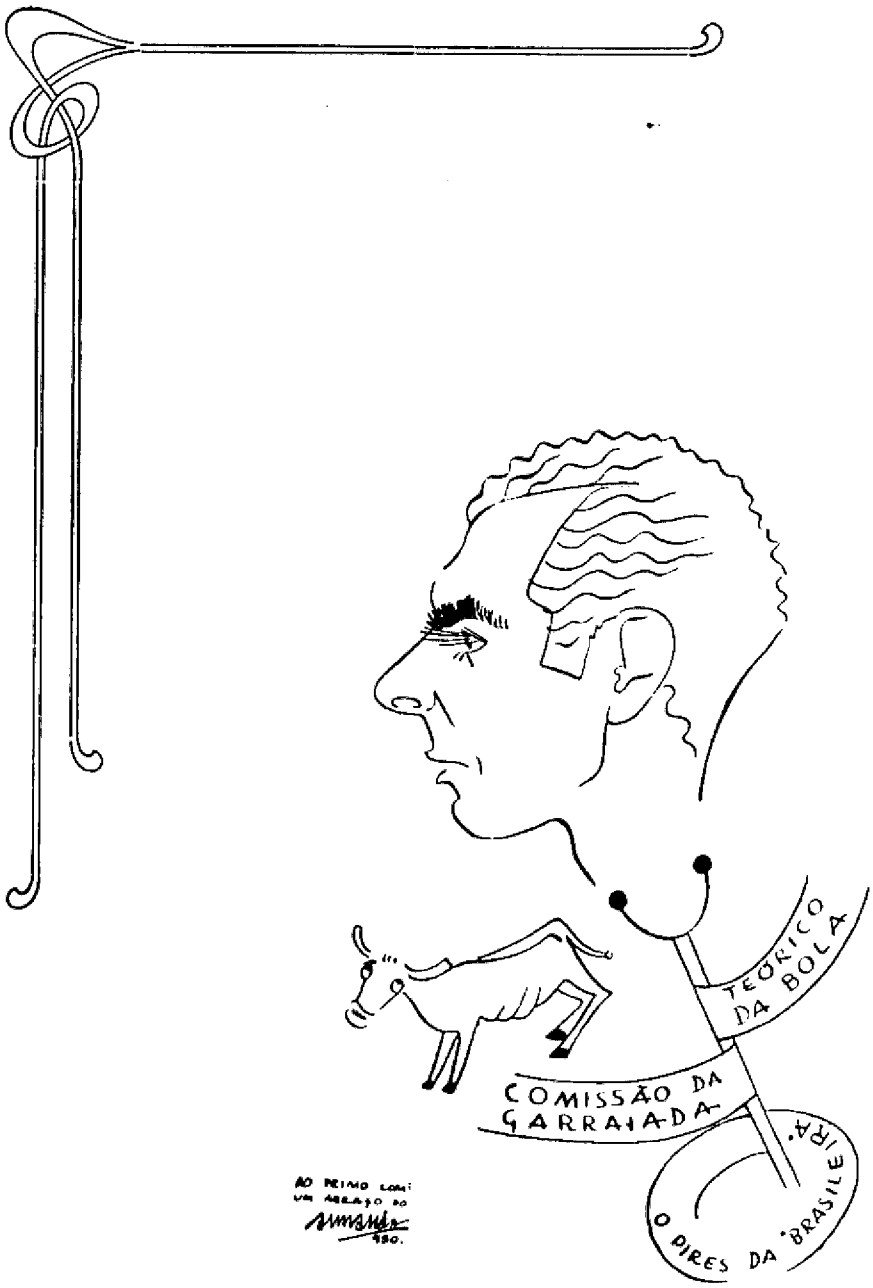
Se ouvires alguém tratá-lo por Matoso,
Se gostares do seu modo rude,
Se gostares do timbre pouco mavioso
Da sua voz;
Se concordares com o pensamento
Deste beirão-ribatejano,
Que é um monumento
De bondade,
E de qualquer outra qualidade,
E de simpatia;
Se não tens por ele alegria
E, até, se sendo mulher
Tu o amares,
Descansa que to apresento:
É o TAVARES!

FERNANDO TEIXEIRA

É inegável
Que o Tavares
É um colega amável,
Todo Juc, todo conferência,
Incapaz da mínima insolência;
Concordo
Que faz com o Teixeira
Um duo admirável
Dificilmente hidrolisável
E que tem uma maneira de falar
Que parece estar sempre a segredar;

Mas, senhores,
O que vos digo,
É que este amigo
Quando resolveu
Que eu,
Desse por onde desse
Uns versos lhe fizesse,
Foi o pior «adesivo»
Que até hoje conheci!
Pronto! P'ra você se calar
Os versos estão aqui.

M. DA GLÓRIA


TEÓRICO DA BOLA
COMISSÃO DA GARRAIADA
O PIRES DA BRASILEIRA

Gabriela Augusta da Silva Caetano

É uma senhora muito rechonchuda
Morena e façanhuda
E um tanto ou quanto forte,
A quem deram por ser zaragateira,
Uma alcunha brejeira:
«Coreana do Norte!»

Não tendo assim lá muito que fazer,
Nas horas de lazer
Dá-lhe p'ra o romantismo.
E ao ver um pôr do sol à beira-mar,
Desata a suspirar
Com sentimentalismo!

Algo me dá bastante que pensar,
Ao ter que criticar
Agora esta menina:
Embora em zaragata permanente,
Ela é, profundamente,
Fraquinha e feminina.

Deve ser isto pura nostalgia
Dos tempos em que ouvia
Serenatas bestiais,
Ao pálido luar da Lusa-Atenas
Nessas noites amenas
Que já não voltam mais!

Debaixo duma capa esvoaçante,
Nas mãos dum estudante
A guitarra gemia;
E a romântica e pobre Gabriela,
Debruçada à janela,
Escutava e sofria.

Perdeu, talvez por isso, a voz que assusta,
E já não barafusta,
Nem grita com ninguém!...
Trabalha com ardor para o Congresso
E eu gostava — confesso! —
De saber o que tem.

Ou eu me engano muito, ou é paixão
Que traz no coração
E muito a faz sofrer
E mata-se por isso a trabalhar,
P'ra não se recordar
Do que só quer esquecer.

*

* *

Doutora Gabriela de Caetano:
Se o permite, um colega veterano
Dá-lhe um conselho, sem nenhum favor:

Tente gozar a Vida! E se diversos
Males a atormentam, faça versos,
Que a boa inspiração nasce da Dor.

Com os melhores votos das maiores felicidades

FLÁVIO SERZEDELLO DE OLIVEIRA

ISTO É UM INFERNO
MUNÇA NA ÁGUA
QUENTE!...

Helena Clotilde Maria Pinto de Almeida

Pronto! Aqui está o que pediste!
Uns versos? Não, isso não,
Que eu não vivo na ilusão,
Não tenho parvas peneiras
Nem estou mesmo p'ra canseiras
Nem quero dizer asneiras,
Mas já que tanto insististe...
O teu perfil vou traçar,
Ou por outra, vou tentar,
Pois não quero fazer doer
Mas... espera lá, tem que ser,
Porque eu não quero aldrabar
E então, tenho que dizer...
Espera, é cedo, ainda não.
Bisturi, tesoura na mão,
Vais ver que não custa nada,
Nem mesmo soltas um ai,
Já estás anestesiada?
Ora pronto então lá vai.
Um, dois, três... Pum!!! Chama-se Lena
E podem crer é uma pena
Que não tenha cura afinal
«Doença sentimental»...!
Era tão boa pequena!
Mas enfim... foi o destino,
Esse senhor pequenino (?!!!)
Que resolveu actuar.
Nasceu portanto há um ano
Mas já tem se não me engano,
Três metros e cem de altura.
No exame que há dois anos
Outro «clínico» lhe fez,
Há muita coisa errada!
Não haja portanto enganos
(Glórinha, vê que arranjas)
Se cresceu tanto, coitada,
Não foi de comer laranjas;
Foi a ginástica aplicada
Que ela, de madrugada,
Fazia em fato de treino!
No Posto de Observação,
Ali à esquina, na Praça,
Ela achava sempre graça,
E até fazia aflição,
Vê-la troçar a valer,
Quer fosse alto ou baixo
Bonito ou mamarracho,
Com andar empertigado
Ou então muito empenado,
Empenado? Isso é comigo!
Outro engano, é o que eu digo.
Na Praça, sim, eu passava,
P'ra cá, p'ra lá, à tardinha,
Mas p'ra cima nunca olhava
Nem tão pouco era «quem vinha».
Tinha certa inclinação
P'ra Engenharia, e afinal
A Farmácia veio parar!
Perigo! Oxigénio, atenção:
Coração arritmado,
O pulso está a falhar,
Mais oxigénio, ou então
Tem qu'ir p'ra recauchutar.
É uma pena, podem crer,
Era tão boa pequena!
Mas falta ainda dizer
Que lá em casa há agora,
P'ra brincar a toda a hora,
Uma máquina bonita,
Uma Hoover catita
Sempre pronta a trabalhar.
E eis que esta Doutora,
P'ra na cama poder estar
Mais uns minutos, dolente,
Se lembra de a utilizar
De manhã, p'ra se lavar.
Liga a ficha — pronto, já está,
Mas se um dia falta a corrente,
Não sei que acontecerá!!!
E assim em meia hora
Está pronta para marchar.
Como isto é de invejar!
Meia hora levo eu
Só p'ra me barbear!!!
Ia tão cedo p'ras aulas,
Que eram autênticas jaulas,
Cumprir uma obrigação!
(Agora ia cedo a elas...
Mas era por devoção!!!)
Não quero responsabilidades
Dum colapso fatal,
Por isso vou terminar,
Mas tenho que concordar,
Apenas com o final
Do exame apresentado,
«Que com tanto predicado
Feliz daquele que a levar!»
Isso é segredo seu,
Mas sou capaz de afirmar
Que esse feliz...

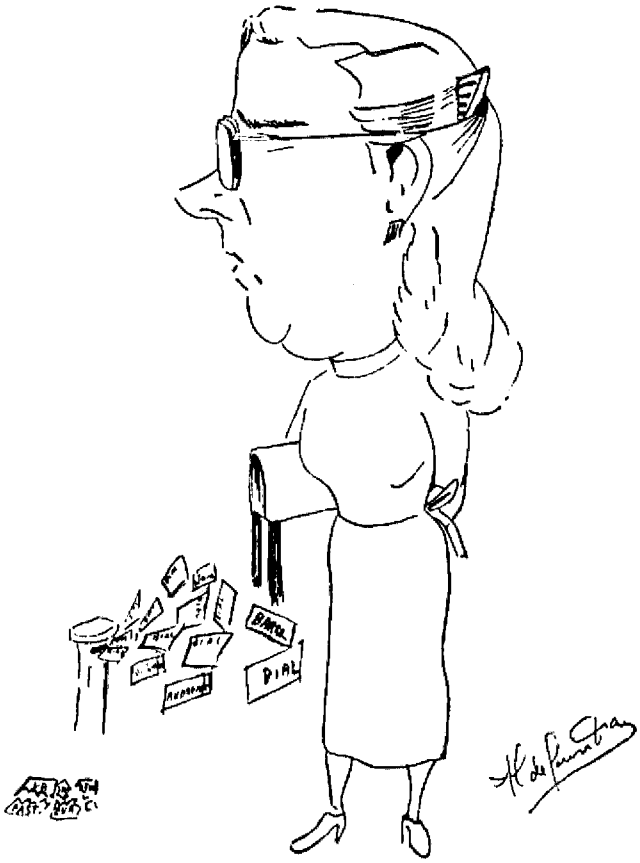
Com um abraço do JOÃO CARLOS

Hortense da Conceição Henriques de Freitas

Se a Hortense fosse outra e não aquela
Eu diria bem dela...
Se fosse diferente e não o que é
Mas é
Se não fizesse tantas rendas como faz
Nisso é ás
Se do Benfica não fosse tão aficcionada
Entusiasmada
Se não tivesse passado ao contrabando
Quase chorando
Se as nossas fronteiras não fossem papão...
Mas são!
Se em Vigo a polícia lá tivesse ido
Tinha fugido
...em roupão
Se não pusesse papelotes ao deitar
Para armar...
Se não fugisse tanto com receio...
Que feio!
Se não gritasse tão fàcilmente
Seria diferente.
Se o corredor não fosse tão pequeno
Para o seu medo...
(Ela entende-me)
Se da casa da amiga à sua
Fosse a mesma rua...
Se ao ir lá a rua não aumentasse...
Talvez a visitasse
(Uma diz que sim, a outra diz que não...)
Se não tivesse do estudo revoadas
Muito espaçadas...
Se não se levantasse às sete da manhã
Com afã
Se não se deitasse de madrugada
Atarefada
Se formos ver as horas aproveitadas
Todas anuladas
Se não tivesse tanta paciência
É a sua essência
Se não fosse sempre tão prestável
— Estou a ser amável —

Se lhe pedem favores e pedem com jeito
Faz tudo a preceito
...Protesta mas faz!
Se ela tivesse alguma paixão...
Mas não.
Se ela mostrasse o que se sente
À gente...
...a outros...
Se come cerejas, que faz aos caroços?
Ai que remorsos!
Se na rua em baixa, passa um careca...
Com a breca...
Deixa-me calar!
Se a quereis ver satisfeita, olhos a brilhar...
Sentada a bordar...
Se a ouvirem cantar, venham-me prevenir,
Quero ouvir!
Se ela, eu e Orá — que belo trio!
Ao desafio...
Não espantássemos a vizinhança
Se alguma vez a visse animada,
Num baile a dansar
...Nem acreditava!
Se está furiosa, rubra de indignação...
É política...
...a discussão!
Se a quisesseis acordar à hora marcada,
Só à machadada
(Mas já se curou)
Se o pingue pongue quer aprender
É de ver!
Se tem pontaria, é grande segredo...
Ou terá medo
...de ganhar?!
Se não andasse sempre o dinheiro a poupar
E a contar.
Se não me tivesse pedido os versos...
Mas pediu!

MARIA DE LOURDES MOUTINHO GOMES


DIAL

João Carlos dos Santos Rodrigues

Nasceu um dia o bom Doutor Cegonha
Numa terra chamada Porcalhota
Uma terrinha escura, vil, medonha,
Como o seu sobrenome já denota.

Eu disse «sobrenome» e disse bem,
Pois Amadora é como é conhecida;
Mas à míngua de outras coisas, tem
Muita «porcalhotice» reunida...

Como é um moço cheio de genica,
De vontade, valor e pertinácia,
Após vir de Lisboa, da Botica,
Pretende licenciar-se na Farmácia.

Ostenta na fachada, a grande altura,
Uns olhos de carneiro quase-morto,
Uma amarela e reles dentadura
E um nariz a três-quartos, todo torto.

A figura do João tem sido um crivo
De alcunhas — e qual delas mais bisonha:
Morto-em-pé, Mosca-morta, Morto-vivo,
Escadote, Caveira e até Cegonha.

Fez concurso ao lugar de sinaleiro,
P'ra frente a certo Banco estacionar
E fazer, no futuro, dia inteiro,
Muitos sinais para o terceiro andar.

Também já está muito mais alto o moço,
Pois p'ra isso tem feito a deligência,
Por môr duns exercícios de pescoço,
A espreitar às janelas da Gerência...

Usava ir ao «santo sacrifício
Da saída da missa», de manhã,
Pois era para ele atroz suplício
Entrar... e não poder ser Dom Juan!

Porém agora assiste à missa inteira
Desde que tem namoro cá no Norte,
Pois senão a futura companheira
Dá-lhe pancada... e corre-lhe co'a sorte!...

Isto é castigo para quando o João
Ia à Feira do Livro passear,
Todo bem posto, a mão no coração,
De boca aberta e de nariz no ar.

É jogador bom «grande» de bilhar,
Bebedor — campeão de «pirolitos»;
E se é um ás, também, a namorar,
No ping-pong e volley é de «gritos!»

É, pois, no volley jogador «completo»,
Que não agarra nem uma bólinha:
Se vem alta ao saltar arromba o teto;
Se vem baixa, ao curvar-se parte a espinha!

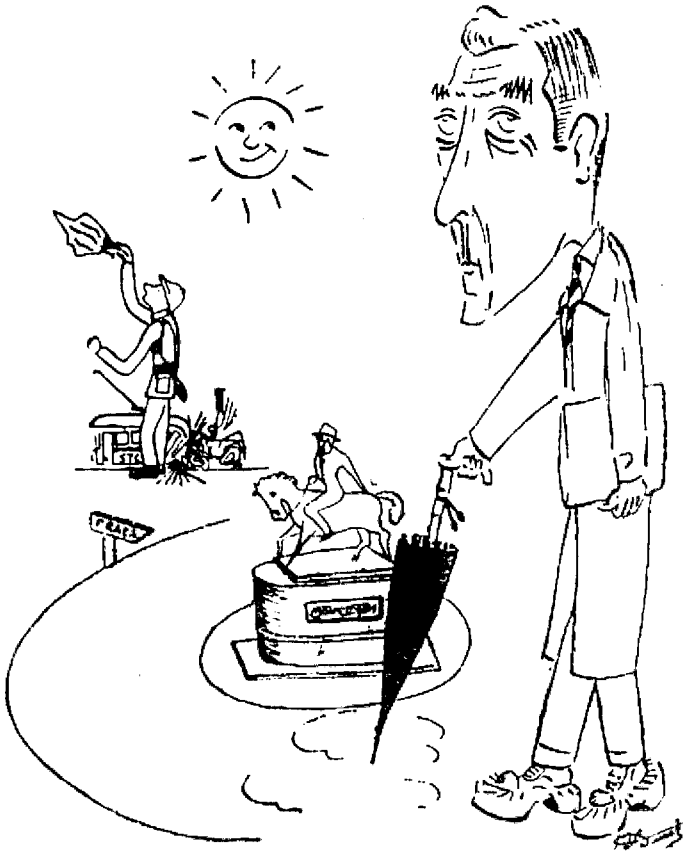
Como é propagandista do Atral
E eu pelos versos nunca levo nada,
Deu-me um mata-borrão do Ginetral,
P'ra fazer tod'esta versalhada!

E agora, João Comprido, grande amigo,
Espero que não te vás zangar comigo,
Pois se eu te «queimei», não foi por mal.

Casa-te e sê feliz mais a pequena;
E eu desejo, p'ra ti e, para a Lena,
Muita saúde... e etecétera e tal!...

Com um xi do amigo

FLÁVIO SERZEDELLO DE OLIVEIRA



João Dias da Silva Alves Tavares

Vindo da terra da «Palha»,
Ele e mais a sua tralha,
Passou pela capital.
E na Escola de Farmácia
Arrancou, com pertinácia,
O Curso Profissional..

Co' o seu moral já mais forte,
Aventurou-se p'lo Norte,
Pois tinha algo mais em vista.
E após um ano lá estar,
Lá conseguiu arranjar
As fitas de quintanista.

A não ser pelo café,
Quase nunca a gente o vê
Pois, como é homem casado,
Não quer muita brincadeira
P'ra passar, dessa maneira,
Por um homem sossegado...

Quando pode, vai a Abrantes
Passar felizes instantes
Com a esposa e o petiz.
E ao beijá-los — coisa rara! —:
Faz-lhes buracos na cara
Com a ponta do nariz!...

É um tipo, algo maníaco,
Esquisito, hipocondríaco
E chalado com certeza.
E a sua maior mania
É não passar nem um dia
Sem jogar ténis de mesa!

Nas aulas é formidável,
Meticuloso e incansável!
E no fim, abre a torneira
P'ra lavar o material
O que indica, por sinal,
Certa prática caseira...

Talvez por o ter bicudo,
Mete o nariz sempre em tudo;
E as mãos lá estão, alerta
P'ra agarrar o que toparam;
E por isso o consideraram:
Criatura muito «esperta»!...

Foi ao Brasil uma vez,
Mas não tem mal o que fez,
Pois não era inda casado.
Só sei que foi à Baía
Donde veio, um belo dia,
Completamente «arrumbado!»

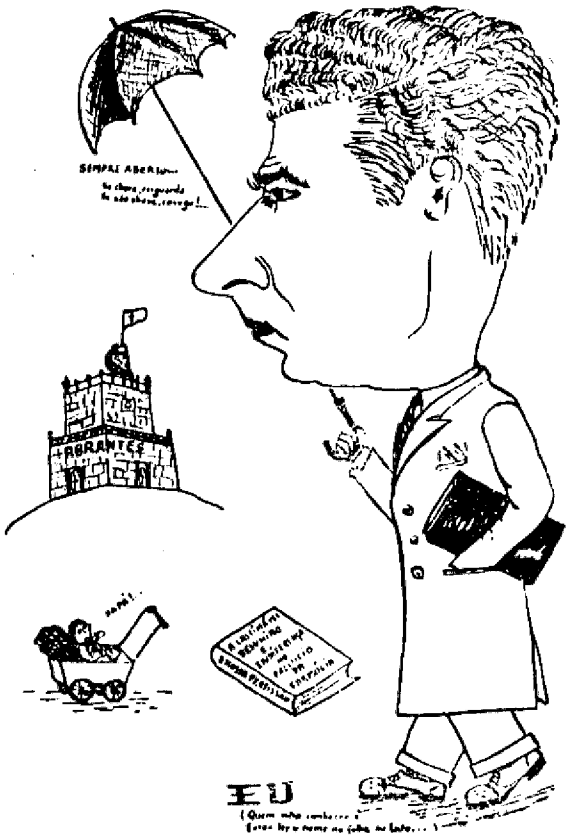
Quando a esposa se formou
Veio falar-me e rogou
Para os versos lhe fazer.
Fica o meu dever cumprido,
«Queimando» agora o marido,
Como «queimei» a mulher!

*

* *

Caro João: ao lar que tu fundaste
Deus o faça, na terra, um céu aberto.
E desculpa a «tareia» que apanhaste
Nestes versos, do teu amigo certo.

FLÁVIO SERZEDELLO DE OLIVEIRA


SEMPRE ABERTO
GARANTES
EU

João Luciano Paour Sebastião Monteiro

É um tipo educado, algo nervoso,
De rosto um tanto ou quanto bilioso
Com olhos reluzentes,
Que aprecia uma gargalhada,
Ficando com a boca escancarada
Mostrando uns ricos dentes.

Mudou do «Cabaret Xangai» um dia
Porque uma certa coisa lá havia
Que o fazia maluco,
Interrompendo os sonhos seus serenos
De hora a hora. Era, nem mais nem menos,
Um «relógio de cuco»!

Desde há tempos, há dez ou doze meses,
Que já pediu à Mãe, mais de dez vezes,
Bastante bagalhoça;
Para tirar a carta de chofer,
Porém, não guia ainda nem sequer
Uma simples carroça!

Há uns tempos p'ra cá, anda excitado
E começou a andar mais arranjado,
E inchado como um ovo,
Só porque lhe passou pela cachola
A ideia de levar para a «gaiola»
Um «passarinho... novo»!

Dizem que até anda a ver mobília,
Porque precisa constituir família
E ir daqui p'ra fora
Por isso lá na terra já tem casa.
Porém, se o «passarinho» bate a asa,
O Luciano... chora!

Aos gritos delas é impressionável
E fica com um carácter intratável,
Irritado e trombudo;
Leva à cabeça as mãos enclavinhadas
E diz: — «Com meia dúzia de chapadas,
Calava-se já tudo!...»

Porém, sendo também zaragateiro,
Lá na Cantina leva o almoço inteiro
Num chiqueiro bestial,
Em animada e altíssima polémica
Co'o Sangalhos, por causa da «Académica»,
Do «Ginásio» e «Naval».

Na Tóxi desatento a cada instante,
Mostra depois um ar basto ignorante
Ao doutor Oliveira
Mas sendo assim nos interrogatórios,
Foi quem primeiro fez os relatórios
Da citada cadeira!

Nos de Farmacopeias já tem fama,
Pois cada um parece um telegrama
Ali dos C. T. T.,
Com tantos riscos que faz mal à vista!
Por isso mesmo o bom do doutor Prista
Já raramente os lê!

Por môr das experiências com farinha,
Põe todos os balões de «esquerda em linha»
E parte-os lindamente.
Por isso já se diz na Faculdade
Que o «Benâncio» tem nele, na verdade,
Um sério concorrente!...

No pingue-pongue, lá na Associação,
Falta muito p'ra ser campeão
Em jogos singulares.
Porém já conquistou toda a assistência,
Mostrando que tem muito mais tendência
Para o «jogo de pares»...

Terá sido este «jogo», porventura,
O que mais contribuiu para uma cura
Milagrosa e feliz:
O Luciano está menos gaiteiro.
Nem tornou a ver mais que um candeeiro
Em frente do nariz!...

*
* *

Meu caro Luciano: terminei!
E agora, ao abraçar-te, nem já sei
Que mais venturas desejar-te, enfim!

Abre-me os braços! E ao abrir-te os meus,
Rogarei para ti ao Grande Deus
As mesmas que eu quisera para mim!

teu amigo

FLÁVIO SERZEDELLO DE OLIVEIRA

EPITOME
DE
DANÇA
SABATIER
MÉDA
of ao amigo
Luciano
Ayangalho
52

João Luís Quintela Paixão Lobato da Fonseca

Agora cá está agora o João Luís
Bonito rapazinho e bom menino
Que tem um ar saudável e feliz
E tirava torcidas do nariz,
Quando era pequenino...

É uma fera em Bromatologia,
Nem há cadeira alguma que o aterre;
Também é bom em Toxicologia;
E até parece na Hidrologia,
O Charles Lapierre!...

Arranjou uma voz bastante grossa,
Forte, soturna, cava e sepulcral,
Uma voz que os ouvidos nos destroça
E também serve para assustar a moça
Deste Landru bestial!

Massacra sempre a pobre da pequena
Com as suas eternas cismeiras
Em cada dia, arranja nova cena...
Por isso a todos nós causam pena
Essas ruins maneiras.

Guarda-a co'os olhos. E, ciosamente.
Como se fosse um mero irracional,
Massacra a pobre noiva cruelmente!
Pelo meu ver não passa, realmente,
Dum sádico moral!

Se é isso a vida deles, por enquanto,
Então jamais será melhor, nem bela!
Passar a vida a provocar o pranto
Da noiva — o seu amor, o seu encanto —...
Ai! pobrezinha dela!...

Fala muito no «primo da marinha»,
Por quem tem uma verdadeira adoração.
Por ele, até se esquece a noivazinha
E até, da Ericeira, uma «priminha»
Do nosso amigo João!...

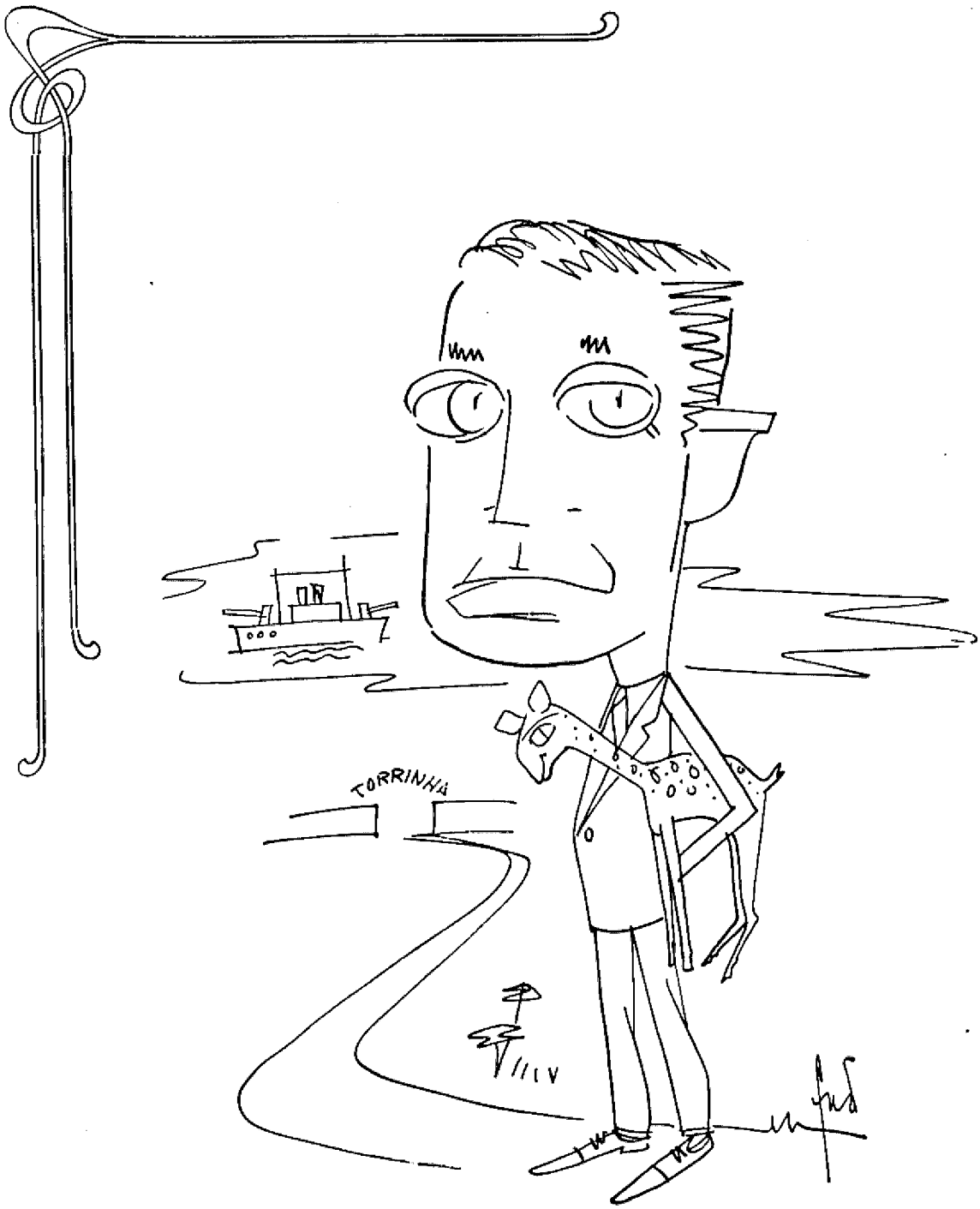
É conhecido «pescador de enguias»
E doutros peixes muito magrizelas,
Como sejam linguados e azervias,
Sendo também, há mil e tantos dias
Domador de «Gazelas»!...

E após ter dito tanto coisa feia
Do pobre, sem delongas, nem demoras,
Direi que dele a ciência se anunceia,
Pois viu toda a matéria sobre a meia
Em uma ou duas horas.

E, agora, João Luís, é muito a sério
Que eu desejo que tu, no teu império
Conjugal, co'a moça que te adora.

Tenhas sempre uma lenda iluminada,
Sem ciúmes, nem cenas de pancada
E que Deus vos ajude vida fora!

FLÁVIO SERZEDELLO DE OLIVEIRA


TORRINHA

Joaquim Duarte Pires

Nascido em Idanha-a-Nova, este rapaz
Lá se criou e fez um homenzinho,
Comprovando que era mui capaz
De conquistar um certo «canudinho».

Mas para aí ficaram as conquistas...
— Se não ficaram, não se sabe nada!... —
O Joaquim é um dos quintanistas
A quem não se conhece namorada.

É um rapaz com grandes qualidades
E com um coração de belos dotes,
Pois quando vem da Idanha tem saudades
Da terra, da família e dos velhotes.

Dão-lhe as saudades tal misantropia
Que é capaz de passar um mês inteiro
Sem vir à rua! E leva cada dia
A despejar em cartas o tinteiro!

E embora seja um tipo muito franco,
Contar-nos certas coisas algo teme,
Pois serviu em magala, em Castel' Branco,
Quando em Mafra perdeu o C. O. M.

Pois o Duarte Pires, na Faculdade,
Tem sido um alvo certo da falácia
Da malta, porque tem habilidade
Para ser guarda-redes de Farmácia.

Embora bom estudante e aplicado,
Também tem tido as suas desventuras,
Pois embora não tenha 'inda chumbado,
É quem apanha mais descomposturas.

É dos colegas o que faz mais falta,
Se um dia não vai aos laboratórios,
Pois é o benfeitor de toda a malta,
Por ser quem sempre empresta os relatórios.

E como eu não ficava satisfeito
Sem do Duarte Pires dizer tudo,
Direi agora o principal defeito
Que o rapazinho tem: é ser «peludo»!

*

* *

E mais não sei dizer, pois não há mais.
Portanto, nada mais de ti eu digo.
Já só quer desejar-te, e a teus Pais,
Mil anos de ventura, o teu amigo.

FLÁVIO SERZEDELLO DE OLIVEIRA

Ao Kim Pires:

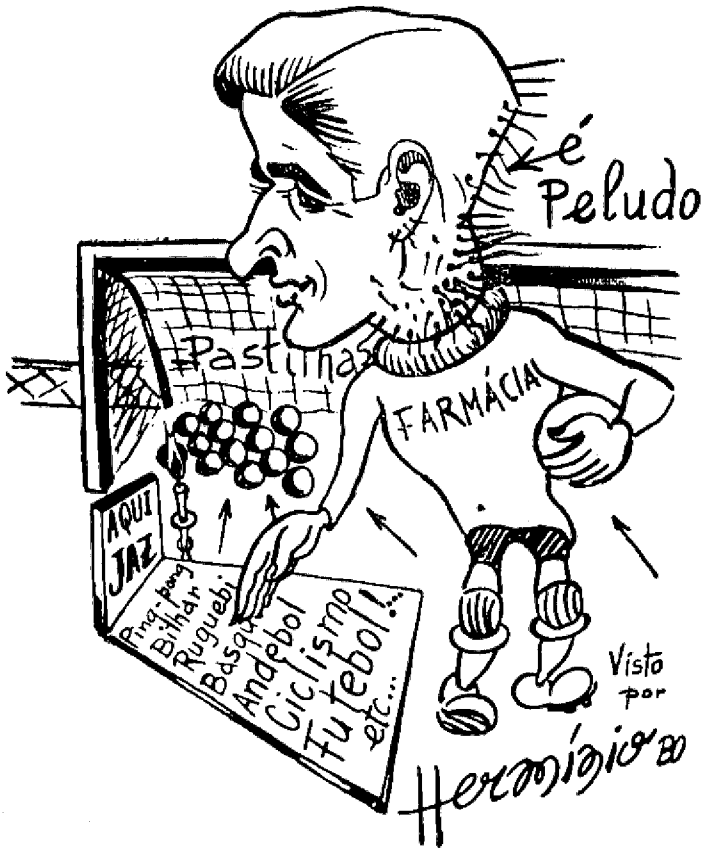
— Filho mimalha,
é o menino dos papás e das manas,
que adora,
mas, quando falta a luz no altar de Baco...
(jantar da Barragem)
— vem luz divina! — implora.

Com seu ar galhardo,
de petiz,
e a chupeta escondida,
(para que o levassem a sério... sem brincar)
lá foi para os milicianos
a se alistar...
Mas aconteceu desgraça:
depois de a todos mostrar as divisas...
(a brilhar!!!)
saíu «praça»!

Sendo ele tão bom rapaz
ia desejar-lhe até, uma Ruth ou Salomé...
mas, pensa no que te digo
(olha que eu sou teu amigo!):
— para bem passares a vidinha,
arranja uma chavenazinha
de chá...
...com muito «açúcar pilé»!

Carnaval de 1952

(M. B.)
(D. S.?)


é
Peludo
Pastilhas
FARMÁCIA
AQUI
JAZ
Ping-Pong
Bilhar
Rugueb.
Basq.
Andebol
Ciclismo
Futebol!...
etc...
Visto
por
Hermínio 80

Joaquina da Glória da Silva Monteiro

Passaram-se anos só depois pensaste
O rumo à vida no total mudar.
Não era cedo; mas com vento em popa
Em breves anos ao final chegaste.

Com riscos mil, e ondas alterosas
Quebraram fúria eu teu batel audaz!...
Que importa a dor... a crítica mordaz
Se além t'esperam praias bonançosas?

Dalém do mar, ansiosa, em gritaria,
Te aguarda a turba-multa do Sertão,
Em triunfal e longa romaria
Te juncará de flores o teu chão.

Jamais quererão que a agrura do caminho
Fira teus pés, magoe o teu (1) rebento
Negros de tez, têm alma cor d'arminho
Sofrem por ver em outros o tormento.

De unguentos raros, drogas e arnica
Mel das silveiras, peles de gibóia,
Cheiro suave de catinga pura
Serão recheio da tua botica.

Se algum doente lhe encurvar a espinha
Cambalear ou fique lá prostrado
Uma injecção de bom cimento armado
O salvará. (Esta receita é minha).

(1) *Mas que também é meu.*

Se lá também houver dos atrasados
(Sem ser dos mestres doutos em botica)
'Sfrega-os sem dó com pura malagueta
E ficarão repletos de genica.

Mas que digo eu?! (Estava a magicar)
Pontualidade foi sonho doirado!...
Se assim não fosse, como ieis bordar
Os enxovais do «baby» e do noivado?

Mas para quê? Tolice rematada...
Tantas horas perdidas a bordar!...
Podias ser em pingue-pongue, bilhar,
«Cartologia» e bola doutorada!

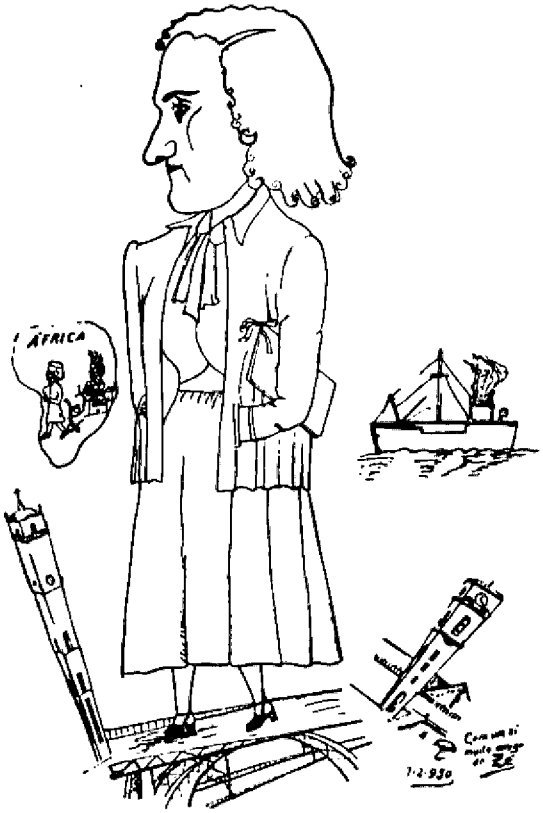
Não tinha o «baby» tão fofos paninhos
Onde deitar o seu corpito loiro,
Para em segredo, em sonhos tão mansinhos
Erguer milhentos castelinhos d'oiro.

Tempos de sonho são esses d'estudo,
Onde vaivéns se tombam no olvido,
Excepto quando o mestre carrancudo
O ponto todo quer ver resolvido.

Breve se abre a porta à realidade
Caindo o véu de matizada cor.
Mãos ao trabalho que imortalidade
Só o herói merece sem favor!

Com um grande abraço de parabéns do todo teu

ZÉ


AFRICA

Maria Alexandra da Costa Espinho Petrucci

Lá dos Hermínios, da alta serrania
Onde o frio manda e a neve campeia,
Veio ela à cidade da Sabedoria,
A Coimbra, estudar Farmacopeia.

Passam três anos. E de olhar fixo, absorto
Com um só fito, sem temer falácia,
Vem buscar à Cidade Invicta, ao Porto
A sua licenciatura em Farmácia.

Serena, firme, muito calma, forte,
Ao lar — à inglesa — ela chama «nome».
Contudo uma coisa há com que dá sorte,
É aportuguesarem-lhe o nome.

Gostou da Microbiologia.
Estudou, observou, sorriu.
E mês após mês, dia após dia,
Quantos bichinhos ela viu!

Às vezes, juntinhos, semelhando flocos:
Eram os cocos.

Outros pequeninos, muito giros:
Eram os vírus.

Agora, uns importantes, notáveis:
Os filtráveis.

Logo uns de provocar amnésias:
As rickétzias.

E monstrozinhos, sem nada de belas,
As salmonelas.

Mas um dia pardo, triste, cinzento,
Desponta bichinho novo e pimpão:
Era «o vírus paixonento»
Que destrói o coração.

Microscópios... Culturas... E nada!
Já chora... (Lágrimas de crocodilo?)
Tudo tenta!... Mas, triste e irritada,
Julga não mais alcançar o bacilo.

Começa o grande trabalho de pesquisa.
Preocupações, neura... Tudo desanima.
E o tempo, impávido, corre, desliza...
E nem antigénio, nem anticorpo, nem vacina.

Trabalha sem descanso, com afã.
Inocula a cobaia, o rato, a rã.
Co'o estômago negro como tarro,
Examina pus, examina o escarro.

Mas um dia, como por uma aberta,
Surge um belo e glorioso sol:
A vacina! A vacina descoberta!
Lucionatoaminoarsenobenzol!

MAGRO
GORDO

Maria Alexandra Sarsfield de Sá T. R. Fortes

Ainda o Sol das montanhas atrás se esconde
E a Aurora leva tempo a despontar,
Já a nossa colega Alexandrinha
Se apressa, pressurosa, a chegar.

Ei-la de bata, pronta a trabalhar,
Como se o mestre estivesse à espera,
No entanto, este, bem o podeis crer,
Deve dormir como se noite houvera.

E só agora numa capoeira,
Se ouve cantar o galo mais ledo,
Mas os galos da nossa colega
Devem por certo acordar mais cedo!...

No laboratório, junto aos aparelhos,
Como se aí para ponto culminante,
Já nada a fará arredar um pé,
Nem um só centímetro estará distante.

E ainda me lembro duma partidinha,
Em plena aula, cheia de surpresa,
A nossa Alexandra verificou, zangada,
Que a um colega já estava presa.

Tinham-lhes prendido as batas c'um alfinete grande
Brincadeira assim, com que eles não contavam,
Foi preciso o mestre ir p'ra junto deles,
Por mais que fizessem eles não se afastavam.

E agora me lembro, inda não disse tudo,
Pois de tal menina há muito a dizer,
Se alguma coisa omito, é por ter receio
De chegar a meio sem papel haver...

Corpo maneirinho, olhos muito grandes,
Um pé pequenino, sempre bem calçado,
Botinhas, sapatos e se mais houvera,
Tudo a Alexandra deve ter usado.

Muitas camisolas, se o frio aperta,
E ainda o cach-cool sempre bem atado.
Tal qual a cebola! Com o seu vestir
Toda a gripe afasta, é o seu cuidado.

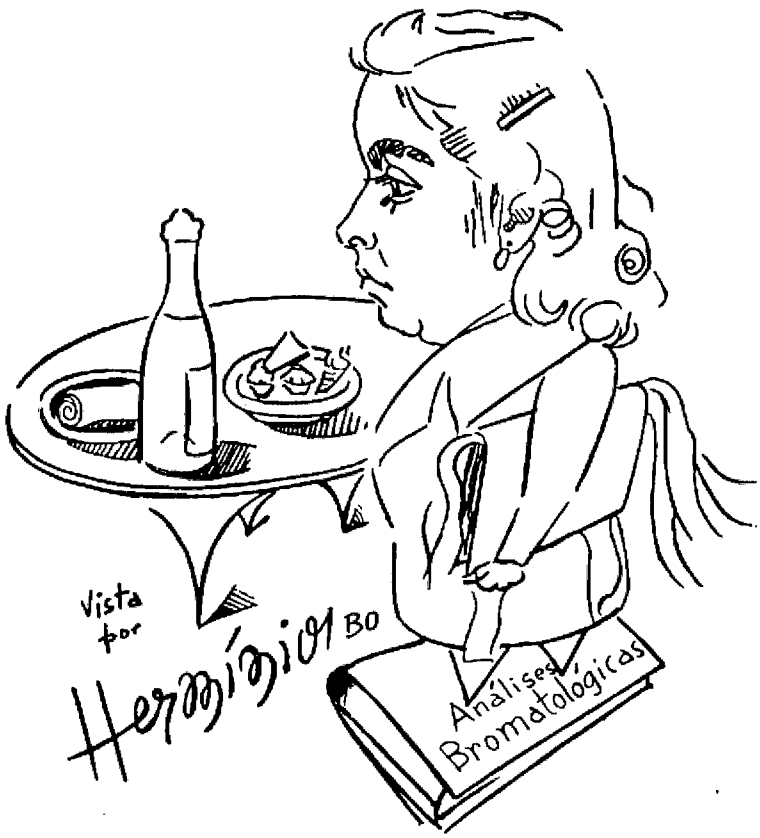
Não é preguiçosa, mas a sua calma,
A não conhecê-la, bem pode enganar.
Mas se houver cinema ou alguma festa
Para desmentido é vela chegar.

E se houver champanhe e também bolinhos,
Então essa festa é muito melhor!
E leitor amigo, se deres um banquete,
Deves-lhe dizer qu' é ao seu dispor.

E assim verás a sua alegria,
Tão característica é em seu sentir,
E as gargalhadas que nos faz ouvir,
São o testemunho de eu não mentir.

E tu Alexandra, minha muito amiga,
Desejar-te quero, sempre no porvir,
A vida feliz a que tu aspiras,
Sem um só espinho e sempre a sorrir.

MARIA AUGUSTINA RODRIGUES


Vista por
Hermínio BO
Análises Bromatológicas

Maria Antónia Figueiredo de Albuquerque

Esta moça agora tem
Os dias muito ocupados.
Os dias da Maria Antónia
Sabem como são passados?

Vai às aulas da manhã
Só p'ra cumprir seu dever.
Mas p'ra não se sentir só
Nem mesmo se aborrecer.

Quando está muito calada
É para desconfiar.
Nalguma coisa importante
Ela estará a pensar.

Tão amorosa pequena
Tem um defeito evidente.
É qu'em em qualquer discussão
É sempre INTRANSIGENTE.

As aulas mal acabadas
Vai para o Lar a correr.
É que a carta já lá está
P'ra ela ler e... reler.

E ao terminar mais um dia
Ela gosta de pensar
Que o célebre mês de Outubro
Está quase, quase a chegar...

Acorda a pensar no Zé
— Se é que não sonhou com ele —
Pensa na carta da véspera,
Nas saudades que tem dele.

Resolveu a Maria Antónia
Ter consigo, sempre à mão
Uma das prendas do Zé,
Dá-lhe tal consolação!

Na verdade ei-la a dizer;
Oh «coisinha», quando soa
Á hora d'irmos p'ra férias
Qu'eu quero ir p'ra Lisboa?

No convívio com as colegas
«Dá ao pelo» fàcilmente.
E a sua teimosia
É como a de muita gente...

Á tarde vai a resposta
— Uma carta também cheia —
E, porque ela assim prefere,
Escreve-a com caneta alheia.

Da colega amiga

MARIA HELENA DIAS AGUDO

LISBOA
PORTO
LISBOA
Asourinho
56

Maria Armanda Moura da Costa Flórido

Angola, 25-1-52

Oh, que bela rapariga!
— Dizem, ao vê-la passar —
Tem uns olhos grandes, lindos;
É morena de encantar.

Quando lhe começa o ano,
É a primeira a jurar
Que nenhuma das cadeiras
Para Outubro há-de deixar.

É muito boa pequena,
Mas certo defeito tem:
Se uma colega desiste,
Ela desiste também.

Se tem aulas, logo às oito,
E o despertador a chama,
Com o miminho que tem
Não se levanta da cama.

Sente-se bastante, é certo,
Com aquele que a magoa;
Porém seu bom coração,
A seguir, logo perdoa

Não há bela sem Senão
— É rifão muito vulgar —
O dela... oh, que peninha!...
É custar-lhe levantar.

Mas com toda esta preguiça
Ei-la no fim, 'stá cursada,
Já tem na mão o Canudo:
É Doutora, está FORMADA.

Com muitos beijinhos
da tia amiga

EMA DA COSTA FLÓRIDO
BAJOUCA

Moçâmedes, 25-1-52

Eu conheço uma pequena,
De nome Maria Armanda,
Que, na parte da manhã,
Ás corridinhas sempre anda...

Por mais que procure e faça,
Há-de andar sempre atrasada,
Quando... as aulas são às oito,
Ás oito da madrugada!!!...

Essa aluna de Farmácia,
Menina um tanto mimosa,
Tem o defeito de ser
Mesmo muito preguiçosa.

Realmente calha bem
Num descansado soninho,
O ficar até às tantas
No ninho fofo e quentinho.

Mas a vida não permite
Cultivar as fantasias;
E quem tem de trabalhar
Não pode todos os dias

Ter o prazer do F'riado,
As delícias do Domingo...
Urge assim levantar cedo,
Sem soltar qualquer rezingo...

Isto, embora haja, por vezes,
O desejo de clamar
Contra as torturas da Vida
Que não nos deixam... SONHAR!

Com um XI das primas

LEONOR
e
MANUELA

Moçâmedes, Janeiro de 1952

Ai, quantos anos seguidos
No duro afã de estudar...
Quantos folguedos perdidos
Que deixaste de brincar...

Mas foram fins atingidos
Numa luta singular...
E são percursos vencidos
Para a vida melhorar.

Vai findar esse tormento
Numa prova de talento.
Vencerá o teu valor

Alcançando um BEM em tudo.
Terás no final... o CANUDO
Com o teu grau de doutor.

do Tio JOAQUIM

Porto, 6-12-1951

ÁS FITAS DA TUA PASTA

Oh, fitas da Pasta,
Lenços a acenar!
Sois farrapos d'alma
Que pairam no ar.
Roxa é vossa cor
— A cor da ilusão —;
Dos sonhos d'alvor
Sois doce menção
E com mui soidade
Lembrais-me, ao voar,
Essa bela idade
Que já vi passar.

As fitas na Pasta
— Oh, filha adorada! —
Dão termo ao sonhar...
São fins d'alvorada.

ARMANDO DA COSTA
FLÓRIDO

12
8
Vista por,
As horas correm...

Maria Augustina Rodrigues

É muito pequenina, um «piãozinho»
Que até já arranjou um bom «cordão»
Duma famosa marca, «Eduardinho»,
P'ra lhe pôr a girar o coração.

Tem um belo cabelo acastanhado,
Á «Marquês de Pombal», muito crescido
E um nariz fortemente arrebitado,
Que lhe empresta um arzinho divertido.

Tem farmácia na terra. Mas um dia
Comprou um banco e pô-lo lá no chão
Que é para, se houver muita freguesia,
Poder chegar à altura do balcão.

Nas horas vagas faz umas rendinhas,
Uns crochets e uns bordados, menos mal,
Pois é fazendo assim essas coisinhas
Que ela vai aumentando o enxoval.

É grande apreciadora de excursões
Ao Ermal — ou a outro qualquer lado;
E gosta de sentir as vibrações
Do vento no nariz arrebitado.

Vai às aulas, se não for passear,
Quer fazer um joguinho de berlinde;
Mas sai sempre mais cedo, p'ra apanhar
O combóio que vai para Ermesinde.

É boa alma e boa camarada,
Que tem ciência e simpatia a rodos;
Porém pela Polícia é procurada
Por açambarcar sempre os «quinzes» todos.

Religiosa, p'ra que não se diga
Que pretende subir a grande altura,
Quer casar no Convento da Formiga,
Que lhe está mais de acordo e da estatura...

*
* *

Parabéns, Augustina! Vai formar-se
E depois vai também consorciar-se,
P'ra melhor governar essa vidinha.

E parabéns também ao conversado
Que tão bem se lembrou desse ditado
Que nos diz: «A mulher e a sardinha...

FLÁVIO SERZEDELLO DE OLIVEIRA

COIMBRA
PANTAGRUEL
RECEITAS
Vista por Hermínio BO

Maria Beatriz Fontes Serzedello Diniz

Esta senhora, como podem ver,
É Serzedello — reparai, oh gentes! —
Portanto, é muito fácil perceber
Que eu e ela, pois somos parentes.

Pediu-me versos bons, com boa rima
E p'ra isso me deu poderes plenos.
Ora bem: sendo ela minha prima,
Tem concerteza um parafuzo a menos!...

É bastante parecido co'o parente:
Além da bela voz que Deus lhe deu.
É muito esperta e muito inteligente
E de raça minorca como eu!

Sendo também amigo da família,
Quando há um ano esteve no Estrangeiro,
Não podendo trazer uma mobília,
Quis ao menos trazer um galheteiro!

Queria mandá-lo ao pai, lá para Angola
Onde se encontra o meu primo Diniz,
Co'um bilhetinho preso a uma argola:
«Da filhinha Maria Beatriz».

Como ela adora viajar de avião,
Até quis concorrer a «hospedeira»,
Sem se lembrar que pode vir ao chão
E sair-lhe bem cara a brincadeira...

Ela tem uma voz tão doce e bela.
Que até já me disseram que servia
— Mas eu creio que deve ser balela... —
P'ra adormecer as rãs da dinamia!...

Bem nova atravessou os oceanos
— Essa viagem, em sonhos, fi-la eu... —
E morou em Angola muitos anos,
Fazendo lá o curso do Liceu.

E quando regressou ao continente
Foi estudar Farmácia p'ra Lisboa,
Vindo há dois anos para o pé da gente,
Continuando a ser alma boa.

Uma coisa, porém, dá que pensar
Senão a toda, a quase toda a gente:
Como é que ela consegue conversar,
Com aquela vòzinha impertinente?!...

Outra coisa nos faz arreliar
E põe o coração da gente aos saltos:
Ela é muito capaz de se matar,
Se algum dia cair dos saltos-altos!

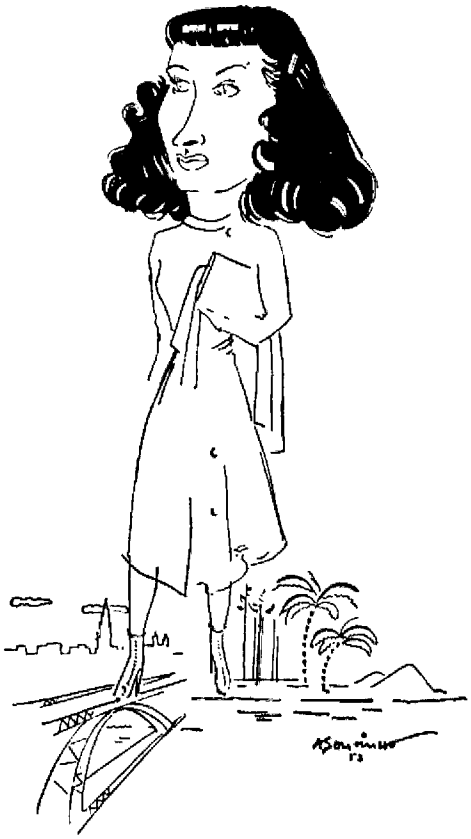
*

* *

Priminha: como és trabalhadora,
Já venceste na vida! E enfim, agora
Que subiste a montanha, eis-te no cimo!

Que Deus te aplane a estrada para a Vida
E não te dê nenhuma outra subida,
São os sinceros votos do teu primo!

FLÁVIO SERZEDELLO DE OLIVEIRA



Maria Eduarda Afonso Soares

Já todos conhecem a minha irmã
Que convosco vive todos os dias.
De corpo pequeno, mas de alma sã,
Tem grandes qualidades... e «manias».

Gosta de arrumação, de beleza,
Do espírito, das boas poesias,
Da simplicidade, da singeleza,
...mas, gostar de tudo isto são... «manias».

Acredita em tudo que se lhe diz
Com confiança que impressiona.
Os princípios, que sempre seguir quis,
Dizem que a Mentira não é humana.

Vive demasiado do pensamento,
Longe do que a rodeia, da vida.
Resultado deste procedimento:
Muitos a apodam de... distraída.

Na Escola de Farmácia estudou
Coisas que escusava de estudar.
Na Escola da Vida começou
Há bem pouco ainda a soletrar.

Quis engordar, e a custo engordou,
E logo quis de novo emagrecer.
Um desejo que não materializou:
Mais uns centímetros de altura ter.

Estou a vê-la a manipular
Rodeada de frascos e tubinhos
Mas, em vez de remédios p'ra curar,
Fabricar bons perfumes e cheirinhos.

Que a Vida te sorria, irmã querida,
São os desejos deste irmão amigo.
Que o futuro te traga feliz vida
...e mais uma coisa que eu não digo.

Com um abraço do irmão amigo

JOSÉ

5

Maria Elisette da Silva Dias

A Doutora Elixette»...
Perdão!... É de Viseu
Mas nunca fala «axim»
Foi um lapso meu...
A Doutora Elisette, como estava a dizer,
Pediu-me há já uns tempos,
P'ra uns versos lhe fazer.
Telegrafei às Musas
Pedindo inspiração,
Mas elas, impassíveis,
Disseram-me que não.
Que era um produto caro,
Difícil de encontrar
E cada vez mais raro...
Fiquei atrapalhada
Como podem supor
Pois tinha feito a asneira,
Talvez por brincadeira
Dos versos prometer
E agora que fazer?!...
Sem o produto caro,
E cada vez mais raro,
Difícil de encontrar,
Como hei-de versejar?!!!
Enfim, eu vou tentar...
. . . . . .
Morena, alta, elegante,
Seria um bom partido
P'ra ti leitor amigo
Mas... (há sempre um, «mas» na Vida)
Existe um «aspirante»
Moreno, alto, elegante...
(Compreendes certamente).
Passemos pois à frente
Porque em questões d'amor
Não quero indiscrições...
Porém, p'ra me vingar
Do enorme trabalho
Que os versos estão a dar
E p'ra te consolar, tristíssimo leitor
Eu vou murmurar
Algumas... «qualidades»
Da Doutora «Elixette»
(Perdão... que tentação...)
Da Doutora Elisette.
— É muito preguiçosa
E quando a chamam cedo
(Onze e meia, meio-dia).
Faz uma berraria
Que até nos mete medo...
Gosta de viajar,
E pensa, disse-me ela,
. . . . . .
. . . . . !!!(a)
Acabou-se-me a veia,
Menina de Viseu.
Mas para calcularem
As «qualidades» dela
Só vos posso dizer
Que'inda é pior do que eu.

Com votos de muitas e muitas felicidades
recebe um abraço da

MARIA LUISA

Maria Eugénia Augusta Guimarães von Hafe

Esta senhora Doutora,
Sempre pronta a comandar,
É um nadinha faladora
E amiga de reinar.

Prega a sua partidinha
Na melhor ocasião,
E de cara inocentinha
Põe-se logo a olhar p'ró chão.

Mas se na mente lhe passa
Que a estão a gozar,
Sua ironia trespassa,
Seu cinismo não tem par!

Se é preciso trabalhar
Ela vai sem mais demora
As colegas apressar,
P'ra poder sair à hora!

É seu pobre coração
Em constante palpitar,
Que reclama a injecção
Que, ao Carmo, vai tomar!!

Que seu coração generoso
Seja guia bem seguro.
Um abraço caloroso
Um grande e belo futuro.

deseja, A. G.

Maria Fernanda Caetano Galo

Ali no Pombal, onde há tanta pomba
E uns borrachinhos desses de estalo,
Entre tantos pássaros, desses de arromba,
Há uma certa ave... que se chama *Galo!*

'Inda a noite espreita longe o despertar
E, de manto negro, 'inda reina só.
Mas já surge o *Galo*, um rei no seu lar
Que acorda tudo: *có-có-ró-có-có!*

E o cantar do Galo é o despertador
Que o mundo das trevas troca pelo dia!
— Doutora Eduarda: isto dá vigor
Fora dos lençóis, oh Rosa Maria!

Nédia plumagem, vai p'ra Faculdade
Já que na ciência passa por ser génio.
Como analista é 'ma celebridade
Quando nas urinas... pesquisa o arsénio.

Para o Congresso, que já não vem longe,
Sobre mil trabalhos faz preparatórios.
Nunca está parada! assemelha um monge
Com a sua cela... nos laboratórios.

Quem com ela priva já me confiou
Que quando discute tem este argumento:
Se a coisa lhe agrada — bem, tudo passou;
Mas se não agrada... arma pé de vento.

E, se mesmo assim, não leva a melhor
E para a questão arrumar a um canto
Tem um argumento de enorme valor
Nesta simples frase! «Sim... e no entanto».

Do lar onde vive, qualquer uma freira
Já não ignora que ela é rabugenta,
Para refilar... há sempre maneira:
Quanto mais não seja, por causa da ementa!

Quando o friso todo toca a reunir
Para ouvir piano ou cavaquear,
Nunca do seu quarto ela quer sair
Diz que corre o risco... de se constipar.

E assim a Fernanda, para não perigar
Se faz rodear de mil cautelinhas.
Se o Inverno corre, há que agasalhar
E calçar os pés... com umas bòtinhas!

É no pingue-pongue amadora pura
Mas se o jogo ganha fica tão inchada
Que de satisfeita diz a criatura:
— «É que o perder, a ninguém agrada...»

Quando vai a férias, lá para Tomar
Quanto a descanso é uma *desgrácia.*
Sempre tem vestidos, muitos p'ra arranjar
É fazer remédios, lá numa Farmácia.

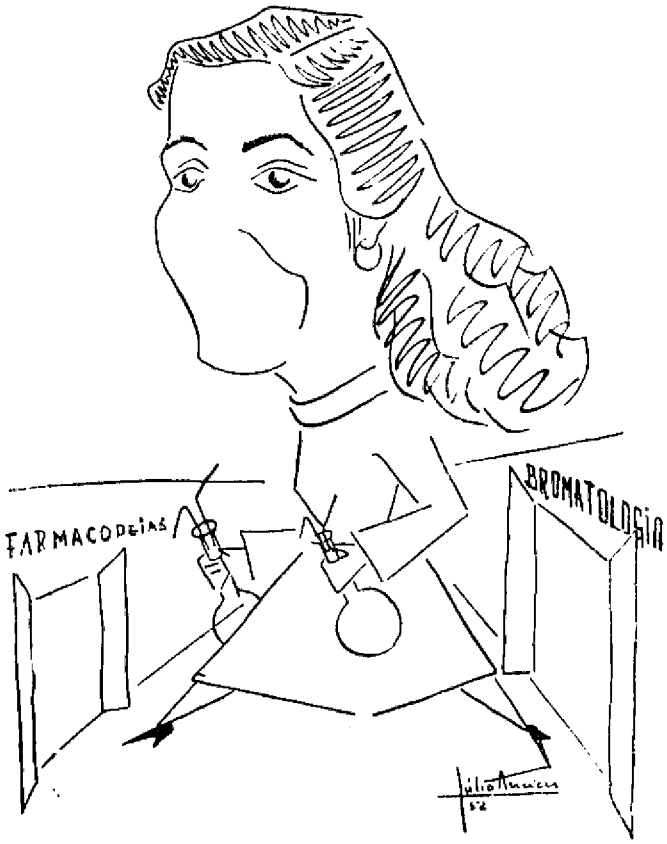
Se tem lindos olhos de fulgor cigano
Que fazem sonhar quem com ela dansa,
Mais que um «D. Juan» sofreu desengano
Quando nela viu... áurea *segurança!*

'Inda ontem veio! (como o tempo voa
E me deixa inerte, mesmo semi-morto!)
Trazia saudades grandes de Lisboa
Só não diz que as leva, ao deixar o Porto.

Quando pôs as fitas deitou ilusões
Que futuros ventos levaram ao ar.
Mas é assim a vida: vossos corações
Deixam-nas viver, p'ra depois queimar!

Quando for embora a *ave doutora*
Deixa o Pombal tristonho e só.
Penará saudades duma voz canora,
Que assim cantava: *có-có-ró-có-có!*

RUI BASTOS


FARMACOPEIAS
BROMATOLOGIA

Maria Fernanda M. de Magalhães R. Ilharco

Num pé andou com uma grande dor,
Muito intensa e de curta duração,
Sintoma evidente e revelador
Dum gravíssimo mal interior,
Situado em pleno coração.

Neste ano esse mal subiu-lhe à cabeça.
Não se trata pròpriamente de dor.
O que é vê-se, embora não pareça,
Dá-lhe até muito boa parecença,
Pois trata-se duns óculos amor.

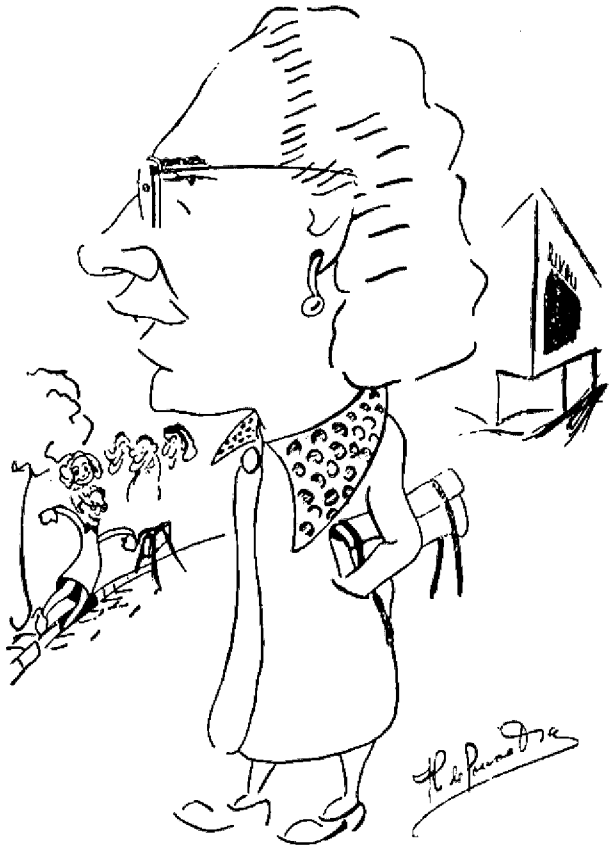
Numa tarde em que foi ao Rivoli
O dito pé fez grande sensação.
Por um buraco enfia mesmo ali
E só quem não viu é que se não ri
Daquele fenomenal trambulhão.

Desculpa nós virmos falar em tal,
Mas nunca falamos em coisas sérias.
No caso não há também grande mal,
Uma vez que nem sequer afinal
Nos chegaste bem a mandar p'ra férias.

Cá continuamos infelizmente
Nesta terrível cidade do Porto,
Mas cá o grupo vive alegremente,
Passeia, brinca e vive contente,
Sendo a M. e L. o nosso desporto.

Com um grande abraço do grupo da M. e L.

CLARA, QUINAS, MINA e MILITA



Maria Fernanda dos Santos Milheiro

Sempre jovial, o sorriso alegre,
Chega à Faculdade, não mostra ter pressa,
No entanto a aula qu' estava no meio,
Não tarda a findar, num momento cessa.

E até se pudesse ao tempo pedir,
A nossa colega decerto o faria,
As noites seriam de tal modo grandes
Que tarde seriam sem romper o dia.

Então dormiria sem nenhum cuidado
Pois levantar cedo é grande maçada!
A aula das 8 seria abolida,
E às 12 devia estar acordada.

É, dentro das aulas muito sossegada,
Tira apontamentos no maior primor,
Fazer reacções não é muito dela,
Para os outros deixa todo esse labor.

E em certas aulas, um tanto distantes,
Em que Morfeu vinha fazer companhia,
Ela não dormia e eu 'inda creio
Que por certo havia alguma magia.

Não há muito tempo, chega à Faculdade
Muito apreensiva, cheia de tristeza,
«Está doente o Riques!» logo nos diz ela.
«Deve ser a asma com toda a certeza».

Tantos sinapismos, com escalda-pés
Puseram-no fino logo num momento,
Sulfamidas várias e cataplasmas
O pobre gatinho livram do tormento.

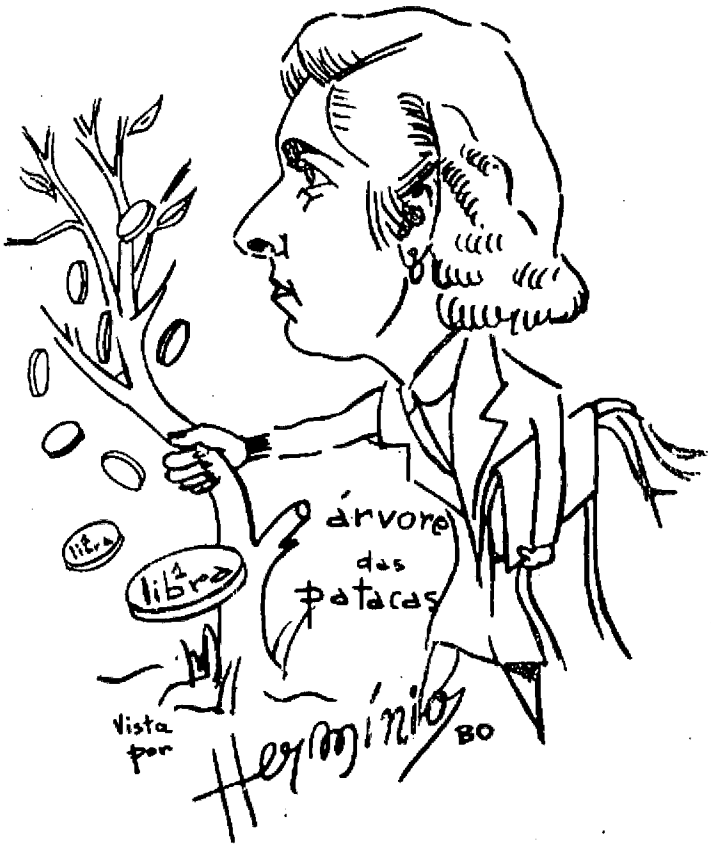
E a nossa Doutora, livre do desgosto,
No Brasil pensando, vai o seu sonhar...
Nas rumbas cantantes e no sambazinho
Julga até ouvir algum sabiá!

E a árvore dourada lhe sorri ao longe,
Com muitas patacas, todas a brilhar...
E terão libré todos os criados
E nos seus vestidos a cauda a arrastar!

Quanto ao coração, não há quem descubra
Em feroz mistério o sabe guardar
E feliz será podeis estar certos,
O príncipe encantado que a vier buscar...

Com um abraço muito amigo da

M. AUGUSTINA


libra
libra
árvore
das
patacas
Vista
por
Herminio
80

Maria Flor Gomes da Silva

Inverno! Chuva fria cai do céu
Causando a todos certo dissabor.
E ela, com tais botas e chapéu,
Vista ao longe parece um camafeu,
Mas vista mais de perto, é uma flor!

Mal chega à Faculdade, sobe a escada
E vai logo direita à Associação.
E após estar do abafo libertada
Penteia-se e logo antes de mais nada
Vai assentar-se perto do fogão.

E ali fica horas, encolhida,
Á espera que lhe passe todo o frio.
Depois ergue-se e vai, já decidida,
Jogar de Pingue-Pongue uma partida
Com o senhor doutor Alberto Rio.

Algum tempo depois, já farta disso,
Começa a fazer grandes disparates,
Pondo a Associação toda em reboliço
Pois vai, sem se ralar nada com isso,
Comer um quilo ou dois de chocolates!

E desde que lá há telefonias,
Agarra na «mãosinha» do Alberto
E vão para o pé dela todo o dia,
Estudar Toxi ou Bromatologia,
Com o botão de som de todo aberto!

E como o encarregado da poesia
Não pode ser, de modo algum, discreto,
Vou dizer-lhes da Flor uma mania;
Tinha medo das rãs da Dinamia,
Mas mexia nos ossos do esqueleto!...

Mas ela usava um crime praticar,
Crime que se tornou assaz notório:
Ao queijo, que era para dosear,
Fazia o «doseamento» a mastigar
E depois aldrabava o relatório!

Mas um dia o doutor Quim Oliveira
Acabou-lhe, de vez, com a pitança
Dizendo-lhe, em ar de brincadeira:
«—Eu guardo o queijo! É a melhor maneira,
Que a senhora não é de confiança!...»

Ao pedir-me que os versos lhe fizesse,
Fez-me também a Flor outro pedido,
Para não me esquecer se os escrevesse
E que eu cumpri, segundo me pareçe:
«— Seja conveniente e comedido!...»

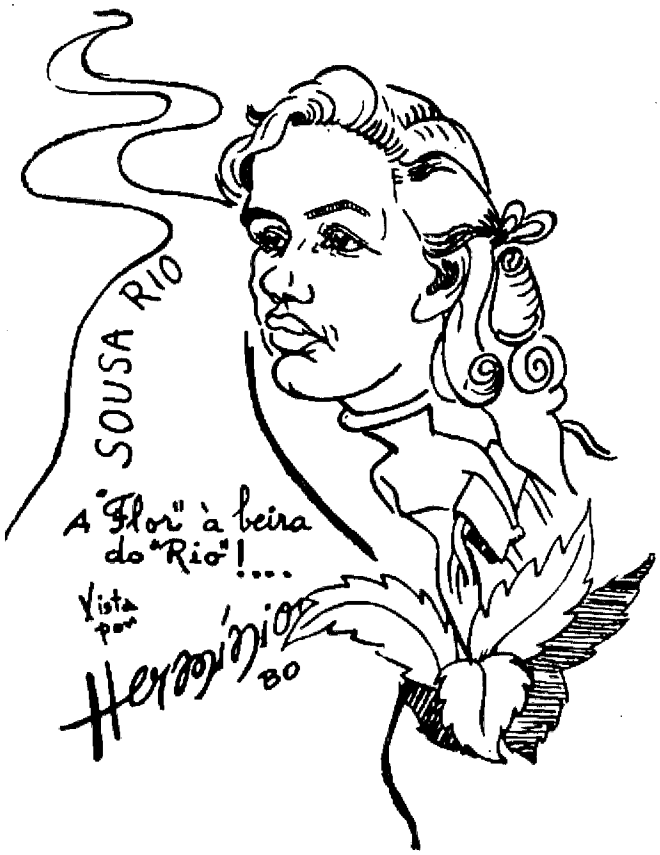
*

* *

Cumprido, finalmente, o meu dever
De os versos para o Livro lhe escrever,
Permita-me que agora me despeça.

Só lhe desejo muito boa-sorte
E quer lá pelo Sul, quer pelo Norte,
Deus lhe dê as venturas que mereça!

FLÁVIO SERZEDELLO DE OLIVEIRA


SOUSA RIO
A "Flor" à beira do "Rio"!...
Vista por
Herminio
BO

Maria da Glória Vasconcelos Pinheiro

Ó Santos e querubins
Que à alta mansão subistes
A vós ergo a minha prece
Cá deste mundo de tristes.
É por consideração
Que vos mando esta oração,
Que esta vida
Nada tem de complicado·
E eu sòzinha
Bem me tenho despachado...
Dai-me o dom de madrugar
Que às 10, já tenho de estar
Na aula das 8, e é prudente
Que se chegue antes do lente.
Conservai-me bem perfeito
O brando e suave jeito
De fulminar quem se atreve
Tìmidamente, de leve
A negar que «mão» é «pé»
Se eu entendo que assim é.
Dai-me o dom da ubiquidade
Que lá pela Faculdade
Estou em vinte comissões
Acham que por ser dotada
Duma «lata» inusitada
Tenho boas condições.
E já vos peço perdão
Se o barulho dos concílios
Chegar à vossa mansão.
Afastai-me de massadas,
Dai-me cinemas, touradas
Dai-me romances, crochet...
Colocai a trinta milhas
A feitura de pastilhas,
As análises de fezes
E outros produtos soezes...
Quero rir e discutir,
Quero ouvir o Villaret!
Quero um pulso bem potente
P'ra mandar em toda a gente...
Oh! querubins, atendei
Esta oração fervorosa
E por Deus, serei ditosa
E louvores vos cantarei
E aos outros santos também
Para todo o sempre. Amém.

*

* *

É a prece matinal
Tirada do seu missal
O resto, quem quiser pense-o
O resto... é silêncio.

MARIA DA SOLEDADE

lata
lata
lata
lata
Tem muita lata
campeã de:
Comissões
Cinemas
touradas
romances
etc...
Vista por

Maria da Graça Moreira da Costa

Parte do veneno *injectado* pela Graça Gonçalves

Quem me pediu os versos bem sabia
Que a um pedido seu diria sim;
Fazer obra de fama eu quereria,
Mas as Musas não gostam de mim...

Conheço-a mal e... conheço-a bem...
Que tem muito génio...
E muito mais tem!

Quando chega, com o seu ar sereno
Deixa a desordem no quarto onde estiver,
Com tal suavidade, com todo tão ameno
Que a causa do mal não chegamos a ver.

É uma desordem que paira no ar
Pois nada encontramos
Fora do lugar...

Gosta de chocolates bem docinhos
Mas depois vê-la-emos, com pesar,
Lastimando suas «banhas e toucinhos»
E admirada por se ver engordar!

Mas não come muito, não pensais,
Precisa de ralhetes
P'ra comer mais.

Depois do meio-dia, vê-la-eis na cama
Fazendo tricot ou cosendo vestidos...
A subir bainhas, ganhou certa fama
Pois tem a mania de que estão compridos...

E os livros de estudo, bem guardados,
Esperando o dia
De serem consultados...

Por causa da ureia, pretexto arranjou
De comer carninha em dia de jejum.
Ralham as Irmãs—Mas quem se ralou?
— «Que mal faz um bife? Eu só como um...» —

E aquele andar calmo, pesadão,
Pois tem de cuidar
Do seu coração.

Para a vida em comum, para a sociedade
Podem-na convidar sem nenhum receio
Pois tem uma grande facilidade
De bem se adaptar a qualquer meio.

Contra mim, uma certa zanga tem,
Duma conversa...
Sobre «Gente Bem...»

Por baixo daquela calma quase dolente
Abre-se a cratera de grande vulcão;
Há um «ginete» tão efervescente
Que parece estar sempre em erupção.

E a crosta rebenta tão fàcilmente...
Por uma ninharia
Afia logo o dente...

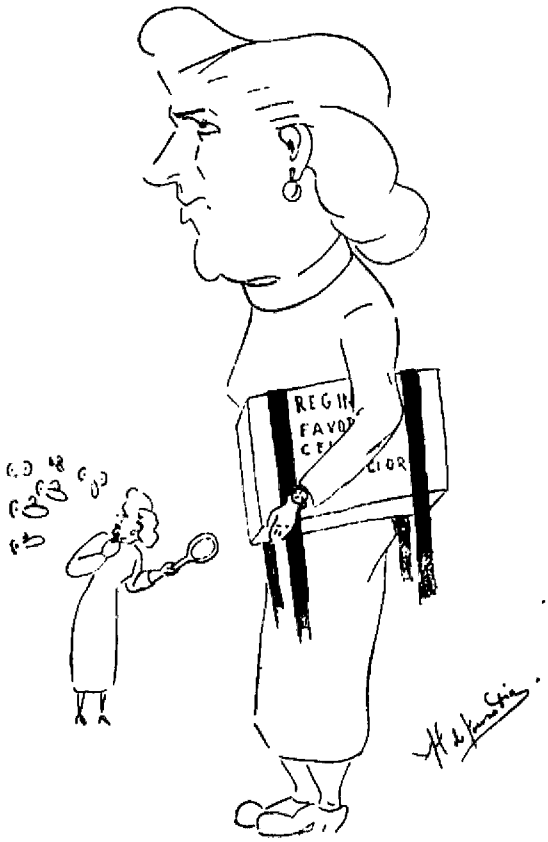
Mas toda esta bulha é só de fachada
Já ninguém se assusta com tanto chinfrim;
Boa rapariga, muito dedicada...
— Ela não tem culpa... Deus fê-la assim...

Altura de exames, quereis saber?
Expulsa de casa
Quem a for ver...

Bem disposta a rir, muito camaradona
É um bom elemento lá das passeatas,
Disposta a partidas, sempre brincalhona,
Nada de basófias, nada de bravatas.

Conheço-a bem, afinal,
O suficiente
P'ra não dizer mal?

MARIA DE LOURDES
MOUTINHO GOMES


REGIN
FAVOR
CE
CIOR

Maria Helena da Conceição Ribeiro

Desta, que se forma, jovem doutora
A história ides ouvir contar:
A beleza dos tempos de outrora,
De quando foi estudante sem estudar.

As horas felizes que já lá vão,
Os sonhos belos que ainda existem,
A chama que arde no coração,
Do entusiasmo que no futuro tem.

Em Penafiel nascida e baptizada,
Foi um prodígio de criança,
Ainda muito antes de formada.
Nela os Pais punham grande esperança.

Em pequenina foi para a escola,
Pois em casa parada não estava,
Gorducha fazia lembrar uma bola,
Ou um pião que rodopiava.

Cedo começou a ser vaidozinha.
Um dia frente ao espelho se pôs
Empoeirando-se com farinha,
Que julgava ser pó d'arroz.

Nos estudos liceais soube mostrar,
Ser boa aluna quando o queria,
Gostando também, de tudo arrumar,
P'ra ser boa dona de casa um dia.

Não só nos estudos era sagaz
Mas também uma desportista completa,
Pois, tal qual um autêntico rapaz,
Fazia habilidades em bicicleta.

Gosta muito de renda fazer,
Na praia aprendeu a frioleira.
Bons livros, autores célebres, gosta ler
E dizer que é «excelente cozinheira».

Cresceu e fez-se cachopa engraçada,
Assim que terminou o liceu,
Entrou p'rá farmacêutica caloirada,
— Logo grande acontecimento se deu:

Quando nas bríticas (1) aulas d'Análise
No tubo, pesquisava o catião,
Deu-se grande e inexplicável catálise...
E afinal... pescou um coração.

Depois desta vida atribulada,
Resolveu, por fim, descansar,
E passou na Pérgola sentada
Muitas horas felizes a sonhar.

Sonhos belos e grandes duma vida
Cheia de felicidade, amor
E coragem para não ser vencida
Pelo desânimo ou pela dor.

Pensou ser destemida africanista,
Num jeep com os «pequenos» viajar:
Na alternativa de ser campista,
Se no velho continente ficar.

Quatro anos felizes já passaram,
Depois daquela pesca milagrosa.
Os doces passeios acabaram,
A vida vai entrar na senda tortuosa.

Que o caminho te seja suave,
O fardo leve e o passo certo,
Que não haja nenhum entrave
Para o teu futuro ser céu aberto.

Isto te deseja sinceramente
Com votos de muita, muita ventura
O velho «ratão» que, eternamente,
Te acompanha na caricatura.

Do teu muito amigo ANTÓNIO

Quando recebeste a Graça Baptismal
Os sinos repicaram com alegria
E eu colocava o teu corpinho débil
Sobre o altar de Virgem Maria
E em preces ardentes lhe pedia:
— Abençoai, Senhora, este pequenino ser
Cobri-o de bênçãos enquanto viver.
E a Virgem, Mãe de bondade,
Tem-te cumulado de felicidade.

Está quase concluída a tua formatura:
Estudos cercados da melhor ventura.
Seguirás ávante pela vida fora,
Angariando o pão de cada dia,
Mas sempre amparada pela Protectora
A quem te entreguei em tão solene dia,
E neste enlevo d'alma e coração
Em nome de Deus te dou a minha bênção.

A MADRINHA

Irmãs bulhentas fomos em miúdas
Em tempos que há muito já lá vão
E os efeitos dessas *sérias bulhas*
Eram de nossos Pais consumição.

Mas dia após dia foi passando
E à medida que o tempo ia seguindo
Bálsamo sobre os males fomos deitando
E uma firme amizade foi surgindo.

Agora por vezes nos pegamos
E pela certa não imaginam a razão:
E que esta senhora «boticaira»
Tem forte mania d'arrumação.

Quando em férias se encontra, a vassoura
É o seu predilecto instrumento
Arrumar, arrumar, arrumar
É única ideia do pensamento,

De mim, se farta de apregoar
Que sou muito desarrumada
Mas resta-me a consolação
De não ser como ela exagerada.

Precisamente, para isto acabar,
O que esta tua irmã te deseja
É que percas em breve a mania
P'ra em tua casa reinar paz benfazeja.

MARIA DA LUZ

(1) Relativo a Brito.

Maria Helena de Paiva Vasconcelos Rebordão

É alta, elegante e bem bonita,
Esta moça a quem chamam «Coelhinho»,
Por causa da mania algo esquisita
De andar sempre a franzir o narizinho.

Na Capital do Império é que nasceu
Porém inda bébé foi mares afora;
No Continente Negro é que cresceu
E se fez o que é hoje: uma senhora.

À força de batuques escutar
Vendo os pretos bailar com toda a gana,
Ficou-lhe aquele jeito de gostar
Da música moderna americana.

Até, segundo disse o Rogérinho,
Ela só acha um baile bem selecto,
Quando em casa do pobre do vizinho
Se parte o candeeiro e cai o teto!...

A opinião do amigo seu de infância
Deve ser mesmo muito exagerada
Porquanto, co' as manias da elegância,
Ela está muito mais civilizada!...

Sempre que sai de casa, na Torrinha,
Para o cinema ou para um chá-dançante,
Não faz diferença alguma da Guidinha,
O que prova que ela é muito elegante...

Só veste da fazenda que há mais cara;
E a vestimenta é tão original,
Que a gente, muitas vezes, nem repara
No seu franzido apêndice nasal!...

Como o papá da Lena é marinheiro,
Olha p'ra um militar indiferente;
Pode ser general ou brigadeiro
Que, não sendo da Armada... não é gente!...

*

* *

Ora aqui tem você, Maria Helena,
O que eu digo de si, com certa pena
De não poder dizer muito pior...

— Mas você é tão boa rapariga,
Que eu não acho mais nada que se diga!—

E como já estou quase a terminar,
Permita que eu lhe venha desejar
Que a vidinha lhe corra p'lo melhor!...

FLÁVIO SERZEDELLO DE OLIVEIRA

MATINÉ
18,30

Maria Helena da Conceição D. Dias Agudo

Cinco anos a Farmácia tu serviste
Estudando drogas, pílulas, xaropada,
E depois da ladeira que subiste
És senhora doutora, estás formada.

Para trás vão ficar em debanda
Fitas, pastas, sebentas, Faculdade
E na tua alma vai ficar gravada
Uma só palavra — *SA-U-DA-DE.*

Ela será um arrimo bem seguro
Que há-de auxiliar-te no Futuro
A ser Feliz, Feliz mas de verdade.

Pois com certeza tens ambicionado
Ver o teu Futuro ser Passado
E sentires sempre na alma uma saudade!

Com um abraço amigo da

ADELAIDE NOGUEIRA

Alia-se ao dever a ideia dura
Qu' ele enrijece sempre o coração
Mas gostava que vissem a brandura
A graça com que pregas um sermão.

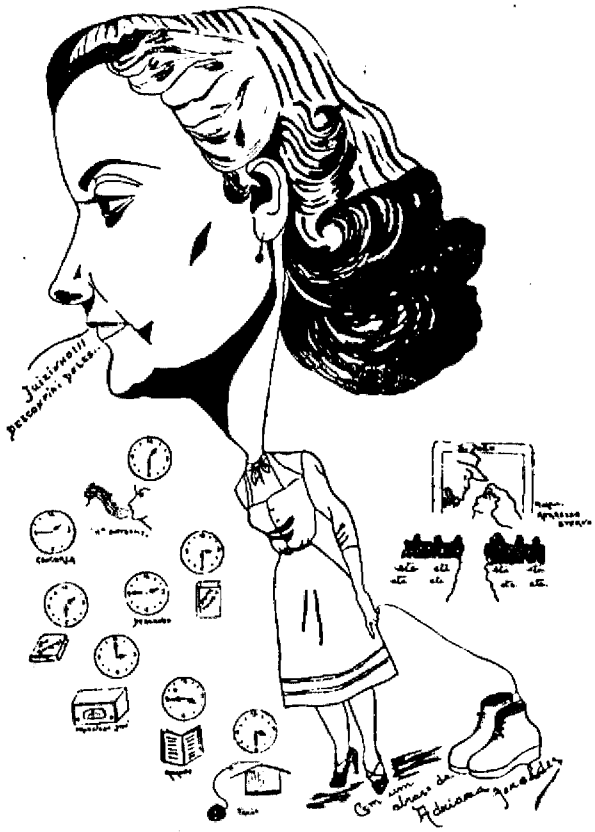
Queria que conhecessem a candura
Que te é natural, sem pretensão
Mas que olhassem também à travessura
Com que arrastas as «botinhas» pelo chão...

Queria enfim que vissem que frescura
E sensatez não são contradição.
E tu sê sempre assim, sempre segura

Pois sendo a que tens sido até então
— És a que deves ser, doce mistura
Do que te vem da alma e da razão.

Com um beijinho e a amizade da

ADRIANA GERALDES



Maria Helena Simões Correia Dinis

Dlim, dlão, dlim, dlão, dlim, dlão
Tocam, tocam, sem cessar
Em certa povoação
Os sinos a anunciar
A grande satisfação
Que acaba de lhes dar
O nascimento feliz
Da nossa Lena Dinis.

Seus pais, alegres, risonhos
Com a filhinha nos braços
Têm sonhos sobre sonhos
Que os enchem de embaraços.

O que há-de ser a pequena
Que curso se lhe há-de dar?
É o difícil dilema
Que tanto os põe a pensar.

Acabam por resolver
Com rapidez e perspicácia,
Que a menina deve ter,
O seu curso de Farmácia.

Logo que ao Porto chegou
Creio, ninguém o diria
De pacatinha passou
A ser a mais reinadia.

Bailes, chás, reuniões,
Conferências e viagens.
Frequenta os grandes salões
Onde vão altos personagens...

Sempre alegre, sorridente
Muito gentil e discreta
Conhece perfeitamente
Os manuais de Etiqueta.

Incapaz de s'apressar
Caminho da Faculdade,
Nunca conseguiu chegar
Dentro da Pontualidade.

Muito dada à boa Paz
Gosta de tudo bem feito,
Por isso faz e desfaz
Enquanto não está perfeito.

O coração quereis conhecer?
Meu Deus que grande absurdo!
Nada nos pode dizer
Pois que *anda ainda em estudo.*

Simpática, polida, delicada
E dona dum sorriso mui gentil,
Usa uma cabeleira esgrouviada
Emoldurando o encanto do perfil.

Só lê livros das mil celebridades,
Que viveram há anos — nem sei quantos...
Os artistas de todas as Idades,
Musicistas, filósofos e santos.

Os outros livros que costuma ler,
São os de estudo e muito poucos mais,
Pois tem real vontade de aprender,
Para dar alegrias a seus pais.

É ela, dentre as outras estudantes,
A mais estudiosa que eu já vi,
Pois «marra» muito; e só gasta uns instantes
A ler as obras todas que referi.

Adora bailes. Gosta de dançar
E de ir a toda a reunião festiva,
Dizendo-lhe as colegas, p'ra a ralar,
Que isso p'ra ela é «pesca-desportiva!...»

O que é verdade é que anda bem vestida,
Melhor que um manequim em qualquer montra.
Dizem que busca amparo para a Vida,
Um amor que procura — e não encontra.

Dizem... Mas eu sei lá se isso é verdade!
— Nem creio que não tenha amor algum! —
Muitas vezes se fala, com maldade,
De coisas que não têm mal nenhum!

Além do mais, é elegante e «chic»
E tem uns olhos belos como sóis
Possuindo, além disso, um bom «Buick»,
Mais dois carros e bastos carcanhóis.

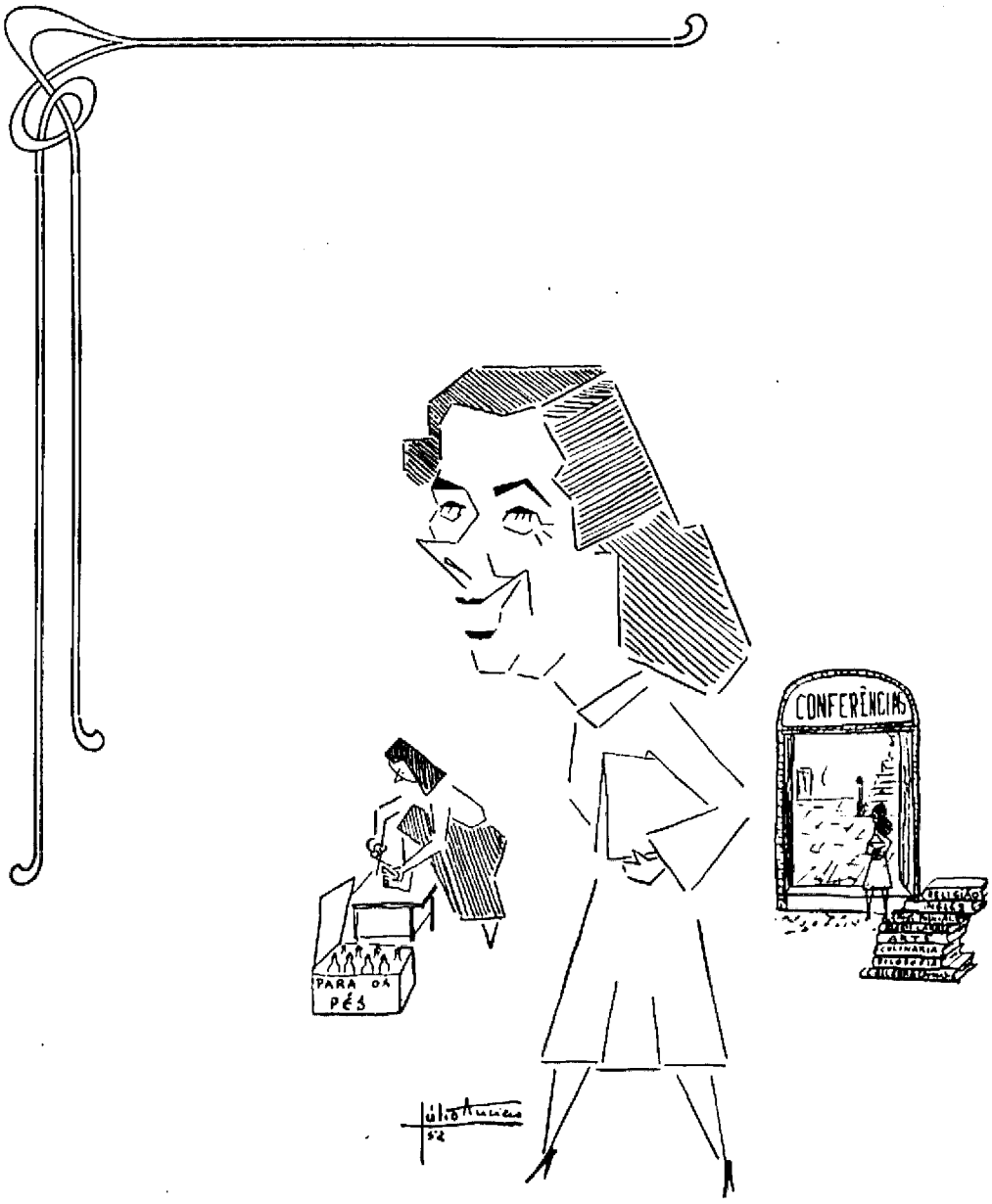
Não acredito, pois, nessa patranha
Que me contaram da Maria Helena;
E' inconsistente, como um fio de aranha
Que tecessem em volta da pequena.

*
* *

Desculpe, Lena, a prosa mal rimada
Que lhe dedica um velho camarada,
— Velho só na idade, é bem de ver... —.

Que o Futuro lhe dê, dia após dia,
Sempre uma nova fonte de alegria
E a Boa-Sorte que você quiser!

J. M. P. *FLÁVIO SERZEDELLO DE OLIVEIRA*


CONFERÊNCIAS
PARA OS PÉS

Maria Isabel da Graça Ribeiro

«Faz-me uns versos, Helena,
Isso é fácil de fazer».
Eu porém vi-me aflita
P'ra alguma coisa dizer.

Pois toda a gente já sabe
Que tu és trabalhadeira
E que gostas de jogar
Ping-pong a tarde inteira.

E que nas aulas práticas
Quieta não sabes estar:
«Os matrases para a banca
Depressa a trabalhar»

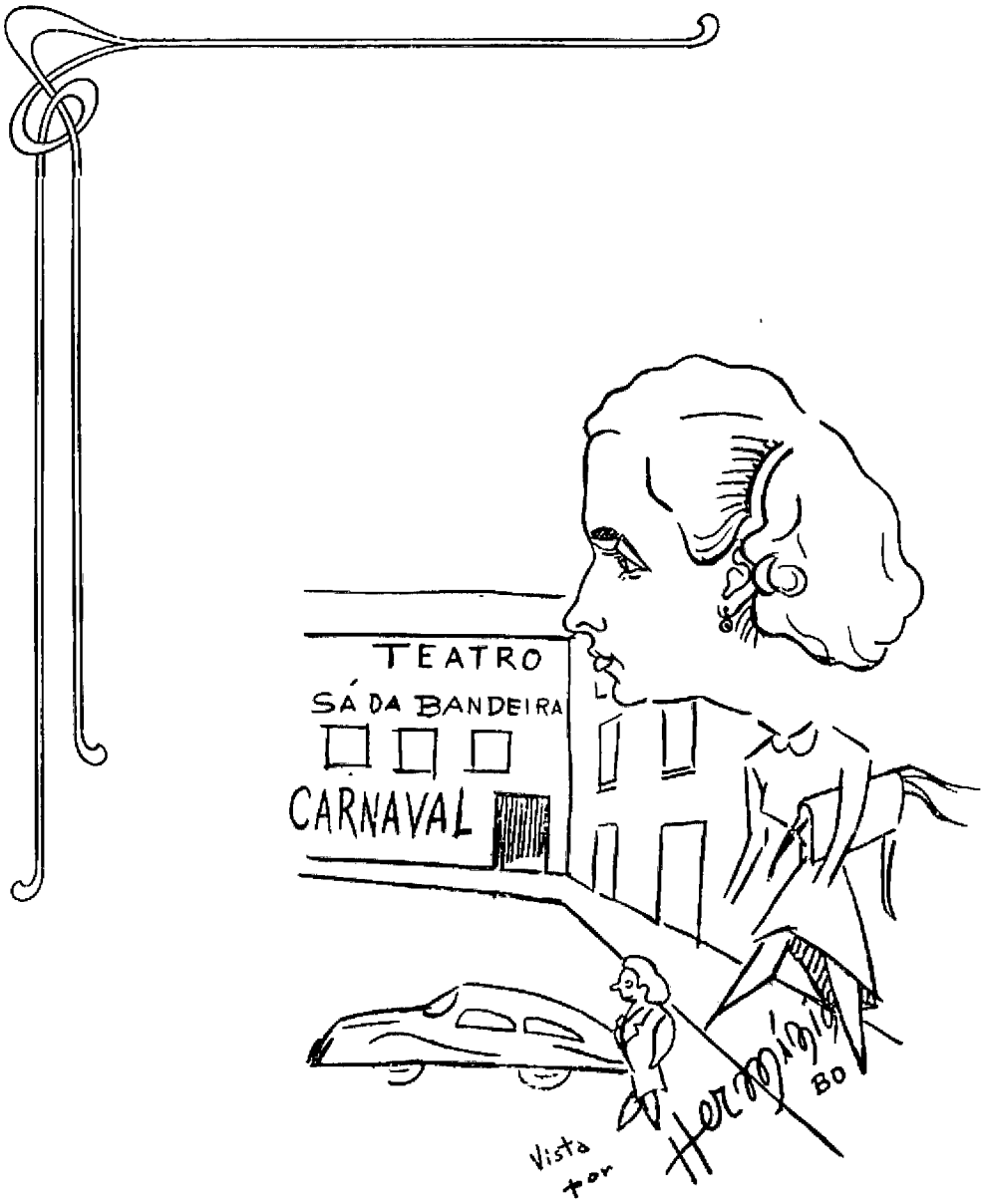
Porém se o Professor ralha
Por a neutralização ser mal feita
Tu amuas um bocado
E não ficas satisfeita.

E com os exames marcados
Tu começas a tremer
Para só acabares
Quando Julho desaparecer.

Mas estás no fim do curso
E tudo isto a terminar
Por isso eu apenas quero
Mui felicidades desejar.

Com um grande abraço da amiga

MARIA HELENA


TEATRO
SÁ DA BANDEIRA
CARNAVAL
Vista por
Hermínio
BO

Maria Isabel da Luz Nascimento

Maria Isabel da Luz
É a mais velha das filhas,
A que faz dum alcatruz
Uma dezena de bilhas.

É analista de fama...
Muito dada a anatomia,
Quando se deita na cama
É toda filosofia.

Desenha rendas à mão,
Bordados dos mais modernos.
Faz uma revolução
Com a letra dos cadernos.

Fala muito e barafusta
Com as despesas do dia...
Quer viver à sua custa
Com paz, saúde e alegria!

Do avô

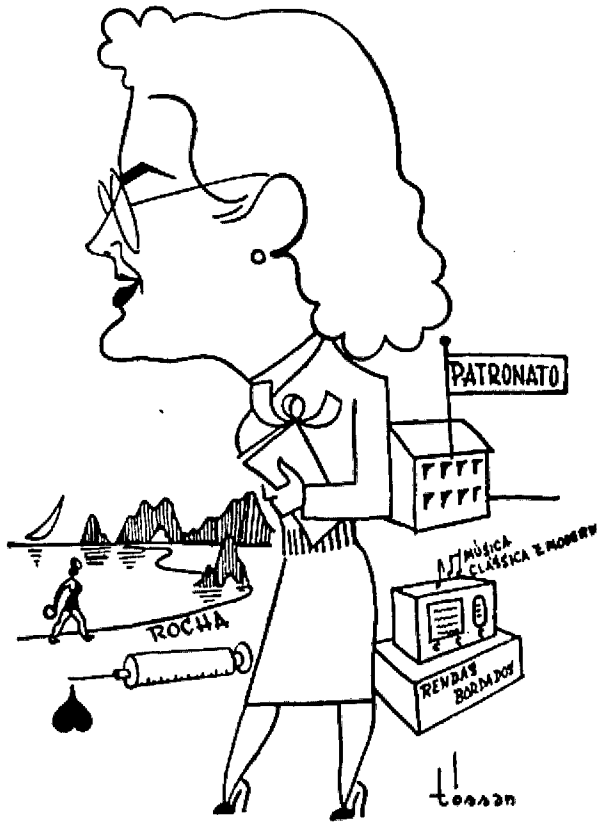
MARCOS ALGARVE

O teu nome de Maria
Anda-me sempre em tropel:
Lembra-me a outra Isabel
Que a morte ceifou um dia.

A tua licenciatura,
Toda feita de trabalho
Traz as pérolas de orvalho
Da minha íntima ternura!

Com beijos carinhosos da mãe amiga

NATÉRCIA


PATRONATO
MÚSICA CLÁSSICA E MODERNA
ROCHA
RENDAS BORDADAS
tossan

Maria de Lourdes de Almeida Pereira

Eu queria cantar em rima sublimada
A heroína do Vale de Santarém,
Mas da Musa há muito abandonada
A minh'alma inspiração não tem!...

Com um pouco d'esforço e amizade
Tentarei a traços largos retratar
Quem se propôs ir em grande velocidade
Alta manhã as companheiras acordar.

Que dizer duma figura tão notável
Que por si só já se dá a conhecer?
Que é simpática, risonha, prestável
E 'stá sempre pronta a todos atender?

Fez-me alguém, seu amigo, a afirmação:
Como forreta, agarrada ela é!...
Que p'ra poupar um triste meio tostão
Anda léguas e léguas por seu pé...

E como um selo custa um escudo
Que lhe vai desfalcar o capital...
Em poucas palavras abrevia tudo
E troca toda a carta por um postal...

Qual corpo vivo de muitas mãos formado
Em cada qual põe o que lhe parece
Numas ampolas, café, doce e melado
Noutra, das batas dos colegas não s'esquece.

Como não conhece a pequena velocidade
E todo o dia anda numa lida
Vai d'encontro aos candeeiros da cidade
Abraça-os e continua a sua vida.

Eu gostava de dizer um tudo nada
Do seu coração tão cheio de ternura
Mas este é fortaleza blindada
Onde não pode penetrar a criatura!...

S. M. P.

Se mais mãos
livera...
mais fisera!

Maria de Lourdes Chanoca Pitorra

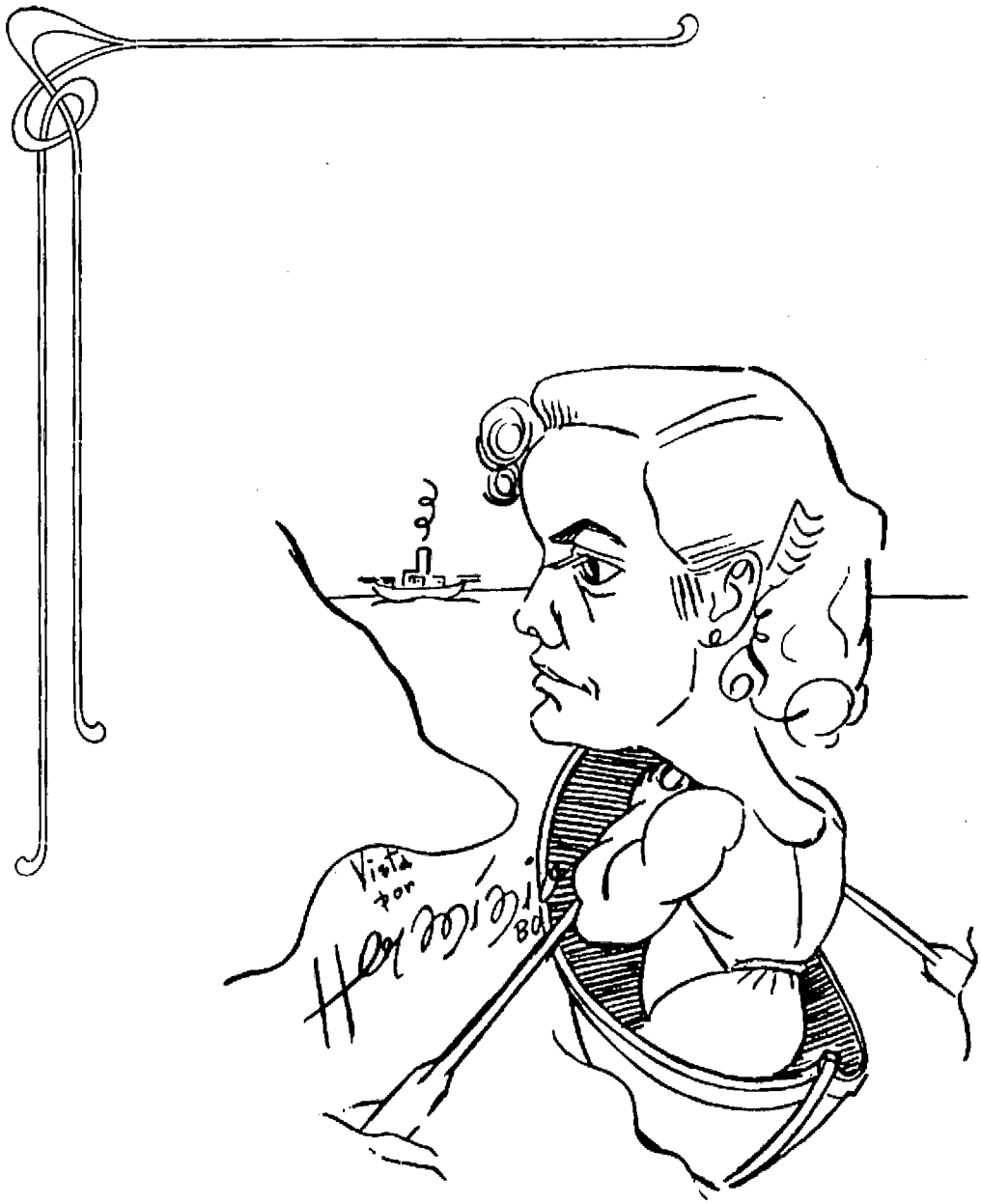
Veio do Sul de Portugal
Onde a alface é alimento ideal
E a Foz tanto a encantou
Que lá ficou.
É bem conhecida na Faculdade
Pois marcou personalidade
Distribuindo socos a granel...
Tem uma maneira muito singular
De nos insultar!
A uma colega, menos despachada
Chama-lhe «pastel»
Ao parceiro que no ping-pong
Não defende os «tiros» que dispara
É ouvir-lhe chamar-lhe
Seu «arara!»
E, se algum colega lhe diz alguma graça
Responde furiosa: seu «barbaça!!!...»
Nas teóricas pouca gente a vê
(Se à mesma hora é a matinée!)
Mas, nas práticas, é colossal!!!
Tira apontamentos,
Pesa a substância,
Faz doseamentos,
E, o que é pouco banal,
Não quebra material!!
Se me encontra na brincadeira
Diz, desesperada
Olha o doutor Oliveira!!
Isto é resultado
Se não me engano
Dum enxofre dado no 2.º ano!...
Tem feito conquistas várias
E, entre elas, um espanhol
Jogador de foot-ball
Mas não percebia
O que o D. Juan dizia...
Poderia falar ainda mais de ti
Mas quero deixar lugar p'ro Rui...
Limito-me agora a desejar
O máximo sucesso
No extracto de ratania
Que temos p'ro congresso.

MARIA DA GLÓRIA

No lugar que me deixaram
Nada quero acrescentar.
Pois p'ra dizer o que queria
Tinha deixar-me sonhar...
Por isso não começo
Para não ter
De dizer
O que em mim há muito recalquei
E fiz por esquecer.
Aquilo com que há muito
Deixei de sonhar...
Mas a *Lú* será na vida
O que tem vindo a ser
De tenras idades...
Um anjo que merece ter guarida
Num lar,
Todo *mar*
A espraiar-se, azul,
De mil felicidades...

Do amicíssimo

RUI BASTOS


Vista por

Maria de Lourdes Coelho Maia

É bem triste na verdade
Haver esta crueldade
Que a qualquer dá desventura,
Ser obrigada a versar
E p'ra isso precisar
Da rima andar à procura.

Podes crer eu tenho pena
Se a vida assim me condena
A falar dos teus defeitos.
Mas como sempre na vida,
Não temos outra saída...
Senão cumprirmos preceitos.

Tem o seu génio, oh se tem!
Se algo não lhe corre bem
Pode até mudar de cor.
Parece uma ferazinha
Mas uma fera mansinha
Que a ninguém mete pavor.

Lá por gostar de estudar
Não fiquem já a julgar
Que ela só no estudo pensa.
Vozes daquelas que embalam
Filmes que ao coração falam
Também ela não dispensa.

Por livros também se interessa;
Nem queiram saber a pressa
Com que ela os devora!
Mesmo ajoelhada no chão
É tal a sua atenção!
E isto a qualquer hora!

De «tricot» sabe tão bem
Que no Lar às vezes tem
Que servir de professora.
Desde pullovers p'ró Zé
A casaquinhos de bébé
Tudo faz esta doutora.

Por certo já estão a ver
O qu' é que o Zé vem a ser
P'ro coração da Milú...
Querida amiga, eu te desejo
O futuro que eu prevejo
P'ra todo o sempre: Ele e Tu.

Com um abraço
de muita amizade da

LENA

Sonho
Vista por
Hermínio
BO

Maria de Lourdes Gonçalves Machado

Quem há um ano
Nos tivesse visitado
E só agora nos voltasse a ver
Custar-lhe-ia a reconhecer
A Lourdinhas Machado!
Quando a vejo passar
Co' a boina amarela,
E fitas a arrastar
E com tal ar de superioridade
Que espanta a Faculdade,
Eu ponho-me a pensar:
O que a Lourdinhas foi
E o que a Lourdinhas é!
Agora, já rouba leite «Nestlé»
E põe-se a comê-lo, calmamente,
Ao pé do assistente!!!
Ir às teóricas!
Que «xaropada...»
Isso é bom p'ra caloirada!...
Relatórios?
Para os entregar
Tenho primeiro que os copiar...
(Há quem siga o mesmo processo
E, até agora, não houve insucesso!)
Eis o que ela canta
Quando se levanta:

Quando se tem um sofrimento
Grande tormento — é aula às oito!
Quando se vai p'la rua andando
Triste, bucejando — é aula às oito.
Quando se entra, muito afoita
Às nove e meia — é aula às oito!

*
* *

¿É verdade, ou não,
Que a Lourdinhas sofreu grande modificação?

MARIA DA GLÓRIA

1952
LISBOA

Maria Luísa Pais da Silva

Com este ar de Senhora
Sem com nada se importar
Cá está a nova Doutora
Que a todos faz esperar.

Senhora do seu nariz,
Menina muito amimada
Faz esperar o «petiz»
Pois chega sempre atrasada.

Um dia o Porto viu
E tanto, tanto, gostou
Que saudades já sentiu
Quando a Coimbra voltou...

É teimosa, orgulhosa,
Julga ter sempre razão.
Quando lhe chamam vaidosa
Quase bate o pé no chão...

Tem «algumas» qualidades
(Vamos lá, é mesmo assim...)
Mas não digo a quantidade
Porque as quero... só p'ra mim.

C.

PEDRO HOMERO
ANTERO de QUINTAL

Maria Luísa Pinto da Cunha

Mas quem seria que inventou,
Quem foi?
O tormento de gargalhar?
Quantas mais gargalhadas dou,
Mais gargalhadas quero dar.

Falaram-me da Pionia,
Duma certa bicha de tias...
Tudo isto me aconteceu?
E depois quem há-de chorar?
Sou eu!

São vários andares
Aqueles qu'eu sigo,
Que nem me pareço
Ás vezes comigo.

São diversas vozes
Que não adivinhas,
Que são
Uma confusão
E tontices minhas

Se a gente pudesse,
Jantar, se quisesse,
Mesmo de pijama,
Que quente seria!
E a seguir ia
Logo para a cama

Mas existe em cada canto um alguém
Que 'stá p'ra nos pregar uma partida.
Como a calça não fosse presa bem,
Acompanhei-a à porta da saída.

Ai como é bom ser estudante!
Viver, sonhar, sofrer, faltar!
Ouvir dizer que sou feliz
E, confiante
No que durante o ano fiz,
Dizer:
Como é bom ser estudante!

Eu
autêntica componente do Grupo
do M. L.

Quisera dizer tanta coisa
Em meus versos. Quisera... Sei lá...
Talvez dizer que sou amiga.
Sabes? Em mim talento não há.

Vais embora. Deus te proteja,
Sempre te guie, faça ditosa,
Que a tua vida sempre seja
Pura, branca como uma rosa.

E agora adeus... Vê bem digo adeus!
Tu partes formada. Doutora!
Eu fico mais perto do meu fim.

Vai e sê feliz junto dos teus!
Não sei que dizer mais por ora,
Desejei o que anseio p'ra mim.

Com um afectuoso abraço,

MARIA LUÍSA

Maria Manuela Gomes de Figueiredo Pais

Foi no Alto Alentejo e em Avis
Que nasceu a menina mais formosa,
Muito dona e senhora do nariz,
O que vale dizer: voluntariosa.

Irrita-se com tal facilidade
E é tão desconfiada e impulsiva,
Que toda a gente cá na Faculdade
Fica a pensar que ela é um tanto altiva.

Mas ela é tão bonita e engraçada
E tem olhos tão belos e brilhantes,
Que os rapazes não ligam mesmo nada
Aos seus característicos rompantes!

Senhora de vontade imperecível,
Ela só faz tudo o que entende e quer;
E, embora bondosa, ela é terrível
Se alguém na sua vida se meter.

Não queiram ter com ela uma polémica
Sobre jogo da bola e jogadores,
Porque ela é uma ferrenha da Académica
Preferindo, de certeza, os «interiores!...»

E então dum deles — notem — dos mais feios,
Esta senhora gosta que se farta,
Trazendo o coração com mil receios
De que um dia, num jogo, alguém lho parta!

O terceiro ano, fê-lo em Lisboa.
Uma terra que muito a encantou.
Porém tirado o curso logo voa
E eis que para o Porto se abalou.

Chegou, viu e venceu! Vai-se formar
Após ter um trabalho muito insano,
Pois ela só começa a estudar
Quando está mesmo à porta o fim do ano!

Mas no Congresso Luso-Espanhol,
Cujos dias ficaram memoráveis,
Trabalhou tanto que ficou no rol
Dos estudantes bons e incansáveis!

Nas muitas conferências que ela ouviu,
Não foi lá muito grande polemista.
Porém, nas bailações a que assistiu,
Ela foi uma grande Congressista!...

*
* *

E pronto! Nada mais tenho a dizer.
E agora só me resta já escrever
Que lhe desejo muito boa sorte.

Faça com que «ele» deixe os futebois
E sejam mui felizes vós os dois
P'la Vida fora — e para além da morte!

FLÁVIO SERZEDELLO DE OLIVEIRA

Excelentíssima senhora
Dona, menina, Doutora
Farmacêutica boticária
Vocência tirou um curso
Brilhante que nem um urso
Salvo seja a alimária.

Passar-lhe-ão um canudo
Que é só, no fim de tudo,
Mais uma conta a pagar
E um castigo bem merecido
Que será atribuído
Aos que pensam trabalhar.

E a seguir vem a vida
Essa fera tão temida
Pelos felizes mortais
Que não sabem da fadiga
Nem das dores de barriga
Que vos trazem as finais.

A vida, de mais a mais
Sem ter exames finais
Nem sequer de frequência
É um sonho, é uma canção
Mesmo que nessa ilusão
Se vá cair na falência!

Não ter que ir à Faculdade
É fugir à humidade
Da capital do Norte
Já apta a trabalhar
Mas sem trabalho encontrar
Isso é que é mesmo ter sorte

E depois, passado o Tejo,
Ir esbarrar ao Alentejo
E esperar, grande paciência!
Que com a cabeça e o pé
O Tony consiga até
Driblar, enfim, a Ciência.

Sonhar com uma botica
Com laboratório de rica
E moderna aparelhagem
Para analisar urinas
Com algodão nas narinas
¡E um bom carro na garagem!

«Passeai nesse carrão»
E viajai de avião
De eléctrico, a pé, de bote,
Depois de breve prefácio
A vender Cl O_4 de potássio
A cinco tostões o pacote.

Desculpa a rima forçada
P'ra no fim não dizer nada
Do que te qu'ria dizer
Mas vê lá, inda por cima
Tenho exames na piscina
P'ra meter água a valer.

Atingiste já o fim
E vais-me ajudar a mim
A conseguir algo mais.
Com gratidão e saudade
Te deseja a felicidade
Teu irmão

EURICO PAIS

Alentejana d'alma e coração
Exalta-se fàcilmente a conversar
E conjuga, com toda a perfeição,
Os verbos amar, zangar-se e estudar.

O seu quarto tem larga frequência
E nele há sempre grande animação
Mas não falarei na sua aparência
Devido ao estilo de arrumação.

Na vasta resenha mobiliária
Houve por vezes uma adaptação,
Como o lavatório-secretária,
Para a colega traço — de união.

Há então uns objectos escondidos
Que são por vezes muito apreciados
Com eles há os cuidados devidos
Só eles não estão desarrumados.

Mas não julgueis pelo que aqui se lê,
Pois a Manuela é, até, muito arrumada
E toda a culpa é do complexo P
Com o qual anda em guerra declarada.

Com um abraço da
MILITA

Renato
52

Maria Manuela de Oliveira Brito

Esta senhora tem uma testa monstra
Que de esconder bem faz a diligência
Não sei porquê, pois isto só demonstra
Que ela tem uma grande inteligência.

Porém, a testa de aqui se fala
Só a vi por acaso, — nunca a vejo,
Nem mais ninguém — que a dona usa tapá-la
Co'um esquisito penteado «à caranguejo»!

Tem uns olhos castanhos e ardentes
E um cabelo em juba leonina;
Quando sorri, mostra uns bonitos dentes,
Que lhe dão uma graça algo felina.

Possui um certo jeito fisionómico
Que lhe dá um perfil muito engraçado;
E tem um narizito muito cómico,
Com batata na ponta e arrebitado.

P'ra ela constitui grande ventura
Passar as horas vagas, cada dia,
Falando em artes, ciências, literatura
E a discutir, também, filosofia.

Mas do que mais gostava esta menina,
Com sua licença vou dizer o quê:
Era de ser, em pontas, bailarina
E a principal figura de um «ballet».

Co'o desgosto de não poder bailar,
Mesmo nas aulas, só por mor das saias,
Na Dinamia ocupa-se em matar,
Cientificamente, umas cobaias!...

Mas não perdendo a esperança de, talvez,
Vir a dançar na «Ópera» de Paris,
Todos os dias treina o seu francês
Co'o colega erudito João Luís!...

P'la sua muito grande simpatia,
Que a torna compreendida e admirada,
P'lo menos um apaixonado havia...
... Invisível à vista desarmada...

Aprecia jogar o pingue-pongue
Fazendo-o sempre toda sorridente;
E embora em tal «ciência» não se alongue,
Já deu «capote» a muito boa gente!

É uma colega boa e divertida;
Boa aluna também, porém modesta;
É ela quase sempre a escolhida
Para vender bilhetes quando há festa.

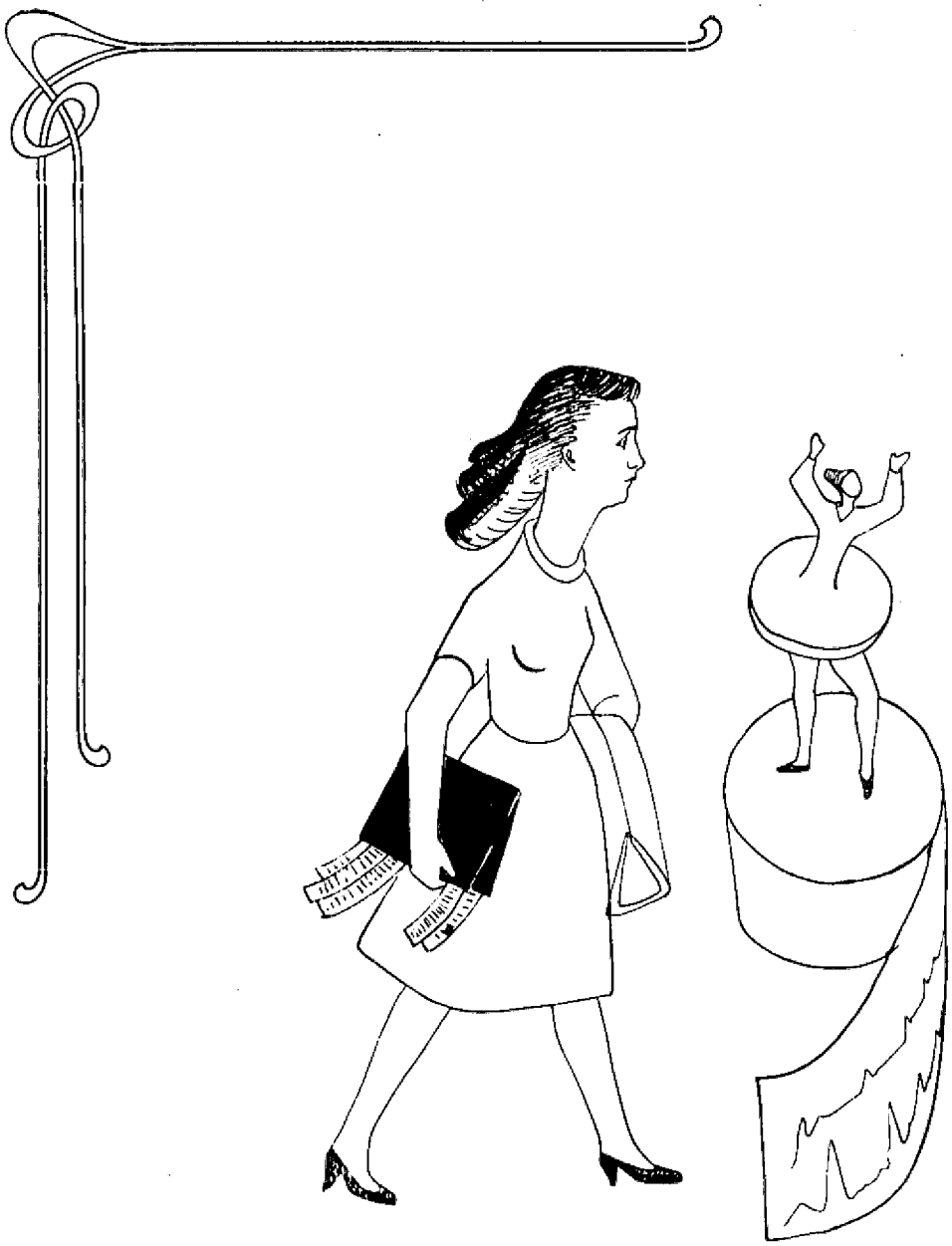
*
* *

Como vê, Manuela, já cumpri
Esta espinhosa e dura obrigação
De vir assim dizer tão mal de si
Tornando-me, portanto, em aldrabão.

Perdoe-me e não vá ficar zangada
Por causa desta prosa mal rimada
Que lhe dedica um poetastro obscuro.

E só desejo ao despedir-me, agora,
Que a vida lhe dê sempre em, cada hora,
Muitas felicidades no futuro!

FLÁVIO SERZEDELLO DE OLIVEIRA



Maria Manuela Soares Luz Clara

A minha prima Manuela,
Rainha da cena, da trela,
Quando começa a falar
Sempre a ouço encantado.
O seu enorme palavriado,
Dá p'ra um almoço e jantar!

Mulher baixinha, vivaça,
Sempre alegre, cheia de graça.
Gosta da tauromaquia,
Influências do Ribatejo,
Pois vive à beira do Tejo
Na terra da «porcaria».

No pingue-pongue também é um «az»!...
Bate-se como um rapaz,
Faz da bola um bom brinquedo,
Nas férias sabe estudar
P'ra nas aulas descansar
E ir aos exames sem medo.

E agora p'ra despedida
A esta Manuela querida
O que lhe hei-de desejar?
— Muita leca, muita sorte,
E que arranje aí p'ro Norte
Um noivo p'ra se casar.

JOSÉ MANUEL

MIRA, QUE É IR CONTRA LOS SENTIMIENTOS DE LAS PERSONAS!..
A. SANTIAGO

Maria Margarida da Cruz Alves Pereira

Quando ela passa, nas ruas do Porto
Toda «com' il faut», malinha na mão,
Olhar penetrante, de acordar um morto,
Nunca vai sòzinha: vai co' a Rebordão!

Veio de Lisboa, mas é de Alcobaça,
Terra das compotas feitas a granel.
Por isso a falar tem tamanha graça,
Que a vòzinha dela faz lembrar o mel.

Quando a gente a chama e lhe diz: — «Ó Guida!»
Vira o pescocinho p'ra nos atender.
Com olhar tão meigo e com tanta vida
Que olhamos pra ela, sem nada dizer.

Deixou a Torrinha, onde era a Escola
Mal adivinhando para onde vinha
Pois aqui no Porto, sabem onde mora?
Que coincidência: Rua da Torrinha!

Ela mais a Lena são um rico duo
Daqueles que encanta e faz sensação.
Veste a preceito pelo «Seventeen»
E acorda sempre... de pente na mão!

Inda estou a vê-la, quando vai a um baile
Sapatinhos rasos, cheia de flores,
Um porte real e um penteado
Que ela muda sempre... como de amores.

Nunca vai às aulas, excepto às práticas
E quanto a trabalho, a ninguém engana,
Porém ao cinena é capaz de ir
Umas dez ou vinte... vezes por semana!

Tem um grande amor lá em Alcobaça
Que a faz chorar quando de lá sai.
Mas não é um galã, nem rapaz garboso
É uma cadelinha que se chama «Lay»!

Custa lá deixá-la, desprender-se dela,
Pois na Butterflay tem um certo brio.
E se cá p'ró Porto não traz a cadela
É por ter receio que morra de frio.

Joga o «pingue-pongue», mas estou p'ra saber
O que tem tal jogo que assim a namora,
Pois com a raquette não apanha uma:
Só apanha a bola... quando ela vai fora!

Aprecia imenso grandes bailações
Onde rodopia cheia de destreza.
Nas valsas e «foxes», swings, slows
Dança qual peninha, cheia de leveza.

E a tal doçura, nela tão patente
Tem um certo «it», atracção tamanha,
Que já me disseram, mesmo muita gente
Que enlevou alguém na «Casa de Espanha».

E as fitas queimam-se e até que enfim
Sem ter conhecido a amarga derrota.
Mas se em Alcobaça se lembrar de mim
Mande-me um boião... cheio de compota.

Do colega amigo

RUI BASTOS

Maria do Sacramento Carecho Grilo

Pertinho de Condeixa, ali na Ega,
Uma terra de sonho e de alegria,
Nasceu em boa hora esta colega
Dona de muito grande simpatia.

Vai às festas perene de alegria:
Vai ao cinema todas as semanas
E passa quatro horas cada dia,
Revirando as longuíssimas pestanas...

Também durante as horas de lesure,
Se queda longo tempo, muda e imóvel,
Pensando nas echarpes por fazer...
... e a sonhar nos passeios de automóvel!

Entusiasma-se muito fàcilmente,
Quando pensa num lar só para dois...
Mas logo desanima de-repente,
Acreditando que não há «depois».

Qualquer de nós se tem adoecido,
Busca sempre o remédio mais capaz;
P'ra ela, nas doenças que tem tido,
O termómetro é o único eficaz!...

Mas a maior mania da pequena,
Em que pensa oito dias por semana
Era ter uma pele tão morena
Que pudesse passar por africana!

Por isso, um dia foi à praia a Leça,
Mas passou provação bem aflitiva,
Pois em vez de morena feita à pressa,
Ficou-lhe o corpo todo em carne viva!

Se ela pudesse andava todo o ano
Dentro dum belo hiat, bom veleiro,
A vogar sobre as ondas do oceano,
C'um galã de cinema a timoneiro.

A preocupação actualmente,
É um vestido de baile cor de arminho,
Que lhe amoldure principescamente
A filigrana frágil do corpinho.

*
* *

Eis terminado o meu dever! E agora
Só desejo que pela vida fora,
Encontre sempre rosas no caminho.

E quando Deus quiser e você queira
Encontre no princípio da ladeira,
Um vestido de noiva — cor de arminho.

FLÁVIO SERZEDELLO DE OLIVEIRA

ANALISES CLINICAS
BACTERIOLOGIA
PEDRO HOMERO

Marília de Lourdes Durão Antolin

A Marília, estão a vê-la?
É alegre, muito dada.
Pela sua simpatia
É por todos estimada.

Sempre pronta p'rá paródia
Gosta de se divertir,
Com as suas anedotas
A todos ela faz rir.

Sobre esta nossa colega
Toda a gente o mesmo diz:
Que se nota qu' ela é muito
«Senhora do seu nariz».

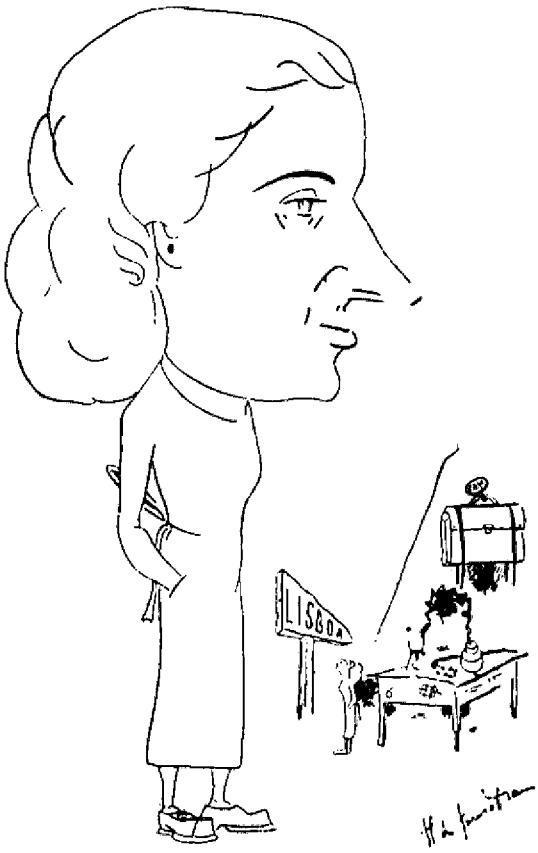
Ainda um outro defeito
Eu quero aqui apontar,
Pois parece que ela gosta
Dos outros arreliar.

E quanto aos seus predicados?
Por certo já estão a vê-los.
Sabe fazer belos doces
E ainda melhor... comê-los.

Mas do que ela é incapaz
É de fugir ao preceito
Que nos obriga a gostar
De tudo o que é... Direito.

Com os desejos de felicidades da colega amiga

MARIA HELENA DIAS AGUDO


LISBOA

Nélio Nunes Afonso Cardoso

Inda estou a vê-lo, já lá vai um ano,
Entre o hesitante e o absorto...
Bem feito «gibão» de riquíssimo pano,
E, sob o chapéu — oh, que grande engano!
Era mais um «calvo» que vinha p'ro Porto...

Vinha um tanto triste, pois, na Capital,
Lá deixara a esposa e mal'la menina;
Mas ficou banzado porque, afinal,
Deste velho burgo, ouvira tão mal...
E julgou lisboeta... Santa Catarina!

Veio para estudar, mas também viver,
Por isso, a «malta», logo lhe deu vaga;
Já adaptado, teve de esquecer
«Piratas & Ginjas», por cá não haver,
Mas haver... «bom verde», sim, no Zé de Braga!...

E, passados meses, de tão encantado
Com o velho Porto, que tanto temia,
Por sobre o «Caçolla», ele há alugado
Um «appartement», para ser habitado
Por si, pela esposa e... Olga Maria!

Sobre o que ele é, não teço o elogio,
Nem digo que é bom, nem cor das maleitas;
...Tal é a distinção, o porte e o brio
Que há um sintetismo do Alberto Rio,
Que bem o define: «Homem às direitas»!!...

Era Farmacêutico, só de teoria
Porque, ao trabalho, nunca se agarrou,
Mas agarrou-se, ao estudo, com tal valentia,
Que até passou nessa Dinamia,
Onde «boa gente», afinal «chumbou»!...

Já no quinto ano, é o Doutor Cardoso,
Mas doutor, doutor, dos mais afamados;
E aqui para nós, sem um tom de gozo,
Responde-me cá: porque és tão guloso
E chupas, ao dia... uns mil rebuçados?...

É o melhor freguês, desta Associação,
Sobre os chocolates, que eu jamais vi;
E também, ele gasta sempre um dinheirão
Porque, a dar cigarros, é um «camaradão»;
E de hora a hora, toma uma... Rennie!

Esta nobre «troupe», sendo camarada,
Nos momentos sãos, quer acompanhar;
É dos «bons», a comer sardinha assada,
A beber um «verde-roxo» de assentada
E a deixar as mãos livres... p'ra jogar!!

Ele já vai dando umas passadinhas,
Numas «suècadas», cá com os rapazes,
E, à força de perder mil «partidinhas»,
Com lições do Serra, do Bentes e minhas,
Já não joga as biscas... por baixo dos azes!

Passou grande susto, por atravessar
Uma formatura de «senhores... polícias»;
E, num baile da «Queima», com tudo a dançar,
P'ro que lhe havia afinal, de dar?
— Sobe a um camarote... p'ra ler o «Notícias»!...

Chamar-lhe «barómetro», é tirar do rol
Um nome que fica, que nem uma luva;
Leva a «barraca», nos dias de sol,
Mas se está a chover, tirado o futebol,
O doutor Cardoso... não traz guarda-chuva!...

Se, no pingue-pongue, já se fez um «az»,
Campeão emérito de toda a família,
'Inda mesmo agora, ele é capaz
De ficar a «ó», cá com o rapaz
E deixar, «em Fátima»... Irene ou Otília!...

Bestiais «quadradas», p'ra nunca acabar,
Ou «partidas» célebres, de endoudar as gentes,
São todas aquelas em que faz suar
O grande rival, de perpectuar,
E que é o Tenente (Secretário Bentes).

É aferroado, não como «o Doutor»,
Mas discute sempre, com muita genica...
Quando o «Porto» ganha, não tem dissabor,
Mas se ele perde, grita com ardor
E diz, para o Bentes: Viva o Benfica!!...

A vida escolar e a vida privada,
Soube conciliar, qual sono e vigília;
E se, quase sempre, sai com a «Manguèlada»,
Tem, p'ra si a norma já de nomeada:
— Quintas e domingos — dias de Família!...

Pode competir mesmo, com um Banco.
Na arte invulgar de emprestar dinheiro;
E, quando eu o soube, até fiquei «branco»
Pois, p'ros inquilinos — diz-se em tom franco,
Que a passar «recibos»... leva um dia inteiro!!...

Tudo tem seu fim, 'inda que agora,
Os teus mil «motivos», não estejam gastos;
«Queimarás as Fitas»; ir-te-ás embora...
Mas, recorda sempre, pela Vida fora,
O Bentes, o Serra e este...

RUI BASTOS

Baixinho, forte, um pouco descòrado
Eis, cá da «malta», o verdadeiro «Banco»...
O Nélio, que é por todos, estimado
Pelo seu temperamento alegre e franco!

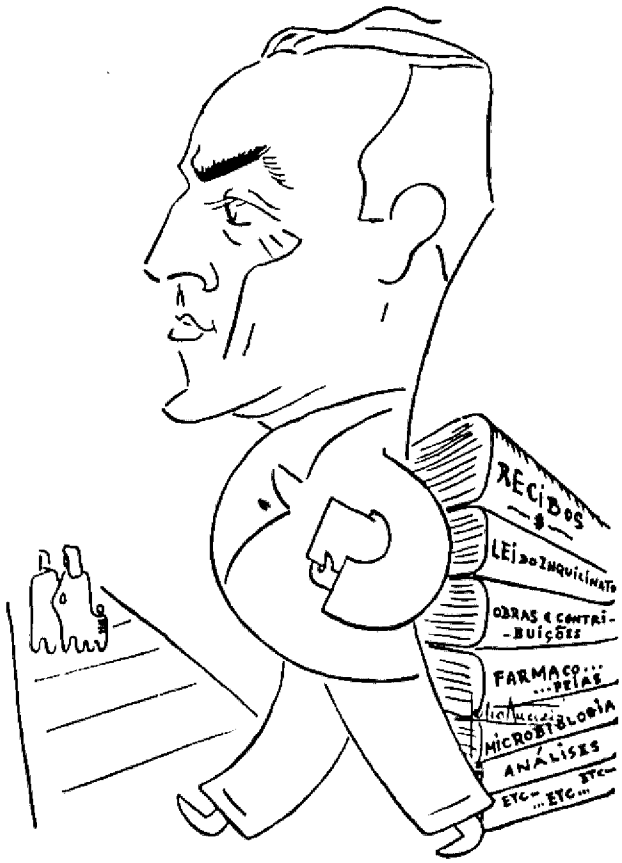
Já disse o Rui, o que eu ia escrever
E quase que nem espaço me deixou
Para, do pingue-pongue, aqui dizer
Os joguinhos que o Nélio me ganhou!

Oh, Nélio!... foram muitos, bem o sei!
Mas, se tu os somares co'os que eu ganhei
E co'os que não chegamos a jogar,

E se os multiplicares por um milhão
Decerto, nem ao número chegarão
Das saudades que tu nos vais deixar!...

Com os melhores votos de felicidade,
abraça-te o

FLÁVIO SERZEDELLLO DE OLIVEIRA


RECIBOS
LEI DO INQUILINATO
OBRAS E CONTRI-BUIÇÕES
FARMACO...
...PEIAS
MICROBIOLOGIA
ANÁLISES
ETC... ...ETC...

Noémia Simões Soares de Carvalhal

Há anos — ¿quantos? — nem sei...
Apar'ceu na Faculdade
Por certo fora da Lei
Micróbio de «qualidade».
Oh! Oh! Mas de qualidade!...
E eu que o diga, de verdade!...

Talvez duvides, Leitor
Do que aqui te vou contar
Acerca deste «bichinho»,
Vendo-o tu no corredor
Sempre com ar assizado
A passear sossegado,
Sem nunca rir, gargalhar,
Sem nunca cantar... o fado,
Nem dar saltos ou gritar!...
E depois, dentro das aulas,
Se por acaso lá vai,
Nunca a ver a fazer nada!
Mas é vê-la atarefada
A entrar tardiamente
A esconder-se lá no fundo,
Lá atrás de todo o mundo,
A assinar... e pronto... sai!
O mestre nem a vê,
Mas qu' interessa? Para quê?
E um dia que apar'ceu
Em Dinamia toda a hora,
Com o cansaço... adormeceu,
E sonhou que se ia embora!...
Mas... a missa vai a metade...
Vou contar toda a verdade!...

Uma grossa epidemia
Certa vez avassalou
Esta nossa Academia.
Epidemia terrível
Que a todo o mundo assustou.
— Qual o vírus ou bactéria
Cansados do mal horrível
Que a todos meteu na mente
Que ir às aulas é uma léria,
E preguiçou toda a gente?
— Qual o «bicho» causador
Da distracção permanente
Que graçava com ardor
Na «tola» de toda a gente?
Que horror! Falava-se em alhos,
Respondiam-se bugalhos.
Discutiam-se assuntos,
(Se é que, com o «não te rales»,
Estavam p'ra discutir!),
Mas no fim, — nem me fales —
Naqueles aóreos bestuntos
Ia às vezes descobrir
Que apesar da colherada,
Não tinham ouvido nada!!!

Mas o micróbio fazia
Cada vez piores estragos!
As alunas, noutro tempo
Levavam o seus trabalhos,
— Costura, p'rós intervalos —
Mas, caros Leitores, depois
Impossível enxergá-los.
Uma onda anti-costura
Varreu logo os corredores
E hoje, p'ró matrimónio
A noiva, em compensação,
Sabe d'um cinto à feição
Construir um belo harmónio!...
P'ra tão grande epidemia,
Lá na microbiologia
Procurou achar-se a cura.
Para isso se isolou,
O micróbio e cultivou.
Eis sem grande reportório,
O que diz o relatório:

CULTURA —

Cultiva bem em café
Chocolate e chantili.

COLORAÇÃO —

O melhor reagente é
De Porto, um «calicl».
Fica logo coradinha
De bem vivo encarnadinho.
Sendo o micróbio perítrico
Os cabelos são tingidos
De amarelo quase cítrico
Não por água oxigenada
Como os outros conhecidos,
Mas potassa concentrada!...

MORFOLOGIA —

A lente número sete
(Com a 3 não se vê nada)
Mostra ser cocobacilo
Por ser redondo e alongado.

TEMPERATURA ÓPTIMA —

As altas temperaturas
São por ela preferidas
Talvez por ser nascitura
Lá nas terras denegridas.
E por isso entre os pretinhos
Vai montar Laboratório
P'ra lhes dar mui baratinhos
Bilhetes p'ró Purgatório!...

FISIOLOGIA —

Mínima a mobilidade
Alto grau em distracção
Horror aos livros, a não ser,
Que sejam policiais.
Gosta de Sol e cinema
Com filmes de tribunais.
Além disto é teimosa,
Trocista e orgulhosa...

CONCLUSÃO —

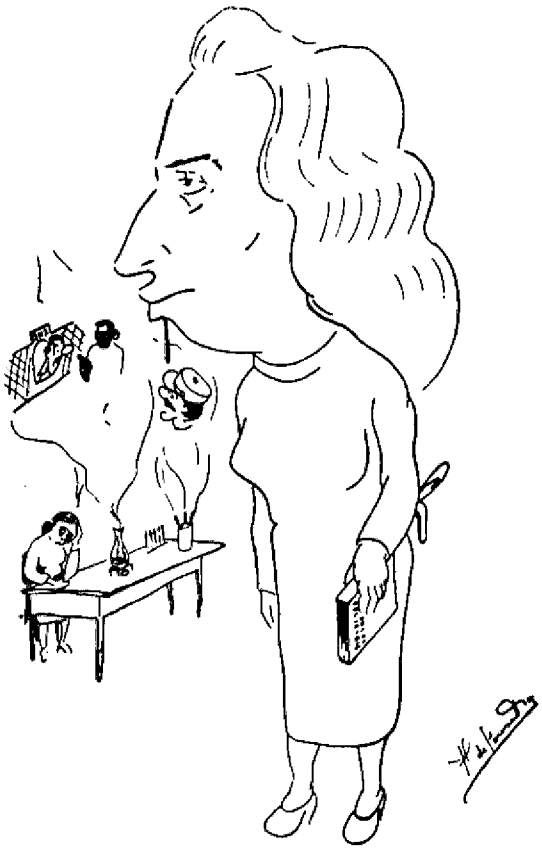
A doença atrás narrada
Que atacou a toda a gente,
Como vemos foi pegada
Só p'lo «Bichinho inocente!...»

Desculpa, Noémia amiga
Mas pediste-me e aceitei.
— Descasca! E eu descasquei.
Mas qu' importa o que aqui diga
Se a todos na Faculdade
Ouço dizer com verdade:
— E uma boa rapariga —?

Com um abraço de mil felicidades,

da sempre amiga

HERAIDA



Rosa Maria Coelho Guerreiro Pereira Gago

Entre amendoeiras e mouras encantadas
Na colorida paisagem algarvia,
Viu algures o Sol, pela vez primeira,
Alguém que veio a ser Rosa Maria.

Dali, donde o Infante viu um dia o mar
A alongar-se para além, p'ro extremo Sul
Partiu a *Ru* mas de velas para o Norte
Embalada por um sonho muito azul.

Primeiro Lisboa e depois o Porto
Sempre vento em popa, notando audácia!
Já da capital saíu farmacêutica
E do velho burgo «Doutora» em Farmácia.

Vinha em bando alegre como as avezinhas
Aquela que ao Porto do Sul arribou
Vinha temerata, mas passados meses
Á Cidade Invicta se adaptou!

Era um tanto magra, algo elegante,
Elegância digna de um relicário.
E se engordou um pouco deve-o à terapêutica
Que usa por base o «ovo extraordinário».

Nunca a vi sòzinha, anda sempre a duo
Ou imiscuida num grupo total.
Sempre com o galo ou com as «pombinhas»
Que têm o ninho ali no Pombal!

É aplicada desde que chegou
E sê-lo-á por isso até ao regresso.
E há-de ser notável pelo seu trabalho
Que sobre o chumbo leva ao Congresso

Foi muito alvejada quando deitou fitas
Nesses chás dançantes em que ela entrou.
Mas quanto às setas ou não a atingiram
Ou para aceitá-las «'inda não pensou»!

Aprecia as Artes, sobretudo a música
Que ela executa como um veterano.
Por isso no Lar há sempre alegria
Quando a nossa Rosa se senta ao piano.

Joga o pingue-pongue e até me dizem
Que é campeã do grupo do Lar,
Mas na Faculdade quando perde um ponto
Coitadinha dela: leva as mãos ao ar!

Constou-me há dias, pela Manuela,
(E quando ela fala sempre tem razão)
Que talvez a *Ru*, logo após o curso
«Pense» em tirar carta de condução.

*
* *

E o canudo vem! E o tempo passa
Com ele voando todas as massadas,
E a *Ru* regressa p'ras amendoeiras,
P'ra um rincão mais belo que um reino de fadas!

RUI BASTOS

Rui Ferreira Bastos

Em Penela da Beira viu a luz
Este senhor, que é um dos mais lirús
De quantos conheci.
E aquilo que tem sido, na verdade,
A sua vida cá na Faculdade,
Eu vou dizer aqui.

É um sujeito magro, algo moreno
Que possui um nariz nada pequeno,
Mais feio do que o meu;
Um nariz que não tem graça nenhuma,
Comprido, recurvado e adunco; em suma:
Um nariz de judeu.

Ao alto duma testa inteligente,
Quase sempre suada e reluzente,
Onde não há um pêlo,
Ostenta-se uma rala carapaça
Que, bem vistas as coisas, sem chalaça,
Nem chega a ser cabelo!

Grande poeta e belo prosador,
Filósofo e livre pensador,
Falta-lhe uma aduela,
Pois conseguiu trocar desta maneira
As letras de «Penela» e «da Beira»,
Em «Peneira da Bela!...»

Sofreu, por uns amores mal sucedidos,
Mal compreendidos, mal correspondidos
As torturas do Inferno.
Aquele «não», nos sonhos que teria,
Foi como um grande banho de água fria
No pino do Inverno!

Sem ter a quem doar sua paixão,
Mas sentindo queimar o coração
Nas chamas do ciúme,
Começou a rondar pelo Liceu,
Até que finalmente lhe apareceu
Um «borrachinho» implume.

E acabaria a história desde já
Se aquela pouca treta que aqui está
Fosse suficiente
Para todos que hoje me estão lendo,
Sem dúvidas ficarem conhecendo
O Rui, perfeitamente.

Porém, há tanto ainda por dizer!
Direi, pois, que ele gosta de comer
E que em copos se alaga
Na «Rapioca», «Gelo» ou «Carvoeiro»,
Passando muita vez um dia inteiro
Ali no «Zé de Braga».

Ele é de pingue-pongue campeão
E lá na nossa bela Associação
Com ele ninguém se mede,
Pois se ele joga bem quando a «puxar»,
A defender é mesmo de espantar:
Parece uma parede!

Tem a mania de gozar a gente,
O que de certo modo é indecente
E prova arrelia.
Até eu muitas vezes fui gozado.
— Embora já lho tenha perdoado, —
Por causa da Poesia.

Segundo diz a Armanda, é aldrabão,
Pois gosta de meter um bom palão
Assim de vez em quando.
E enquanto a gente pensa se é verdade
O que ele diz com tanta seriedade,
O Rui fica gozando!

Possui, no entanto, belas qualidades:
Tem consciência das realidades,
Sendo um tipo estudioso.
Teve a má sorte de chumbar um dia,
Num exame final de Dinamia,
Por estar muito nervoso.

A cadeira em três dias estudou
E ao mestre o próprio Rui o confessou.
Mas fez figura de urso,
Porquanto o mestre entrou de proclamar
Que a confissão podia empandeirar
A cúpula... do Curso!

Mas o que eu penso, vou dizê-lo agora:
Entendo que o Rui Bastos, muito embora
O contra do nariz,
Devia ter achado uma mulher
Que o soubesse amar e compreender
E o fizesse feliz!

*
* *

Rui Bastos: talves fiques espantado
De não ficares aqui muito queimado,
Mas eu não faço isso a um Amigo.

E se um dia encontrares alguma bela,
Não hesites, rapaz! Foge com ela,
Porque serás feliz — e ela contigo!

FLÁVIO SERZEDELLO DE OLIVEIRA

P. S. — O «borrachinho implume»
De que o poeta falou,
Dei-lhe as penas... e ela as asas
Arranjou-as... e voou!

EU

Zélia Maria dos Anjos Gonçalves

Deus criou o mundo cheio de mistérios
Que jamais o Homem virá a desvendar.
E os poetas cantam e os poetas choram...
Choram este mundo, cantam os mistérios
E os mistérios ficam sempre a perdurar.

Oh que majestade a da rocha dura
Austera, mas bela na sua altivez.
Podem lapidá-la, podem transformá-la
Podem dar-lhe forma que a rocha, de dura
Ao sentir, reage na sua mudez.

É sempre mistério o que se ignora
Por mais que a treva se faça sondar.
E o mistério é assim: é sempre mistério
É o amor, o céu e p'ra mim, agora,
É mistério *alguém* que eu não sei cantar.

Pode vegetar-se preso à Natureza
E deixar o espírito p'ro além fugir.
Que nós ao subirmos, grãos da Natureza
Em voos de ensaio, por maior destreza,
Antes das alturas vimos a cair!

Vive-se e estuda-se para aguentar
Com o corpo e alma toda esta quimera.
A quimera é a vida, um só labutar
No inverno frio sempre a desejar
Que um pouco além sempre surja a Primavera...

Vamos rir, folgar e a Poesia
Deixemo-la assim, como ela é:
Linguagem bela, de sonho, magia,
Como a de Antero, que na Poesia
Chega até nós por um Villaret.

Deus criou o mundo cheio de mistérios
E eu sou mistério porque sou de Deus.
E de si, mistério, que iria eu dizer,
Se da sua vida eu fosse tecer
Teias de mistérios... quais misterios meus?

R. B.

A Zélia Maria,
Nascida lá nas Beiras,
Um dia pretendeu
Formar-se em matemáticas.
Mas cresceu, aprendeu,
O sonho dissipou,
E acabou por deixar
De pensar em ciências formais
Ou dogmáticas.

Mas não largou os números
E veio p'ra Farmácia...
(Claro! P'ra fazer sinapismos
E o preço dos mesmos
É preciso lidar com *algarismos!)*

Trabalhar?... oh quantos dias
De trabalho o ano tem?
Estudar?... outros que estudem,
Que eu não fiz mal a ninguém!

P'ra exames não pudemos
Derreter em estopadas.
Demais a mais nós sabemos
Haver segundas chamadas.

Nada mais inoportuno
E ao estudo mais travesso
Do que termos já um cartão
De doutores... no Congresso!

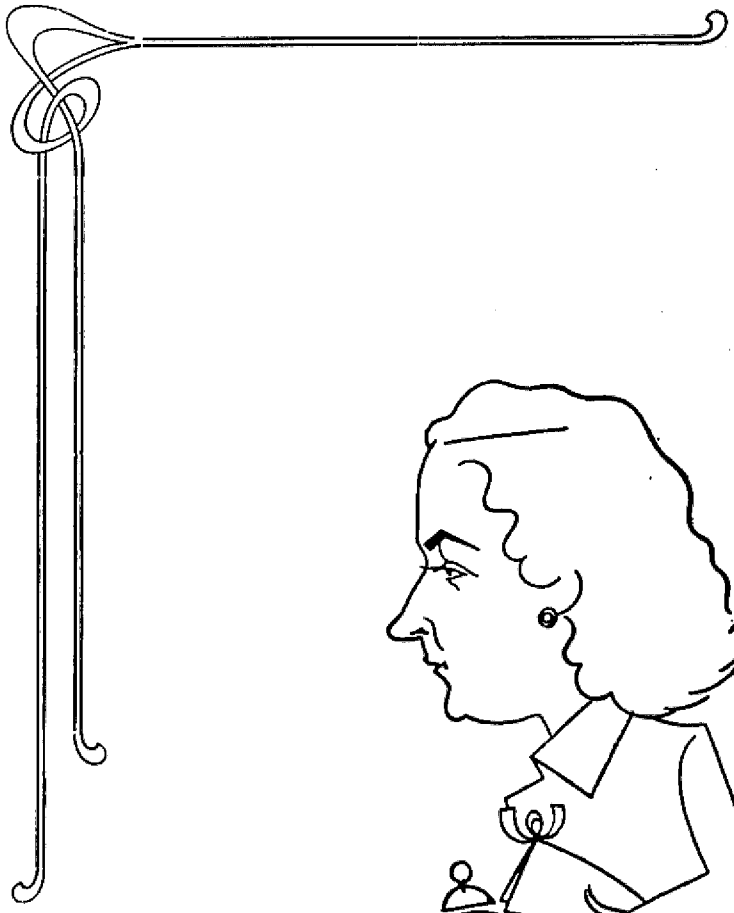
(E a Zélia sabe que assim é...)

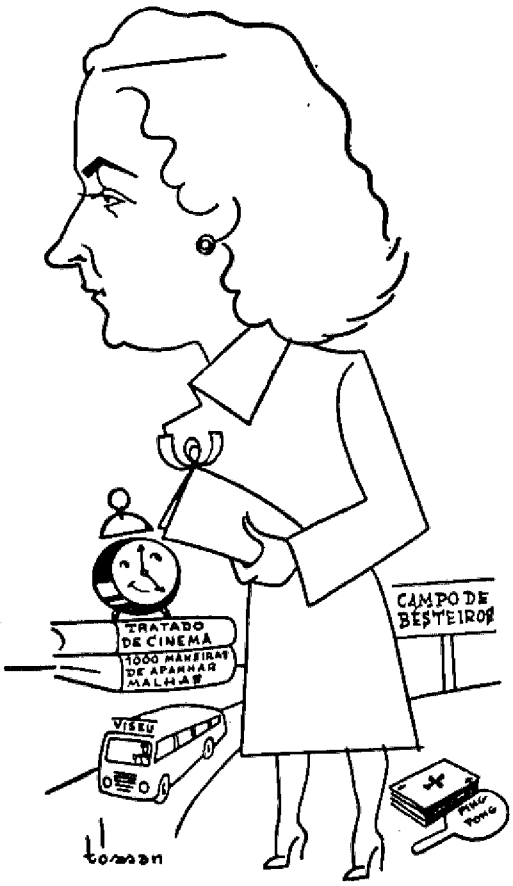
Serenatas da Sé Velha
Levais-lhe a ela o sossego...
Haverá qualquer centelha
Que a prenda ao Mondego?

(Só a Zélia sabe se é...)

Venha boa poesia
E ei-la delirante, a sonhar!
Acordai, Junqueiro ou Florbela,
Que a Zélia Maria
Quer mais da vossa poesia
P'ro Villaret recitar
P'ra galeria do «S. João».
De amores não sei;
Porém, vou afirmar:
Feliz do que um dia
A Zélia Maria
Conduzir ao altar...

RUI BASTOS




TRATADO DE CINEMA
1000 MANEIRAS DE APANHAR MALHAS
CAMPO DE BESTEIROS
VISEU
PING PONG
tossan

Irene Amélia Duarte Silva Carvalho

Queima das Fitas. Sai o Cortejo...
É a alegria que em nós se evola.
E no curso, findo, em que me revejo
Sai esta doutora, de laço e bengala
Toda imponente na roxa cartola.

O sorriso é máscara? — Não! A Irene é assim
A vida p'ra ela é festa pegada...
Exames ou não, mas isso que interessa
Optimismo a rodos, essa é que é essa
P'ra que os escolhos caiam de enfiada.

Se há bailes... pronto! Vamos a excursões
Já que o dinheiro permite o acesso!
É folgar, é rir, viver emoções
Cultivar o espírito, dando-lhe lições
Como as aprendidas no último Congresso!

'Inda há sebentas para devorar?
Noites concentradas de insânia vigília?
A Bromatologia vamo-la olvidar,
Já que o pingue-pongue é p'ra se jogar
Com o Rui ou Bentes, Nélio ou Otília...

Virá o canudo, símbolo de Ciência
De ardor, de luta, de ócio, de tudo...
Vamos rir, sorrir, pois a competência
Sem folgar e amar não tem influência
P'ra vencer na vida — um maior canudo!

Doutora!... É assim. Se há quem amar
E um diploma não vale sòzinho,
É folgar, é rir, mesmo gargalhar...
E só um conselho toca a apressar
E fazer, mais *ele*, o futuro ninho.

Do «Fixe»

RUI BASTOS

Lúcio de Almeida e Albuquerque

Numa terrinha perto de Viseu
Foi que o Lúcio nasceu
Em dia de nevada.
Talvez por isso, desde esse momento
Ficou tão macilento
E da cor da geada.

E um dia p'ra Coimbra foi estudar;
Mas também foi treinar
Os dotes de galã.
Por isso, cá no Porto o anzol deitou
E ao fim sempre pescou
«Alguém» da Covilhã!...

Tem muito gosto para se vestir
E aprendeu a sorrir
Com ar castigador;
E quando veste um fato espampanante
E gravata flamante
É mesmo sedutor.

Mas fica inteiramente transformado
Quando está equipado
Como futebolista,
Pois é tão magro e cor de pó-de-arroz,
Que o Lúcio a todos nós
Até faz mal à vista!

Duma partida há pouco inda jogada,
A sua namorada
Disse estas frases secas:
«—Escusam de pensar! Eu não vou ver,
Porque ele deve ser
Uma vergonha em cuecas!...»

É muito bom rapaz, segundo «dizem»;
Mas quero que me «avigem»
Se poderei «dizer»
Que tem uma doença — e epidémica —
Pois chora se a Académica
Algum jogo perder!

É um aluno muito regular
E — creio — vai casar
Mal acabar o Curso.
Depois não digam que não vale a pena,
Por 'mor duma pequena
Um tipo armar em «urso!»

*

* *

Caro Lúcio: perdoa ao teu sincero amigo
Meter-se assim contigo
E não lhe dês pancada,
Pois ele só deseja, ao teu futuro inteiro,
Saúde, amor, dinheiro...
...E basta filharada!

FLÁVIO SERZEDELLO DE OLIVEIRA

Lúcio de Almeida e Albuquerque

Maria Helena Pimentel Coelho

Como é boa pequena
Depois de muito pensar
P'ra vontade lhe fazer
Uns versitos vou tentar.

Pequenina de estatura
Grande em talento e ciência
Prova bem não ser pela altura
Que se mede a sapiência!

É muito boa mocinha
Mas tem um grande senão
Do mais simples grão de areia
Faz uma complicação.

Tem livre o seu coração
Ainda está desocupado
Mas tomai muita atenção
Cuidado, muito cuidado...

Porque a minha Leninhas
Sendo moça de tentar
É terreno muito firme
Difícil de conquistar...

Sabe rir, dançar, brincar
Esta amostra de doutora
Na altura tem de esticar
P'ra ficar uma senhora.

Por hoje nada mais digo
Com votos de felicidade
Termina aqui os seus versos
Esta amiga de verdade.

Com muitos Russicos da

MARIA DO CARMO

Maria Otília de Abreu Ferreira Marques

Segunda-feira... Chega a Otília à Faculdade,
Vinda de Negrelos.
Não sei se é do Ave
Ou lá que é,
Que quando ela vem,
Assemelha alguém
Que está a dormir em pé!

Sobe à Associação da nossa Carvalhosa,
Cumprimenta os «Fixes» todos
E animosa,
Joga o pingue-pongue
Com os ditos «Fixes».
E embora não acrediteis
Nesta verdade
É grande a sua mobilidade
Mai-la a segurança...

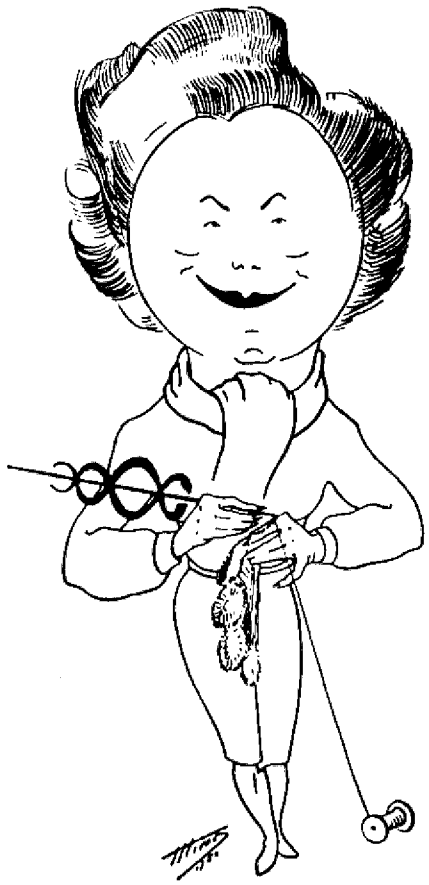
Já um dia eu disse o que ela era,
E agora direi o que ela é.
Já gosta de bailes e de passear
E até um dia, já ouvi contar
Que alguém no Colégio em que ela vive
A destinou
Para olhar pelas caloiras
Que iam a um baile
Lá para a Foz...
(E aqui para nós: Soube-as guardar
E guardar-se a si...)

Parecia uma Gata Borralheira
Quando no começo!
Agora o que interessa
Não é bem o formar-se, que está certo...
Mas é arranjar uma inscrição
Já para o próximo Congresso.

(E que Congresso!) Queima das Fitas...
Como sabe bem gozar!
Agora é só o canudo
Que já não deve tardar,
Para a Otília festejar
Em Negrelos o sucesso.

O seu coração não sei,
Se já alguém o tomou.
Mas citar já poderei,
A quem *tampos* disparou!

RUI BASTOS



Maria Armanda Oliveira Pinheiro

É tão boa rapariga
Que um poema merecia!
Por isso só tenho pena
De não a poder cantar
Com engenho e mestria...

Vem da Foz e é dos «Fixes»,
Grupo de perpetuar.
Pois quem poderia a Armanda,
A Irene e a Otília,
A Lénita e mais os outros
Vir um dia a olvidar?

Vinho do Porto em casa,
Afinal será só dela?
Não, não é, é dos colegas
Que a forem visitar...

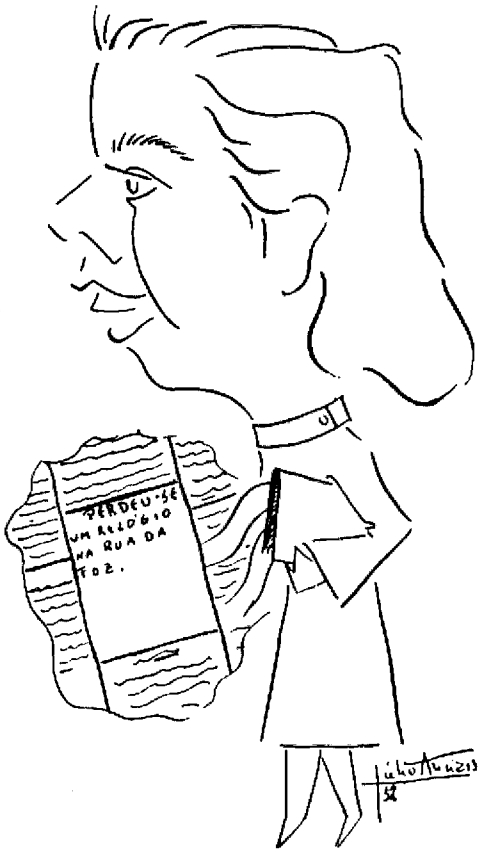
E o ferro de engomar?
É também da «coelhinha»
E também pode ser teu
Se o vieres a precisar...

Vamos jogar pingue-pongue,
Com alarido e banzé.
Mas, cuidado, cuidadinho,
Podemos torcer um pé...

E andaremos, andaremos
Ligadura assim, assim,
E afinal acabaremos
Por não ir ao Ibraim...

Doutora, pronto, não falo
No que me veio pedir.
Por isso digo: *são horas*
Para *idílio* arranjar
E este livro sair.

RUI BASTOS


PERDEU-SE
UM RELÓGIO
NA RUA DA
TOZ.

EPÍLOGO

Sinto que vamos partir
Da velhinha Faculdade
Mas levamos diplomas,
Fabricados de ciência,
Coloridos de saudade...

As fitas das nossas pastas,
Que ao vento desfraldaram,
O tempo foi-as queimando
E em cinzas foram ficando,
Ou em fumo se evolaram.

Mas ainda, ao fenecerem,
No fogo dos corações
Eu vi sonhos de criança...

E a cor com que ardiam,
Era a cor das ilusões,
Era o verde... a cor da esp'rança!...

RUI BASTOS